

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano

*A perfeição expressa na carne:  
A educação física no projeto eugênico de Renato Kehl – 1917 a 1929*

André Luiz dos Santos Silva

Porto Alegre / 2008

André Luiz dos Santos Silva

*A perfeição expressa na carne:  
A educação física no projeto eugênico de Renato Kehl – 1917 a 1929*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre / 2008

## *Agradecimentos*

O momento de agradecer, às vezes, envolve o risco de sermos traídos pela memória. Entretanto, passados dois anos de mergulho numa narrativa histórica, penso que as lacunas deixadas pelo esquecimento não devem ocasionar abandono do exercício de recordar; ao contrário, tornam a investigação mais atraente.

Diante desta circunstância, assumo o risco, seduzido pela possibilidade de agradecer àqueles que auxiliaram este texto a ganhar corpo.

Agradeço às mulheres que, com carinho e firmeza, imprimiram suas marcas: Andrea Moreno, Paula Habib, Helena Silveira e, em especial, minha orientadora Silvana Goellner.

Agradeço à minha família, em especial minha mãe Laurinda, minha irmã Márcia e meu grande amigo Dedé.

Aos membros do grupo de pesquisa.

Aos meus amigos.

E por fim, à CAPES.

## Sumário

<i>Lista de Figuras</i> .....	<i>v</i>
<i>Resumo</i> .....	<i>viii</i>
<i>Abstract</i> .....	<i>ix</i>
<i>Apresentação</i> .....	<i>10</i>
<i>1. Marcas da História;</i> .....	<i>24</i>
<i>2. “Há os que confundam Eugenia com educação física”: As concepções eugênicas de Kehl pós-1929.</i> .....	<i>36</i>
<i>2.1. Nasce a ciência dos bem nascidos</i> .....	<i>50</i>
<i>3. A Eugenia mestiça: Saneamento, higiene e educação física no tempo em que “sanear é eugenizar”</i> .....	<i>55</i>
<i>3.1 A Eugenia no Brasil: Cores e formas verde e amarela</i> .....	<i>58</i>
<i>4. “O Homem e a Mulher normaes”: O referente masculino e a obrigação de ser bela.”</i> .....	<i>77</i>
<i>5. Para “proteger a humanidade do cogumelar de gentes feias”: a ginástica em trajés simples e a “educação plástica da forma”</i> ....	<i>107</i>
<i>Considerações finais</i> .....	<i>124</i>
<i>Referências</i> .....	<i>129</i>

## *Lista de Figuras*

*Figura 1:* Ian Torpe.

*Fonte:* <http://www.portrait.gov.au/exhibit/dof/lrg/12.jpg>.

*Figura 2:* Time Oi.

*Fonte:* [www.oi.com.br](http://www.oi.com.br).

*Figura 3:* A Eugenia como uma árvore.

*Fonte:* KEHL, R. *Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1933, s/p.

*Figura 4:* Você também é feito de histórias, 2006.

*Fonte:* <http://www.feiradolivro-poa.com.br/imagens/CL-002-06Y%20-%20Cartaz.jpg>

*Figura 5:* Laboratório de antropometria.

*Fonte:* [www.galton.org](http://www.galton.org).

*Figura 6:* Tipos de características prevalentes entre homens condenados por furto (sem violência).

*Fonte:* [www.galton.org](http://www.galton.org).

*Figura 7:* De Fernando de Azevedo para Renato Kehl, 20/10/1919.

*Fonte:* Acervo da Casa Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivos e Documentação – Fundo Renato Kehl.

*Figura 8: De Fernando de Azevedo para Renato Kehl, 22/07/1922.*

*Fonte: Acervo da Casa Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivos e Documentação – Fundo Renato Kehl.*

*Figura 9: De Fernando de Azevedo para Renato Kehl, 22/07/1923.*

*Fonte: Acervo da Casa Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivos e Documentação – Fundo Renato Kehl.*

*Figura 10: Banho de sol na Allemanha, 1927.*

*Fonte: KEHL, R. Remédio N° 2. In: Revista da Semana. Rio de Janeiro: 3/12/1927. Acervo da Casa Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivos e Documentação – Fundo Renato Kehl.*

*Figura 11: “O Veneno N° 01”.*

*Fonte: KEHL, R. O Veneno N° 01 In: Revista da Semana Rio de Janeiro 07/01/1928, p. 14. (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).*

*Figura 12: Proporções normais para o corpo feminino.*

*Fonte: KEHL, R. A Cura da Fealdade: Eugenia e Medicina Social. São Paulo: Monteiro Lobato &CO Editores. 1923a, p. 91.*

*Figura 13: “Mulher bela... quando vestida.”*

*Fonte: KEHL, R. Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.*

*Figura 14: “Corpo de uma atleta”*

*Fonte: KEHL, R. Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.*

*Figura 15: Obesidade*

*Fonte: KEHL, R. Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.*

*Figura 16: “Expressiva curvatura do corpo”.*

*Fonte: KEHL, R. Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.*

*Figura 17: Exercício ao ar livre.*

*Fonte: KEHL, R. Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.*

*Figura 18: “Tres irmãs rachiticas com deformidades osseas”.*

*Fonte: KEHL, R. A Cura da Fealdade. Eugenia e Medicina Social. São Paulo: Monteiro Lobato &CO Editores. 1923a, p. 341.*

*Figura 19: Concurso de Miss.*

*Fonte: KEHL, R. Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.*

*Figura 20: Exercícios ginásticos.*

*Fonte: KEHL, R. Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.*

*Figura 21: “Salto de agilidade”*

*Fonte: KEHL, R. Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.*

*Figura 22: Discóbolo.*

*Fonte: KEHL, R. A Cura da Fealdade: Eugenia e Medicina Social. São Paulo: Monteiro Lobato &CO Editores. 1923a, s/p.*

## *Resumo*

Neste estudo, a história das atividades físicas sistemáticas é investigada em meio aos escritos do médico, farmacêutico e eugenista, Renato Kehl. Com o intuito de interpretar a relação entre Eugenia e educação física nos vestígios deixados por esse autor, debruicei-me sobre seus livros, artigos de jornais, revistas, publicações em congressos, além de cartas e postais que datam de 1917 a 1929. Fundamentado nas concepções historiográficas da História Cultural, procurei mostrar que o projeto eugênico de Kehl recebe o auxílio dos exercícios físicos sistemáticos para disseminar noções eugênicas. Procurando “pinçar” das obras deste eugenista os fragmentos que se referem à educação física, construí um mosaico, cujo sentido aponta para a perfeição física. A presença dos corpos mal acabados, atrelados à inatividade, serve para referenciar o belo e o perfeito. Gordas, sedentárias, alcoólatras, sífilíticos e tarados não eram vistos em poucos trajés, exercitando-se ao ar livre; entretanto, seus corpos são fundamentais para dar devida centralidade ao “homem puro-sangue” e atribuir às mulheres o imperativo da beleza. Ao lado dos concursos de miss, da moda em poucos panos e da exposição de belos corpos na praia, a educação física evidencia membros bem torneados, músculos trabalhados, graça, beleza, força e robustez; atribui ao corpo eleito por Kehl valores como disciplina e saúde, concorrendo, assim, para a educação ‘estética’ do povo. Evidenciando a perfeição, os exercícios físicos ensinam quais os “verdadeiros” atributos da formosura, ensinando jovens e adultos a escolherem devidamente bons maridos e boas esposas. Em meio ao processo de educação da sensibilidade para a beleza eugênica, a educação física, ao lado de outras formas de exposição do belo, vincula-se ao projeto de “Eugenia positiva” arquitetado por Renato Kehl.

Palavras-chave: Eugenia, educação física, corpo.

## *Abstract*

In this study, the story of the systematic physical activities is investigated through the writings of Renato Kehl, doctor, pharmacist and eugenicist. Aiming to interpret the relation between Eugenics and physical education among the traces lefts by this author, I researched his books, newspaper articles, magazines, congress publications, as well as letters and postcards from 1917 to 1929. Based on the historiographyc conceptions of the Cultural History, I seeked to show that Kehl's eugenic project was assisted by the systematic physical exercises to disseminate eugenic notions. Attempting to take the fragments that refer to physical education from the work of this eugenicist, I built a mosaic directed towards physical perfection. The presence of poorly built bodies, tied to inactivity, serves to referenciate de the beautiful and the perfect. The Fat, the Sedentary, the Alcoholic, the Syphilic and the Perverted, were not seen in revealing clothes, exercising outdoors; never the less, their bodies were essential to centralize the "pure blood man" delegate beauty's imperative to women. Next to the beauty pageants, the revealing fashion and the exposing of beautiful bodies at the beaches, physical education evidenciates well trimmed limbs, built muscles, grace, beauty, strength and toughness; which gives the body type elected by Kehl values like discipline and health, aiding the aesthetic education of the people. By manifesting perfection, physical exercises teach which are the "true" attributes of fairness, instructing people to choose proper spouses. In the middle of the education process towards the sensitivity to the eugenic beauty, physical education, next to other forms of exposing the beautiful, is tied to the "Positive Eugenic" project thought by Renato Kehl.

Key-words: Eugenics, physical education, body.

## *Apresentação*

O Órgão Especial do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, por unanimidade, julgou, nessa segunda-feira, inconstitucionais as expressões contidas nas leis orgânicas dos municípios de Barra do Quaraí e Uruguaiana, que determinavam estímulo à “educação eugênica” (...) Outras cinco Ações Diretas de Inconstitucionalidade (ADIns) com o mesmo objetivo estão em tramitação no TJ e referem-se aos municípios de Passo Fundo, Riozinho, Ernestina, Ciríaco e Multiterno. (Correio do Povo – 13/11/2007)

13 de novembro de 2007. O pedido de inconstitucionalidade da expressão “educação eugênica”, contida nas leis orgânicas de alguns Municípios gaúchos, é feito 124 anos após o surgimento da palavra Eugenia<sup>1</sup> e aproximadamente setenta anos após o genocídio de Hitler. O incentivo à “educação eugênica” incorporou-se às diretrizes daqueles Municípios e, apesar de constar, desde a Constituição Federal de 1891, que “Todos são iguais perante a lei”, somente na primeira década dos anos 2000 esta expressão recebe o pedido de supressão. A Eugenia ainda está presente, esquecida em algumas leis orgânicas municipais, inominada em algumas práticas corriqueiras no nosso dia-dia, travestida em novas tecnologias, porém ainda legitimada pela ciência e a possibilidade do “progresso”.

Pietra Diwan (2003) nos aponta o suposto nascimento do primeiro bebê clone – Eva, uma menina que representa a ânsia técnica e o desenvolvimento científico, citando juntamente com os procedimentos da “Célula Tronco”, mapeamento do DNA, terapias e doppings genéticos para um universo neo-eugênico.

O novo eugenismo adentra diversas instâncias do nosso cotidiano; fazendo-se, muitas vezes, imperceptível em meio aos códigos e mecanismos deste nosso tempo. Reinventada pelo saber biológico e médico, a Eugenia povoa os jornais e revistas de grande circulação, sensibiliza pela imagem e som da TV, projeta um universo de

---

<sup>1</sup> Ciência da melhoria da raça. Mais adiante retomarei este conceito.

possibilidades cinematográficas como nos casos de “Blade Runner (1982)<sup>2</sup>, “O Exterminador do Futuro”(1984)<sup>3</sup> e Gattaca (1997)<sup>4</sup>. Assim:

(...) vemos a ciência percorrendo uma direção eugênica, porém um eugenismo contemporâneo que não mais exclui com a morte os não-arianos. O novo eugenismo traz uma proposta de inclusão pautada na idéia do artifício, em que o corpo não precisa ter a melhor bagagem genética. Um ser eugênico não é mais aquele que nasce com os melhores genes; agora basta o apoio da ciência para tornar-se eugênico. (SILVA e MORENO, 2005, p. 135)

Algumas falas que, há décadas, envolveram esta Ciência circulam cotidianamente, fazendo-nos repensar a distância temporal. Convicções de que os organismos biológicos evoluem, somadas à crença em um poder sem limites da ciência, ainda conferem sentido à Eugenia, fazendo-nos pensar na criação de super-homens. Corpos fortes, poderes superiores e melhores adaptados povoam nossas expectativas e presentificam falas como as de Renato Kehl<sup>5</sup>, datadas de 1922.

A sciencia conseguiu provar que a espécie humana evoluiu e continuará a evoluir; que podemos com seu auxilio, apressar incalculavelmente essa evolução para um aperfeiçoamento ideal, mesmo superior àquele atingido na era olympica da Grécia (...) (p.15)

Ao referir-se à “era olympica da Grécia” Kehl (1922) nos diz que o campo esportivo constitui-se como um privilegiado espaço a dar visibilidade ao aperfeiçoamento humano. Segundo Soares (2001) e Fraga (2001) atualmente os esportes ganham os contornos do *marketing* e das novas tecnologias, conferindo, assim, outros tons ao desenvolvimento corporal. As provas de força, resistência e todo o treinamento aos quais os atletas são submetidos imprimem em seus corpos as marcas do atual estado evolutivo da espécie. Na envergadura de Michel Phelps<sup>6</sup>, leio as inscrições de um corpo melhor adaptado; sobre a pele de Ian Torpe<sup>7</sup>, a tecnologia se encarrega de operar a fusão de seu corpo ao meio líquido.

---

<sup>2</sup> Dirigido por Ridley Scott.

<sup>3</sup> Dirigido por James Cameron.

<sup>4</sup> Dirigido por Andrew Niccol.

<sup>5</sup> Médico e farmacêutico considerado o eugenista mais proeminente do Brasil.

<sup>6</sup> Nadador norte americano.

<sup>7</sup> Nadador australiano.



Figura 1: Ian Torpe<sup>8</sup>

Nos esportes, a potencialização dos corpos ganha vulto, podendo coroar uma reviravolta, alterando as noções que atualmente se baseiam nas teorias sobre o treinamento. Os profundos conhecimentos sobre o genoma humano, Biotecnologia etc. vislumbram todas essas possibilidades, fazendo surgir diversas discussões acerca da liberação do doping no esporte e a criação de atletas geneticamente modificados.

Futuro do esporte – Como será o atleta? Robótica, Nanotecnologia e Genética serão capazes de construir super-homens, com genes modificados, células artificiais e aptidões preestabelecidas (FOLHA DE SÃO PAULO, 25/06/2000, p.02);

Revolução tecnológica: em cena que parece ter saído de filme de ficção científica, o nadador australiano Ian Thorpe testa seu uniforme inteiriço (...) (O ESTADO DE MINAS, 02/05/2004, P. 34);

A nova conquista do corpo: cientistas debatem terapia genética que dá potência muscular e vai revolucionar o esporte (O GLOBO, 15/08/2004, s/p.)

Os atuais investimentos no esporte de alto rendimento identificam os atletas como seres superiores, quase ficcionais. Algumas campanhas publicitárias apontam seus corpos como adulterados geneticamente, frutos de uma mutação que lhes confere determinados poderes. Os heróis dos quadrinhos cedem lugar aos super-atletas.

---

<sup>8</sup> Disponível em <http://www.portrait.gov.au/exhibit/dof/lrg/12.jpg>, acesso em 11/01/2007.



Figura 2: Time Oi<sup>9</sup>

Punhos de aço, membrana entre os dedos, pernas e braços adaptados ajudam a dar outro tom ao desenvolvimento corporal. Dopping, injeções tecnológicas, modificações genéticas: tudo isso confere outros códigos à Eugenia, assumindo novas tendências e significados. O que vemos chamando de novo eugenismo<sup>10</sup> deu acesso a esta investigação, incitando entender um pouco mais sobre essa Ciência e seus vínculos com a Educação Física<sup>11</sup>.

Neste movimento em direção à Eugenia, debruço-me sobre os vestígios deixados por ela, buscando fragmentos datados das primeiras décadas do século XX. Olho para a Eugenia, olho para os corpos gestados sob suas diretrizes. Olho, sobretudo, para a educação física, o que revela minhas sensibilidades e ajuda a configurar o tom do texto que constitui esta narrativa.

A história da Educação Física tornou-se, para mim, um interessante campo de estudo, por onde tenho transitado<sup>12</sup>. Já nas primeiras leituras e nos contatos com os

<sup>9</sup> Disponível em [www.oi.com.br](http://www.oi.com.br) acesso em 19/08/2007.

<sup>10</sup> Refiro-me a um ensaio intitulado “Frankenstein e *Cyborgs*: Pistas no caminho da ciência indicam o ‘Novo Eugenismo’” (SILVA e MORENO, 2005).

<sup>11</sup> Ao longo desta dissertação utilizo “Educação Física” para designar uma Área de intervenção e conhecimento que problematiza, num espaço próprio de produção de sentidos, as diversas práticas corporais (jogos, danças, esportes, ginásticas, atividades lúdicas recreativas etc). Quando utilizo o termo “educação física”, refiro-me às práticas físicas eleitas, no início do século XX, por Renato Kehl e, apesar de tais práticas serem identificadas como científicas, não designam Área, ou ainda, não designam um Campo autônomo. Penso essa diferenciação, a partir de algumas noções trazidas por Paiva (2005). Aponto ainda que, neste texto, utilizo educação física como sinônimo de ginástica, exercícios físicos sistemáticos, exercícios ginásticos e atividades físicas sistemáticas. Entendo que acerca dos termos Exercício Físico e Atividade Física há, atualmente, um grande debate na Área; concebo, também, que há esforços na tentativa de conceituá-los fundamentados, sobretudo, em questões contemporâneas, o que pode ser visto em Gonçalves e Basso (2005). Entretanto, os usos que faço desses termos remetem a uma série de movimentos corporais, cujos sentidos foram gestados no início do século XX, uma noção diferente dos atribuídos a eles, atualmente.

<sup>12</sup> Refiro-me aos textos: “Entre Lamarck e Mendel: Olhares eugênicos sobre a Educação Física” (SILVA, 2007); “‘Saúde, Belleza, Robustez e a Educação Physica’: A Construção de uma sensibilidade eugênica.” (SILVA, MORENO e HABIB, 2006)

autores, minha atenção voltou-se para as vertentes médicas, especificamente ao que dizia respeito ao Higienismo e à Eugenia.

Falar da constituição da Área vinculada às ciências médicas, sobretudo ao Higienismo e à Eugenia, é impossível, sem pensar nos estudos de Soares (1994), Góis Júnior (2003), Paiva (2003) e tantos outros que ajudaram a reconstruir a história destas relações. Com olhares, sensibilidades e em momentos diferentes, cada autor trouxe para o diálogo acadêmico as reconstruções desse campo, dando visibilidade às marcas gestadas com essas ciências, mostrando sua forte influência nas teorizações e práticas da Educação Física. O enfoque desses autores delimitou o Movimento Médico Higienista e apesar de identificar e mostrar ao campo acadêmico os possíveis diálogos com a Eugenia, esta ciência não foi eleita como norte de seus estudos<sup>13</sup>.

Talvez, pensar uma separação entre Eugenia e Higienismo, no Brasil, possa soar um pouco estranho; afinal, neste país, a Eugenia guardou diversas semelhanças e vínculos com os movimentos Higienista e Sanitário (STEPAN, 1996). Entretanto, um olhar um pouco mais cuidadoso revela alguns elementos típicos de vertentes eugênicas que merecem um vagar sobre seus escritos.

Eleger a Eugenia, debruçar sobre seus vestígios, ver suas nuances, identificar seus pressupostos é fundamental para interpretarmos mais um elemento que marcou e ajudou a constituir a Educação Física.

Minha sensibilidade constituída dentro das práticas corporais e esportivas, quando em contato com os primeiros textos eugênicos<sup>14</sup> gerou a mesma impressão que tive quando vi a imagem abaixo. Meu olhar percorreu seus detalhes, reconstruiu seus significados e, de súbito, vi-me questionando: onde está a educação física? Qual o seu espaço – se é que possui algum – em meio às raízes que sustentam a Eugenia? Sem elementos para responder a estas perguntas encontrei-me, num primeiro momento, problematizando as relações entre as duas temáticas.

---

<sup>13</sup> A temática da Eugenia vem sendo debatida em vários programas de Pós-Graduação no Brasil; entretanto, estudos sobre a Eugenia que focalizam a figura de Renato Kehl são mais escassos. Dentre os importantes estudos que abordaram, especificamente, a trajetória de Kehl, aponto: Nalli (2002), Diwan (2003) e Souza (2006). Cabe ressaltar que nenhum destes autores pertencem à Área da Educação Física ou evidenciaram as atividades físicas sistemáticas em seus textos. Devido à carência de textos que tratem do tema da Eugenia na historiografia da Educação Física, optei por tecer mais detidamente, ao longo dos capítulos II e III, o contexto da Eugenia, no Brasil, assim como o percurso de Renato Kehl.

<sup>14</sup> Falo especificamente de fontes históricas – textos, livros e artigos escritos pelos próprios eugenistas brasileiros no início do século XX.

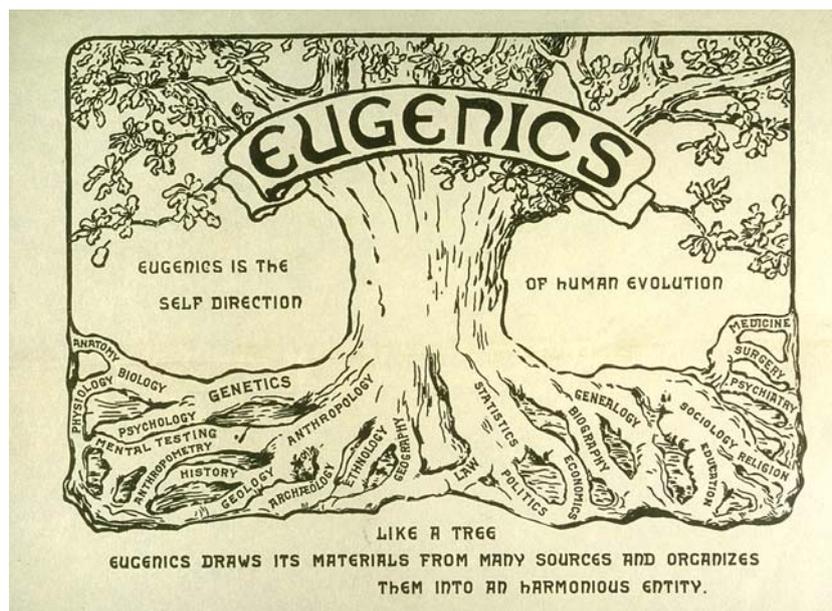


Figura 3: A Eugenia como uma árvore<sup>15</sup>

Neste sentido fui percebendo que a Eugenia surgiu como movimento político-científico que visava a melhorar a condição racial. Inspirada no controle do cruzamento seletivo, muito utilizado na agricultura, propunha aplicá-lo à espécie humana. Seu *status* de ciência estabelece-se, sobretudo após o surgimento da Genética, nos idos 1900. Esta ciência apóia-se sobre dois aspectos, um científico, no qual as teorias eugênicas foram gestadas e um político, em que os resultados desses estudos chegam a um âmbito público por meio de medidas estatais de intervenção (STEPAN, 1996).

Muito mais que fruto do resultado de uma série de estudos que se caracterizaram como científicos, a partir de meados do século XIX, a Eugenia consolida-se em meio a discursos raciais muito em voga nesse período. Segundo Schwarcz (2004), na virada do século XVIII para o século XIX, ocorre uma reorientação na ordem dos pressupostos iluministas de igualdade. Toda a tradição igualitária, advinda da revolução francesa que via os diversos grupos como povos e nações, é repensada face ao “avanço” da Biologia.

A partir de meados do século XIX a Biologia dá corpo às teorias poligeistas, apontando que a humanidade surge de grupos distintos<sup>16</sup>. Ao contrário do pensamento de origem una, proposta, até então, pelos monogeistas, o ser humano não descenderia de

<sup>15</sup> KEHL, R. *Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1933, s/p. Emblema do II Congresso Internacional de Eugenia realizado em Nova York 1921.

<sup>16</sup> Segundo os poligeistas, as diferenças entre as raças são fruto de origens distintas. Os pensadores que na época se ocupavam em estudar a origem do homem se vinculavam a duas grandes vertentes: a monogeista e a poligeista. Como dito, a força assumida pela vertente que propõe raças distintas devido a origens diversas é reforçada pelo advento da Frenologia e da Antropometria. (SCHWARCZ, 2004).

uma única origem. Pode-se dizer que as propostas monogeistas foram ventiladas pelas tradições religiosas e dialogavam bem com as propostas igualitárias e unitárias das revoluções burguesas.

A Eugenia surge em um terreno fértil, em que vários cientistas se enveredam nos caminhos da herança biológica, entre eles Thomas Malthus, que estudou as leis de invariabilidade biológica. Por volta de 1850, Prosper Lucas, cientista francês, em amplo estudo sobre a hereditariedade, focou atenção sobre a Genealogia, relacionando com caracteres mentais e morais de criminosos e delinqüentes (STEPAN, 1996). Os estudos destes cientistas vêm nos dizer de uma atmosfera propícia à abordagem de distinções raciais.

Em meio a esse contexto, a Eugenia estabeleceria significado com esse caldo de idéias e proposições que se faziam presentes naquela sociedade. Relataria sobre as raças e as hereditariedades, sobretudo evidenciaria o degenerado. Configurando-se como uma ciência, proporia, cientificamente, meios a melhorar e regenerar a raça humana, estando, então, fadada a desenvolver o melhoramento da espécie (BIZZO, 1995).

A partir do início do século XX começam a despontar, na Europa, as primeiras Instituições eugênicas. Algumas delas destinavam-se a investigações científicas, outras, a discutir e promover políticas e legislação em defesa de ideais eugênicos. Fundada em Berlim, em 1905, a primeira Instituição foi *The German Society for Race Hygiene*, depois surgiu *The Eugenics Education Society*, na Inglaterra, em 1907-1908, *The Eugenics Record Office*, nos Estados Unidos, em 1910, e a *French Eugenics Society*, em Paris, em 1912. Além disso, organizações e temas eugênicos acharam seus caminhos em Áreas científicas, tais como a Antropologia, Psiquiatria, e Sociologia; seções de Eugénias eram estabelecidas em muitas organizações representantes destas disciplinas (STEPAN, 1996).

No Brasil, apesar de as organizações eugênicas estabelecerem-se somente ao final da década de 1910, já se faziam presentes, por volta de 1900, discursos sobre a Eugenia. Nesse contexto havia alguns intelectuais que argumentavam em favor de uma melhoria racial por meio de boas condições culturais, assim como grupos mais radicais que pregavam práticas como segregação, esterilização e exames médicos pré-nupciais. A Eugenia brasileira configurou-se como uma ciência polimorfa, múltipla e heterogênea, constituindo-se como um movimento complexo, cuja gama de possibilidades abre o leque para uma infinidade de interpretações (NALLI, 2002).

No rastro dessas discussões, buscando enlaces com as práticas corporais, fui levado a “conhecer” alguns autores eugenistas, suas propostas e relações, processo que me conduziu às obras de Renato Ferraz Kehl (1889 – 1974). Médico e eugenista, Kehl gesta, no interior de suas obras, discussões sobre a educação física. Dentre os autores eugenistas a que tive acesso<sup>17</sup>, Kehl foi quem conferiu maior atenção aos exercícios ginásticos.

Nascido em Limeira, interior de São Paulo, onde viveu e concluiu os primeiros anos de sua vida escolar, Renato Kehl, de orientação católica, pertencia à classe média paulista. Filho de Rita Cássia Ferraz Kehl e Joaquim Maynert Kehl, Renato decidiu, mais tarde, seguir os passos de seu pai. Médico formado pela Escola de Medicina de São Paulo, Joaquim Kehl adotou o ofício de farmacêutico, devido a seu interesse por Química, Botânica e Farmácia. Tornou-se importante empresário, sendo eleito, em 1920, presidente da Sociedade União Farmacêutica de São Paulo, além de contribuir para a construção de um grande compilado de receitas e medicamentos chamado “Farmacopéia Paulistana” (SOUZA, 2006).

Em 1909, Renato Kehl forma-se farmacêutico pela Faculdade de Farmácia de São Paulo e apesar de ter trabalhado alguns meses no estabelecimento de seu pai, em Limeira, muda-se, em 1910, para o Rio de Janeiro para estudar Medicina. Juntamente com Vladimir Ferraz Kehl, seu irmão mais novo, Kehl ingressa na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde foi possível conhecer importantes nomes da intelectualidade brasileira<sup>18</sup>. Após formados, Renato e Vladimir retornam a São Paulo, ostentando o cobiçado e prestigiado título de Doutor (SOUZA, 2006).

Ao longo do período em que cursava Medicina teve acesso a várias teorias que influenciaram seu pensamento, a saber: as leis de Darwin, Weismann, Lamarck, Galton, Agassiz, Spencer, dentre outros. Galton, dentre os tantos autores influentes a Kehl, pode ter sido um dos mais importantes para este intelectual, despertando seu interesse pelos discursos sobre raça, hereditariedade, evolução, degeneração e Eugenia<sup>19</sup>. Este despertar ocorre, sobretudo após 1912, quando, por ocasião do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, Kehl acessou as discussões via Anais do evento. Aproximadamente um ano

---

<sup>17</sup> Destaco Octávio Domingues – professor da Escola Agrícola Luiz de Queiroz em Piracicaba.

<sup>18</sup> Afrânio Peixoto (médico e escritor; muito conhecido por seus textos sobre Higiene), Belisário Penna (médico e um dos mais importantes líderes do movimento sanitarista), Eduardo Rabelo (Médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro) e Miguel Couto (Médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro), dentre outros (SOUZA, 2006).

<sup>19</sup> Mais adiante, no capítulo II, retomarei algumas passagens da vida e obra de Francis Galton.

depois, anexa a um estudo sobre Weismann seu primeiro texto sobre Eugenia<sup>20</sup> (SOUZA, 2006).

O então farmacêutico e recém formado em Medicina inicia uma ampla campanha de divulgação dos ideais eugênicos, a partir de fins da década de 1910. Seu primeiro passo nesta direção foi marcado pela conferência proferida em São Paulo, na Associação Cristã de Moços, em 1917. Integralmente publicada no “Jornal do Comércio<sup>21</sup>”, a referida conferência gerou ânimo neste intelectual para fundar uma sociedade eugênica. Em 1918, Kehl mobiliza a elite intelectual de São Paulo e funda, junto com Arnaldo Vieira de Carvalho<sup>22</sup> a Sociedade Eugênica de São Paulo<sup>23</sup>, importante conquista em direção a seu projeto de vulgarização dessa Ciência (SOUZA, 2006).

Autor de dezenas de títulos, Kehl publica obras como: “Tipos Vulgares” (1958), “Como escolher um bom marido”(1935a), Como escolher uma boa esposa” (1925), “Formulário da Belleza” (1927a), “A cura da Fealdade” (1923a), “Lições de Eugenia” (1935b); “Porque sou Eugenista” (1937a); “A Bíblia da Saúde” (1926a); “Melhoremos e Prolonguemos a Vida” (1922); “A Cura do Espírito” (1947), dentre outras.

Kehl construiu ainda um acervo que contém publicações em jornais e revistas, resenhas de livros, artigos científicos, cartas e postais que foram organizados por ele e, atualmente, constitui o Fundo Pessoal Renato Kehl, localizado na Casa de Oswaldo Cruz, COC/FIOCRUZ<sup>24</sup>.

Juntamente com os capítulos de livros e artigos, esse fundo pessoal revela o interesse de Kehl por diversos assuntos: Educação, Higiene, beleza, Saneamento e educação física, indicando relações com importantes pensadores das atividades físicas sistemáticas, como Fernando de Azevedo e Georges Hébert.

A partir de um primeiro olhar sobre algumas obras de Kehl<sup>25</sup> fui percebendo que os dizeres acerca da educação física não se limitavam a falar de “neutras” e “puras” práticas corporais sistemáticas. Estou querendo dizer que os textos escritos por esse autor carregam muito mais que a pretensa “neutralidade” das ciências.

---

<sup>20</sup> De acordo com Souza (2006) trata-se de um texto produzido quando Kehl ainda cursava Medicina, e, segundo seus anseios, esse texto se tornaria seu trabalho de conclusão de curso, o que não foi possível por se tratar de tão complexo assunto. Esse trabalho não chegou a ser publicado.

<sup>21</sup> Em 1919 este texto também foi publicado nos “Annaes de Eugenia”

<sup>22</sup> Médico e diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo.

<sup>23</sup> No terceiro capítulo desta dissertação me deterei um pouco mais sobre este assunto.

<sup>24</sup> Mais adiante farei maiores apontamentos sobre esse fundo pessoal.

<sup>25</sup> Especialmente estou me referindo à “A Cura da Fealdade” (Kehl, 1923a), Melhoremos e Prolonguemos a Vida (Kehl, 1922).

Encharcados de ensinamentos, valores e normas<sup>26</sup> morais daquele tempo, os dizeres eugênicos sobre as atividades físicas sistemáticas traziam nas leis “naturais” do crescimento e desenvolvimento, da Fisiologia e da hereditariedade elementos disciplinares, modos de ser e se portar. Suas obras carregam ensinamentos a constituírem homens, mulheres, mães, pais, filhos, cidadãos... Trata-se de um compêndio pedagógico que ensina pressupostos de raça, classe, gênero etc.

A vasta produção de Renato Kehl, entretanto, apontou que, ao longo das obras, sua escrita se modifica, tendo alguns marcos que delimitam fases. De acordo com Souza (2006) esse eugenista passou por momentos distintos ao longo de sua produção. Num primeiro momento, entre 1917 (ano da conferência proferida na Associação Cristã de Moços) e 1929 (ano de lançamento da primeira edição de seu “Lições de Eugenia”), Kehl deu a suas obras um tom muito mais “brando”, configurando uma “Eugenia preventiva” disposta a informar e sensibilizar sobre a causa eugênica, buscando vínculos com o Saneamento, Educação e Higiene.

Dentre os vários livros produzidos por Kehl, neste momento acho significativo citar “A Cura da Fealdade” (1923a), cujas páginas foram recheadas por imagens e textos elucidativos totalmente disponíveis aos “leigos”. Nessa obra e especificamente no capítulo intitulado “*Saúde, Belleza, Robustez e a Educação Physica*” fui percebendo, nos discursos sobre a exercitação física, diversos elementos capazes de auxiliar num processo de educação das noções de corpo em favor de um ideal de beleza eugênico (SILVA, MORENO e HABIB, 2006). Outro importante exemplo dessa fase é o livro “A Fada Higia” (1923)<sup>27</sup>, destinado às crianças. Seus desenhos e textos simples possibilitavam mesmo aos cidadãos, em mais tenra idade, acesso às idéias e ideais eugênicos.

Ao longo do período situado entre 1917 e 1929, é possível perceber em Kehl uma escrita que buscava abarcar diversas práticas e Áreas do conhecimento, mesmo que não dialogassem tão bem com os pressupostos mendelianos da Eugenia<sup>28</sup>. Ele

---

<sup>26</sup> Concebo que os termos “norma”, “normal”, “anormal” e suas variantes configuram-se como importantes conceitos nas obras de Canguilhem, 2000; Foucault, 2007 e Costa, 1999, carregando particularidades de seus referenciais. Neste texto, entretanto opto por não operar com esses conceitos.

<sup>27</sup> Devido a dificuldade de acesso, utilizo a edição de 1937b.

<sup>28</sup> Chamo de “pressupostos mendelianos da Eugenia”, um olhar eugênico estritamente biologicista e hereditário que relega qualquer possibilidade de influência externa como a cultura e a Educação no processo de melhoria da espécie (cabe ressaltar que mesmo os eugenistas mais ortodoxos consideravam a importância da Educação para a Eugenia, entretanto, suas influências eram externas, não atuando diretamente no plasma germinal, na hereditariedade do indivíduo).

aproxima-se da Psicologia, Higiene, educação física, Educação etc. Nota-se a busca por adeptos, por fortalecimento e legitimidade política e científica. (CASTANEDA, 2003).

O ano de 1929 foi o ano-marco para a “virada de Kehl”, que após uma viagem para o norte da Europa, patrocinada pelos laboratórios Bayer, retorna ao Brasil e escreve o livro “Lições de Eugenia, cuja primeira edição data de 1929. Esta obra inaugura uma fase altamente biologicista centrada nas noções de hereditariedade (SOUZA, 2006). De acordo com as análises realizadas por Reis (1994) é possível identificar que, a partir de 1929, é “a hora e a vez da Eugenia radical”.

As orientações de Kehl dentro desta Eugenia “dura<sup>29</sup>” ou “radical” começam a se configurar dentro da Eugenia Negativa, que:

(...) visa a restrição do nascimento de indivíduos anormais, doentes, tarados. Propõe para este fim estatuir o exame pré nupcial dos nubentes, proibindo o casamento entre indivíduos inaptos para a boa procriação. (...) A Eugenia negativa é favorável à esterilização dos indivíduos perigosos à espécie. (1922, p. 32)

Ao tentar identificar os olhares eugênicos sobre as atividades físicas sistemáticas, nessas duas “fases”, foi possível perceber que, justamente no período entre 1917 e 1929, sua intervenção foi enaltecida como prática eugenizante, capaz de promover a regeneração da espécie<sup>30</sup>. Em outras ocasiões, a partir de 1929, percebeu-se a educação física como mero apêndice, acessório da Eugenia (SILVA, 2007).

Pensar as atividades ginásticas como educadoras de um ideal eugênico e pensar a educação física sendo enaltecida como elemento eugenizador da população nos remete a um só momento histórico. Nas primeiras obras de Kehl, sobretudo nas escritas entre fins da década de 1910 até meados da década de 1920, os exercícios ginásticos eram defendidos como elementos eugenizantes, seus textos revelam um tom pedagógico, educando a sensibilidade para uma um modo de ser eugênico.

Em meio à segunda fase de Kehl a busca por diálogos com educação física torna se muito mais difícil. Assim, olhar para suas obras entre 1917 e 1929 significa centrar em um campo muito mais fértil e abundante em fragmentos e textos.

---

<sup>29</sup> Termo utilizado por Souza, 2006.

<sup>30</sup> Para melhor compreensão indico a leitura do texto “Entre Lamarck e Mendel: olhares eugênicos sobre a Educação Física” (SILVA, 2007), onde desenvolvo melhor esta idéia.

Neste sentido, situo como foco investigativo as obras de Kehl datadas de 1917 a 1929, ressaltando como objetivo deste estudo interpretar a relação entre Eugenia e educação física nos textos deste autor.

A fim de guiar-me em direção a este objetivo elegi, algumas questões norteadoras: Qual o lugar da educação física em sua obra? Como a educação física pôde auxiliar seu projeto eugênico? Como este intelectual aproxima-se das atividades físicas sistemáticas, buscando construir Homens e Mulheres eugênicos?

Na tentativa de buscar respostas para estes questionamentos organizei minha argumentação em cinco capítulos, cuja lógica reflete um exercício de liberdade política. A escrita desta dissertação, em certa medida, tenta romper com a linearidade que estruturam algumas narrativas históricas. Neste sentido, o período recortado entre 1917 e 1929 representa, neste texto, um espaço temporal de idas e vindas, local onde é permitido o diálogo entre os anos e as fontes – espaço organizado por temas, não por datas. A opção por esta estruturação me auxiliou a evidenciar os olhares de Kehl sobre as práticas físicas e, sobretudo, minha autoria ao longo destas páginas.

É seguindo esta lógica que inicio minha argumentação<sup>31</sup>. Cronologicamente, começo pelo “fim”, apontando nas obras de Kehl, após 1929, o espaço reservado à educação física. Adotar esta estratégia foi importante para demarcar o recorte temporal e apresentar os tons que seguem seu projeto eugênico.

Ao longo do primeiro capítulo exponho para o leitor um pouco da ótica pela qual este texto foi gestado. Situado dentro da História Cultural, o capítulo intitulado “Marcas da História” aponta minhas opções como pesquisador, situa o lugar de onde falo, aponta as teorizações da historiografia que elejo.

No segundo capítulo, intitulado “‘Há os que confundam Eugenia com Educação Física’: As concepções eugênicas de Kehl pós-1929”, destaco, na tessitura do texto, os marcos temporais adotados nesta investigação. Neste capítulo abordo a passagem de uma “Eugenia preventiva” para uma postura radical, nas orientações deste intelectual. Destaco, também, feitos importantes em sua trajetória como o citado Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, a publicação do “Lições de Eugenia” (1929), além de visibilizar o lugar da educação física dentro do radicalismo eugênico.

No terceiro capítulo foco o período de fins dos anos 1910 e início dos anos 1920. “A Eugenia Mestiça: Saneamento, Higiene e educação física nos tempos em que

---

<sup>31</sup> Falo especificamente do capítulo II.

‘Sanear é Eugenizar’” é um capítulo focado na trajetória de Kehl, suas obras, suas relações político-científicas, dialogando com o contexto social e político do Rio de Janeiro e São Paulo nesse período. Identifico o lugar dos exercícios físicos no contexto social, ressaltando as concepções de Kehl relativas às atividades físicas sistemáticas.

“‘O homem e a mulher normaes’: o referente masculino e a obrigação de ser bela”, intitula o quarto capítulo, cujo foco recai sobre corpos masculinos e femininos em movimento. Abordando esse tema, evidencio peculiaridades das relações de gênero construídas na interface entre a Eugenia de Renato Kehl e a prática sistemática de exercícios físicos.

Por fim, no quinto capítulo: “Para ‘proteger a humanidade do cogumelar de gentes feias’: a ginástica em trajes simples e a ‘educação plástica da forma’”, identifico a educação física dentro de um projeto que visa a educar a noção de beleza e o “instinto de reprodução” da população, estratégia integrante da “Eugenia positiva” arquitetada por Kehl.

## *I - Marcas da História*

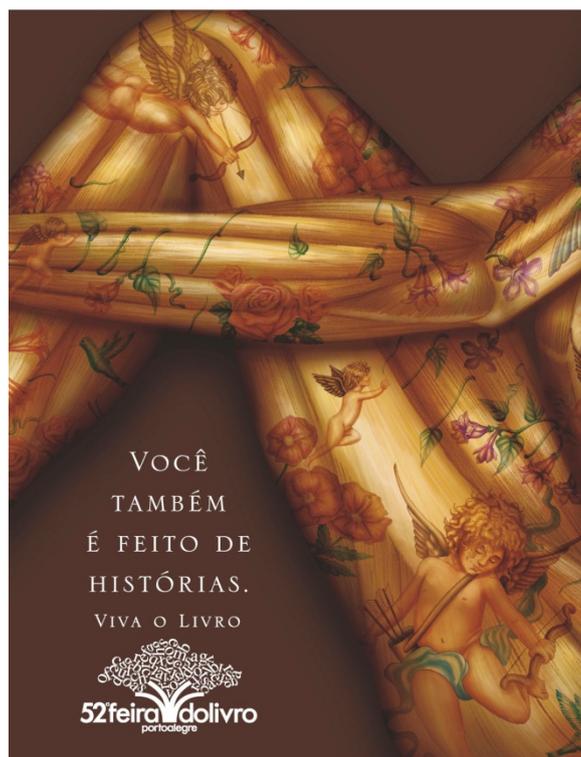


Figura 3: 52ª. Feira do Livro, 2006<sup>32</sup>.

Um corpo é desnudo. Tiram-lhe a roupa, arrancam-lhe a pele e sobre os músculos, na profundidade de suas carnes, vemos inscritas marcas de um tempo que passou - rosas, anjos e folhas vivificam as experiências de um corpo, ou melhor, as experiências que constituem esse corpo. Este texto, esta imagem falam sobre a 52ª Feira do Livro de Porto Alegre. Datada de 2006, esta imagem fala de um lugar, de um momento... para mim, fala do lugar de onde escrevo, do momento em que inicio minha escrita.

---

<sup>32</sup> Disponível em <http://www.feiradolivro-poa.com.br/imagens/CL-002-06Y%20-%20Cartaz.jpg> . Acesso em 23/11/2006.

Ao ler esta imagem, como nos convida Almeida (1999), somos levados a pensar que mesmo as carnes que constituem nossos corpos são permeadas de história, carregam o passado, nossas vivências. Nosso corpo é marcado pela história; constituímos-nos homens e mulheres pela história; desejos, angústias e prazeres são forjados no tempo. Assim, seguimos lendo esta imagem...

Experiências passadas... experiências vividas ou não. Esta imagem fala de coisas vivenciadas por este corpo, mas, também visibiliza coisas ocorridas há tempos antes de se formarem estas carnes. O passado marca, presentifica e também constitui. Nas palavras de Benjamin :

(...) traz consigo um índice misterioso que impele a redenção. Pois não fomos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (...) Se assim é, existe um encontro secreto marcado entre gerações precedentes e a nossa (1993, p.226).

A leitura que faço de “*Você Também é Feito de Histórias*”, remete-me a temporalidades transcorridas, faz-me ver, nas pinturas sobre o músculo, inscrições de um tempo que é passado, porém presentificado na materialidade deste tecido.

Talvez, esta seja uma leitura advertida pelos autores com quem tenho dialogado. Leituras que me fizeram atento, que me tornaram sensível às marcas do tempo. Avisado sobre o diálogo entre hoje e ontem, prevenido sobre os intercâmbios temporais, olho para esta imagem/texto e penso outras tantas interpretações.

Como leitor, exerço meu direito político de ressignificar o que leio, ponho-me a reconstruir, repensar, mesclar e adulterar minhas leituras (CHARTIER, 2001). Ler a imagem/texto “*Você Também é Feito de Histórias*” abre-me possibilidades de ver que não só o corpo é feito das impressões da “*História*”; talvez a História também seja feita desse corpo. E é nesse diálogo e nessas condições que vejo ser tecido um texto histórico; afinal, o passado é sempre constituído a partir de um olhar do presente.

O olhar do presente é o olhar do autor que se debruça a investigar um tempo passado, que seleciona seus fragmentos, que problematiza e questiona, a partir de suas vivências. É este olhar que dá o tom à narrativa e, com isso a constitui, como um “terceiro tempo” que não é o tempo referido (o passado) nem o tempo em que se constrói a narrativa (o presente). Esse “terceiro tempo” é uma construção do autor, que tensionado a questionar, pensa, repensa, imagina e reconstrói o passado (PESAVENTO, 2003).

Narrativa, “passado”, representação, discurso, linguagem, fontes, história. Estes são alguns dos termos e conceitos que me possibilitam um olhar advertido para os ditos de Renato Kehl, elementos que me possibilitam esculpir este texto.

Os conceitos e termos que menciono, muitos deles foram e continuam sendo discutidos por diversas correntes historiográficas, mas, aqui, são ancoradas numa dada noção de Historiografia. Elejo a História Cultural e neste encaixo aproximo-me de Ginzburg (2003 e 2006), Chartier (2001), Falcon (2002), Jenkins (2004), Pesavento (2003) dentre outros. Sobretudo, aprendi a falar de História com Moreno (2001), Goellner (2003), Soares (1999), e Habib (2003). Aprendi, lendo aqueles que bebem nas fontes da História Cultural. Aprendi, lendo os conceitos no próprio fazer historiográfico. Fui levado pela mão por esses autores, levado a sentir as noções desta forma de narrar a História.

\* \* \*

A História Cultural, datada da segunda metade do século XX, surge como uma nova forma de escrever sobre o passado. Emerge em meio às discussões e efervescências paradigmáticas dos anos sessenta e setenta que, até então, tinham como perspectivas teóricas reinantes as proposições estruturalistas da Escola dos Annales e o Materialismo Histórico. A posse de documentos e a busca por verdades definitivas foram alvo de fortes questionamentos, que acabaram por respingar nas referidas correntes historiográficas. (PESAVENTO, 2003).

Apesar do interesse histórico pela cultura não ser algo novo, a História Cultural surge com novas orientações para tratá-la, as quais decorrem, em boa parte, de questões propostas por autores como Foucault e Thompson. No cenário acadêmico contemporâneo, a História Cultural goza de um prestígio que veio se estabelecendo, principalmente, a partir da década de setenta trazendo algumas idéias que foram discutidas, a partir de duas noções de crise: A crise da Modernidade e a Crise da História. Pode-se dizer que estas duas crises entrelaçam-se e ajudam a repensar algumas concepções tradicionais da Historiografia, gerando profundas repercussões no fazer historiográfico, uma vez que abalaram as noções legadas pela razão iluminista. Princípios explicativos globalizantes são questionados frente à complexidade do mundo pós-Segunda Guerra. Abre-se um universo de incertezas, pondo em suspeição a coerência do mundo (FALCON, 2002).

Se, por um lado, essas crises evidenciam o insucesso dos princípios de uma cultura gestada ao tom da razão iluminista, por outro, corrompe a possibilidade de se construir um conhecimento histórico capaz de “resgatar” de forma neutra, objetiva e racional uma realidade passada. Nas palavras de Falcon:

Em ambas as críticas o alvo principal é um só: o racionalismo e a visão racionalista elaborada durante o século XIX acerca da cultura moderna e da História, centrada em idéias-chave como “progresso”, “evolução”, “ciência” e “humanismo” (2002. p. 18)

Diversos campos do conhecimento, pensando esta mesma crise da razão iluminista, fazem emergir termos como “pós-moderno” ou “pós modernidade”. No exercício de romper com as noções modernas, a pós-modernidade configura-se em meio a dúvidas, desconfia das linearidades e privilegia o hibridismo (SILVA, T. 1999).

No campo da Historiografia, o surgimento do “pós-moderno” acompanha o chamado “giro lingüístico”, por volta das décadas de 60 e 70. A linguagem, então, assumiu um lugar de destaque, uma vez que vista como instância constituinte da “realidade”. Estas noções causam impacto na concepção do conhecimento histórico, e seus textos passam a ser entendidos como:

(...) um artefato lingüístico elaborado segundo princípios literários que remetem às estruturas da “narrativa”, sendo sua referencialidade unicamente de ordem intra e intertextual. (FALCON, 2002, p. 21)

Se pensarmos que a linguagem institui e constrói, abrem-se, diante de nós, novas possibilidades de entendimento da cultura, assim como outras formas de perceber um texto historiográfico. Nesta perspectiva lingüística, o texto diz respeito ao discurso “constitui-se em uma realidade auto-referenciada, ou seja, não referida a um suposto real situado fora deste mesmo discurso” (FALCON, 2002, p. 107). Concebo com os dizeres de Falcon (2002) que se torna sem propósito pensar uma dada “realidade histórica” inerente ao passado.

Nas trilhas desses argumentos, fui concebendo que as crises da modernidade e, sobretudo, a crise da História, mexem com as questões relativas ao “real” e à possibilidade de se construir um texto histórico que se propõe verdadeiro. Ao ser

constatada a “irrealidade do real” estabeleceu-se a impossibilidade de se relacionar a História tecida pelo autor<sup>33</sup> com a história propriamente dita.

É neste encaço que penso o texto historiográfico como uma narrativa, compreendida, aqui, como outras possibilidades de versões, outros modos de se contar a história. Segundo Goellner, entender narrativa:

Significa perceber que o conhecimento histórico é uma construção que envolve inúmeras reflexões como, por exemplo, sobre as fontes a serem trabalhadas, as opções teórico-metodológicas, a trama, a tessitura do texto, as interpretações, a narrativa, a subjetividade de quem escreve e a mediação entre o passado (objeto de investigação) e o presente (tempo no qual escreve o/a historiador/a) (2007, p. 14; 15).

Um texto é feito a partir de escolhas, recortes e questões que emergem das leituras, do contato do autor com as fontes etc. Essas fontes são, então, visitadas e revisitadas, são selecionadas, relacionadas e organizadas em uma dada ordem, conferindo-lhes inteligibilidade. As fontes indicam possibilidades, servem de indícios a calçar os argumentos e, quando bem tratadas, fazem menção, traçam relações e analogias, revelando significados. Isso nos permite entender que elas não falam por si só. As informações que trazem derivam de questões e dúvidas pensadas pelo próprio autor. Chegamos a dizer que essas fontes são produzidas.

Digo produção porque um documento, uma imagem, um artefato não são fontes históricas em si. O/a pesquisador/a é que lhe atribui esse significado a partir das questões que levanta para pesquisar, das indagações que faz sobre esse documento, da trama a partir do qual o documento é engendrado e sobre a qual ele pode falar. O documento é uma fonte porque alguém lhe conferiu voz. (GOELLNER, 2007, p.21)

É, enfim, o trabalho do autor que dá forma aos vestígios do passado, assim como constrói a narrativa, envolvendo um esforço de escolher as palavras, arquitetar os argumentos e tratar o texto, buscando fornecer uma explicação e o convencimento.

Concebo que meu fazer historiográfico é atravessado pelo contexto em que estou inserido, diz respeito a um determinado momento na minha formação, revela a forma como penso, organizo e construo as fontes. Ressalto ainda que o texto que se segue carrega questões como: Que fatores permitiram a produção e preservação dessas fontes? Que relações possibilitaram tais fragmentos estarem ainda, hoje, aqui presentes?

---

<sup>33</sup> Ao longo de todo o texto refiro-me àquele que constrói um texto historiográfico como “autor”.

Ciente destes atravessamentos, compreendo a construção deste texto como uma representação, uma interpretação que parte das leituras que tenho feito, das fontes escolhidas, do contexto que me circunda, enfim, da minha subjetividade. Neste sentido:

Poderemos, se assim o desejarmos, considerar os discursos históricos como “representações”, mas, neste caso, tais representações são as do historiador e, como interpretações que na verdade são, elas são infinitas e teoricamente se equivalem, embora, na prática, o poder e a ideologia tendem a hierarquizá-las ou até suprimir algumas delas.(FALCON, 2002, p. 30)

Entender o conceito de representação para a História Cultural é fundamental para conceber a própria narrativa histórica. Entretanto, diversas são as possibilidades que este conceito traz. Ao longo dos tempos construíram-se diferentes significados para o termo representação. Seja no campo da Filosofia ou mesmo da Psicologia Social este conceito guarda diferenças sensíveis (SILVA, T. 2000).

Neste sentido, convido a conceberem este texto como uma representação. Páginas que seguem páginas, idéias encadeadas, palavras escolhidas. Representação, aqui, vincula-se ao autor e se faz ver nos parágrafos que constituem páginas, os quais longe de se referirem a uma dada “verdade”, propõem articular-se e constituir-se como um “efeito de verdade<sup>34</sup>”. De acordo com Falcon:

A representação (...) é apenas um texto equivalente a muitos outros, cuja realidade é somente o resultado dos “efeitos de realidade<sup>35</sup>” que esse texto possa criar na dependência de sua leitura ou recepção pelo público alvo. (FALCON, 2002, p. 31 e 32)

No enalço dessa discussão, cabe ressaltar que não só o conceito de representação merece ser devidamente situado. Em todo momento falo de História Cultural, de um novo olhar para a cultura, de uma nova postura da Historiografia. Afinal, de que cultura estamos falando? Concebo cultura com Pesavento (2003) como um conjunto de significados partilhados e construídos por homens e mulheres para

---

<sup>34</sup> “Efeitos de Verdade”, para Foucault, refere-se a tipos de discursos que dada sociedade assume e faz ver como verdadeiros. O importante aqui, não é a aproximação entre o discurso e a realidade, mas, sim, os mecanismos retóricos que em conexão com relações de poder assume status de verdadeiro. (REVEL, 2005; SILVA, T. 2000)

<sup>35</sup> Roland Barthes, criticando a Literatura realista, diz que a ocultação do caráter retórico confere ao romance esse efeito de realidade. Ocultar o caráter retórico significa dar a entender que o autor descreve a realidade de forma direta sem os entremeios da linguagem. (SILVA, T. 2000). Apesar de guardarem diferenças sensíveis, tanto as noções de “Efeitos de Realidade”, quanto as de “Efeitos de verdade” são cabíveis para visibilizarem, aqui, a importância da retórica na constituição deste texto. Ajudam-me a desvelar que esta narrativa se constrói com os artifícios lingüísticos. Digo que são os mecanismos engendrados no e pelo próprio texto os responsáveis pelo convencimento.

explicar o mundo (PESAVENTO, 2003). Poderíamos pensar, com Falcon, “um conjunto de obras, realizações, instituições que conferem ‘originalidade’ e/ou ‘autenticidade’ à vida de um grupo humano, inclusive seus usos e costumes (...)” (2002, p. 60, grifos meus).

Outras noções e concepções foram, então, substituídas por este entendimento de cultura que passa a ancorar a História Cultural. Com isso, seu olhar mudou de foco elegendo outros temas, problemas e questões, o que não deve ser entendido como a eleição de temas ligados à cultura popular em detrimento da cultura de elite, às culturas marginais em detrimento das centrais. Neste sentido, Chartier (2001) nos faz um alerta sobre as dicotomias culturais e hierarquias sociais, apontando para a fluidez das práticas que vão além dessas fronteiras. Estas mesmas considerações são partilhadas por Ginzburg (2006) ao ressaltar algumas interpretações sobre as sociedades pré-industriais que atribuem às classes subalternas, ora um caráter passivo, frente à cultura dominante, ora um caráter de pureza dessa cultura popular. Inspirado em Bakhtin, Ginzburg (2006) prefere adotar a noção de influência recíproca entre as chamadas “classes subalternas” e “classes dominantes”. Assim, é possível ver a apropriação popular de inúmeros objetos, códigos e idéias pertencentes a outros estratos sociais.

Pensar a cultura popular, nesta lógica, é desconfiar de sua total especificidade, de sua diferença absoluta e caráter puro. É ver que os materiais, práticas e pensamentos populares são mistos, híbridos de tradição, folclore, cultura erudita etc. Assim, com Chartier (2001, p. 231) podemos pensar que: “Finalmente a oposição macroscópica entre ‘cultura popular’ e ‘cultura de elite’ deixou de ser pertinente.”

Estes questionamentos<sup>36</sup> nos auxiliam a entender que a História Cultural se ocupa em jogar luz aos ocultos da História, aos subalternos, buscando uma história social renovada. Deixa de lado as pretensões de uma História Universal e vasculha os rastros dos pobres, das mulheres, dos negros entre tantos outros sujeitos que, cotidianamente, fazem história.

Vasculhar os rastros, buscar as vozes esquecidas, as palavras silenciadas... “construir” fontes, garimpar memórias... A construção de um texto historiográfico prevê a busca por indícios, mas sua configuração exige mais que a descrição dessas fontes. O articular das idéias, a escolha das palavras, a tessitura do texto, tudo isso envolve

---

<sup>36</sup> Junto às críticas feitas ao conceito de cultura popular como um “reduto do autêntico” foram questionadas, também, as noções marxistas de cultura que a concebiam como um conjunto de manifestações estruturais.

minimamente a organização do pensar. Diz respeito às escolhas, entre tantos caminhos, que tentam levar ao convencimento; rumos que, neste texto, referem-se aos procedimentos metodológicos. Falo de caminhos, trilhos e organizações numa ênfase constante na pluralidade das palavras, tentando ressaltar a multiplicidade de possibilidades.

Nas páginas que se seguem, tento aproximar-me do chamado método indiciário, abordado por Ginzburg (2003). Seu texto fala de algumas pistas que apontam para o processo de estabelecimento de um modelo epistemológico, no fim do século XIX e que adentra os dias de hoje. Articulado Morelli (um estudioso em História das Artes), Freud e Sherlock Holmes, Ginzburg (2003) dá visibilidade às semelhanças técnicas do trabalho de cada um desses indivíduos.

Giovanni Morelli, a partir de uma análise minuciosa do detalhe, constrói o “método morelliano”, para atribuir autoria a obras de arte. Para Morelli as características do autor revelam-se no detalhe do quadro, uma vez que as grandes características, o foco principal da obra é facilmente copiável.

No pensamento de Freud são as pequenas atitudes do indivíduo que revelam sua personalidade. O indivíduo seria capaz de dissimular seus traços em suas grandes ações, mas dificilmente faria isso nas suas atitudes mais corriqueiras.

Sherlock Holmes, personagem criado por Conan Doyle, é um detetive que, a partir de algumas poucas pistas, chega aos acontecidos, inferindo sobre a autoria de crimes.

Contemporâneos, Morelli, Freud e Holmes, apresentam características bastante próximas; os três olham com atenção para o detalhe, para o pormenor, na ânsia de encontrar vestígios. Perguntam às minúcias e, a partir delas, propõem uma interpretação. Neste sentido, Ginzburg (2003) diz que o fazer historiográfico se assemelha muito às práticas desses três investigadores. A construção da narrativa historiográfica contemporânea bebe nas fontes desse paradigma indiciário. Para Ginzburg:

O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados negligenciáveis, remontar a realidade complexa não experimentável diretamente. Pode-se acrescentar que esses dados são sempre dispostos pelo observador de modo tal a dar lugar a uma seqüência narrativa (...) (2003, p.152)

Assim sendo podemos pensar que “o conhecimento historiográfico é indireto, indiciário, conjectural” (GINZBURG, 2003, p. 157). Como um detetive, o autor que se propõe a narrar um texto histórico vai atrás de pistas, coleta informações, procura nas minúcias... O método historiográfico que adoto, aqui, é inspirado nessas discussões, um método interpretativo, apoiado em vestígios, fragmentos, muitos deles marginais, porém considerados reveladores. Assim, gosto de pensar que sigo os caminhos de Morelli, Freud e Holmes...

Ginzburg (2003) nos fala ainda que esta forma de pensar foi se constituindo ao longo dos tempos e estabelecendo-se por volta do século XIX. Para tanto, cita “práticas científicas” como a Fisiognomia e a Frenologia. Na Frenologia, indícios como o tamanho do crânio poderiam revelar traços da personalidade e sua capacidade mental. Na Fisiognomia, observam-se partes do corpo, sobretudo o rosto, para, então, inferir-se sobre, por exemplo, o caráter do indivíduo.

Ir no encaixo de Ginzburg (2003) significa pensar que a Fisiognomia, assim como a Frenologia, carregavam, em suas práticas científicas, algumas marcas que revelam uma forma de pensar e investigar. Para este autor, é sobretudo nos períodos que rondam o século XIX, que se vai fazer ver o paradigma indiciário.

Muito além de um método, o paradigma<sup>37</sup> viria abarcar noções postas em um dado momento histórico. Muito além da prática científica concreta, o paradigma envolve instrumentos e técnicas de investigação, guarda espaço para o mito, para a Metafísica (MASTERMAN, 1979).

Pensar o paradigma indiciário nos faz ir além do “método morelliano”, além da lupa de Sherlock Holmes e das observações de Freud; permite-nos vislumbrar, a partir da esteira de argumentação de Ginzburg (2003), uma infinidade de práticas que bebem desse mesmo paradigma<sup>38</sup>, dentre as quais: a Frenologia, Fisiognomia e Impressão Digital.

Ao observarmos a técnica da “Impressão digital”, é possível perceber que as marcas deixadas por parte de um corpo nos permitem identificar alguém. Esta técnica, pensada por Francis Galton, reside no mesmo princípio de que indícios nos falam sobre algo. Galton, neste texto, tem um lugar especialmente guardado, afinal, além de seus

---

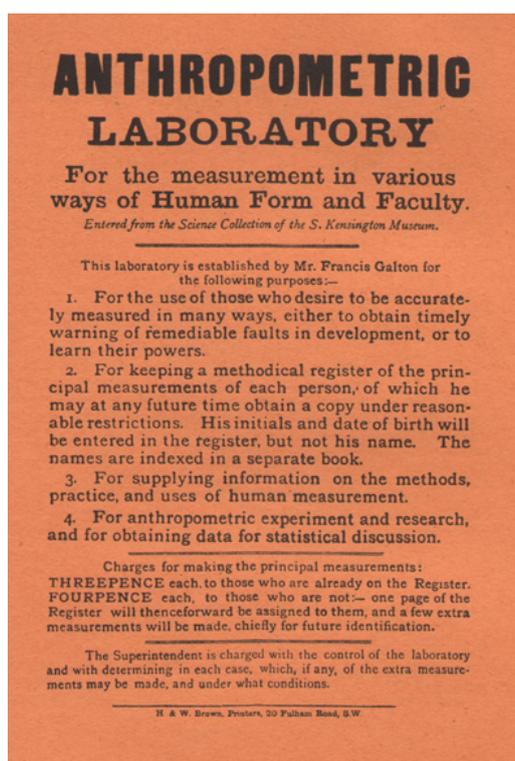
<sup>37</sup> Entendido, aqui, no sentido que é atribuído por Thomas Khun (1995).

<sup>38</sup> Não quero, com isso, argumentar em favor de um sistema fechado, coerente e uníssono. Compreendo que há desvios, distâncias e oposições quanto a este paradigma.

estudos na Área da Criminologia, pensa, a partir da Herança Genética e, principalmente, a partir dos estudos de seu primo, Charles Darwin a Ciência Eugenia.

Francis Galton, homem de muitas letras, dedicou-se a diversas ciências, empenhando-se em desvendar cientificamente inúmeros “fenômenos naturais”. Antes de se lançar aos estudos eugênicos, transitou por Áreas como a Geografia, Meteorologia, Genética, Estatística, Psicologia, Criminologia, Biometria. Pode-se dizer que seu interesse nestes diversos campos do conhecimento muito contribuíram para seus estudos acerca da Eugenia.<sup>39</sup>.

Seu contínuo interesse em desvendar a hereditariedade o levou aos estudos antropométricos e à criação de seu laboratório de Antropometria. Ampliou seus estudos acerca das características humanas com a “*measurement of man*”, tentando encontrar tantas características mensuráveis possíveis, para assim estabelecer, por meio da distribuição, uma relação com determinantes hereditários.



Laboratório de antropometria<sup>40</sup>

<sup>39</sup> Indico a visita ao site [www.galton.org](http://www.galton.org).

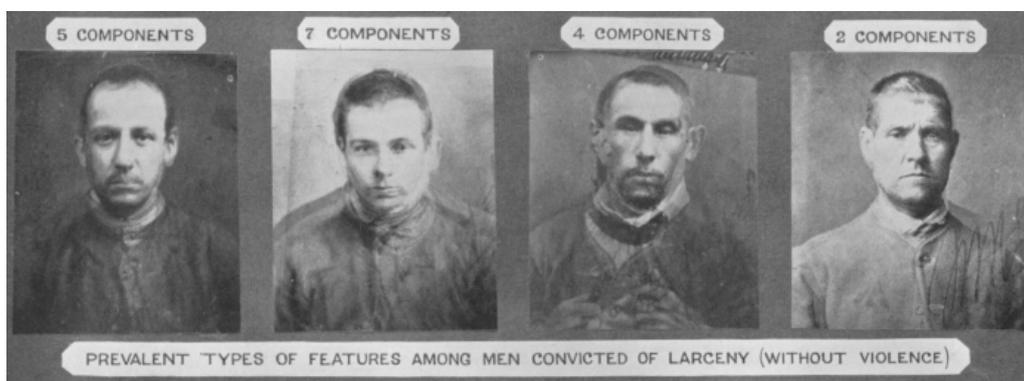
<sup>40</sup> Afim de possuir grandes amostras para conferir consistência científica a seus estudos, cartazes são elaborados para convidar as pessoas a mensurarem seus corpos.

“Laboratório de antropometria: para mensurar de várias formas a forma e a faculdade humana. Entre para a Coleção do S. Kennington Museu. Este laboratório foi estabelecido pelo senhor Francis Galton a partir dos seguintes propósitos: 1 – Para aqueles que desejam passar por minucioso processo de mensuração para descobrir suas potencialidades, assim como receber orientações para qualquer tipo de problema

Seu interesse pelo corpo não cessa com a Antropometria. Sobrepondo fotos de criminosos, Galton, buscou uma mistura de contornos que dessem origem a uma forma identificável. Ansiava por estabelecer ligação entre aparência física e questões psicológicas; assim, lançou seu olhar às características específicas da saúde, doença e criminalidade. Para discutir as questões relativas à saúde, utilizou fotos de oficiais do *Royal Engineers*, destacando pontos em comum como: qualidades físicas e mentais necessárias para a constituição de um exército seletivo. O resultado desse estudo daria noções dos rumos que a raça inglesa poderia tomar, se devidamente manipulada.

Quanto às características criminais, foram pensados grupos de delinquentes, a partir de seus impulsos criminais, como assassinato e violência. Para Galton o resultado deste processo:

“(...) permite obter com precisão mecânica um quadro generalizado que não representa nenhum homem em particular, mas retrata um imaginário, uma figura que possui determinadas características comuns” (Tradução livre, GALTON, 1907, p. 222)<sup>41</sup>



Tipos de características prevalentes entre homens condenados por furto (sem violência)<sup>42</sup>

Assim, era possível identificar características físicas semelhantes dentro de grupos de criminosos específicos: assaltantes, assassinos, ladrões etc. A imagem que

---

remediável. 2 – Manter registros de cada indivíduo, fato que não seria feito numa ligação direta com a identidade da pessoa. 3 – Para fornecer informações importantes para o desenvolvimento dos métodos e práticas da mensuração humana. 4 – Para fornecer dados para a pesquisa estatística em antropometria.” Disponível em [www.galton.org](http://www.galton.org), acesso em 26/07/2007.

<sup>41</sup> “(...) enables us to obtain with mechanical precision a generalised picture; one that represents no man in particular, but portrays an imaginary figure possessing the average features of any given group of men.

<sup>42</sup> Disponível em [www.galton.org](http://www.galton.org), acesso em 26/07/2007

resultaria da sobreposição das fotos indicaria a feição de criminosos, possibilitando sua identificação<sup>43</sup>.

Em meio a todo este esforço Francis Galton pensa a Eugenia como ciência da melhoria da raça, capaz de legar às gerações futuras boas qualidades físicas e mentais. Com o auxílio das discussões sobre hereditariedade, a Eugenia apoiar-se-ia basicamente sobre os estudos genealógicos e as medidas antropométricas. Galton inferiria, então, a partir de dados de antepassados e, também, a partir de mensurações, simetrias e assimetrias dos corpos.

Assim como a Fisiognomonia, Frenologia, Impressão Digital, *Composite Portraiture*, *Measurement of man*, e o método Morelliano, a Eugenia focaria alguns indícios para, então, inferir sobre o desenvolvimento ou degenerescência de um povo, ou, ainda, é possível pensar todas estas práticas científicas atravessadas pelo paradigma indiciário.

Olhar para estas práticas e dizer que se constituíram no fazer indiciário denota que a construção desta minha narrativa historiográfica se aproxima destas práticas científicas. Significa que concebo, com Galton, que os indícios podem me apresentar possibilidades de interpretação. Revela que as fontes desta pesquisa são investigadas como os corpos, na Antropometria.

Ler o que produziu Renato Kehl é levantar, a partir de seus feitos, uma interpretação sobre o que significou a educação física. É dizer que busco indícios que me façam pensar, tal qual Galton procedia, ao investigar a genealogia daqueles corpos.

Talvez, neste texto, meu fazer historiográfico se aproxime de Galton, no seu fazer científico, talvez a construção deste texto se aproxime de Kehl, no seu pensar a Eugenia... Dizer que meu proceder se assemelha, em certa medida, ao que faziam os eugenistas me assusta um pouco... de fato me assusta...

Entretanto, assim como as obras criadas por esses autores, vejo as páginas que se seguem molhadas pela esta noção de método indiciário.

\* \* \*

Convencido de que os indícios revelam significados, investi na busca de documentos deixados por Renato Kehl, organizei fragmentos, construí fontes,

---

<sup>43</sup> Com o passar do tempo Galton percebeu que o resultado destas técnicas se tornaram inconsistentes e as relações, frágeis.

interpretei pistas. Percorri bibliotecas e centros de memória, na procura de publicações assinadas por esse médico, o que me possibilitou acessar títulos de livros que se encontram espalhados em diversas bibliotecas, a saber: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Acervo de Obras Gerais), Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais (setores de Psicologia, Cefet, Biblioteca Geral, Centro de Memória da Medicina – Faculdade de Medicina, etc), Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faculdade de Medicina e Faculdade de Educação), Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa – Belo Horizonte, dentre outras.

Ao “garimpar”<sup>44</sup> seus vestígios, tive acesso a recortes de revistas, jornais, cartas, postais e outras publicações, que compõem o Fundo Pessoal Renato Kehl, localizado na Casa de Oswaldo Cruz – COC/Fiocruz. Este fundo foi organizado pelo próprio autor que, num exercício de registrar sua história, assim como a do grupo ao qual pertencia, organizou, cronologicamente, em grandes cadernos, textos, recortes de jornais e revistas, cartas, postais, resenhas de suas obras etc.

Ao guardar os objetos de seu cotidiano, Kehl operou uma “produção de si” que pode ser considerada um “ato biográfico”, caracterizado por Gomes (2004), como uma tentativa de conferir significados especiais ao mundo que o rodeia, relacionando-o com experiências de sua própria vida. Entretanto, concebo, com Gomes (2004), o perigo que “atos biográficos” como os de Kehl podem representar. A organização dos objetos, dos escritos, o rigor cronológico e a própria seleção dos documentos tendem, em certa medida, “enfeitiçar” o investigador, fazendo-o crer nos “efeitos de verdade”<sup>45</sup>, que os enlaces desses vestígios podem gerar.

É preciso, pois, perceber, no fundo pessoal de Renato Kehl, sua fragmentação, suas incoerências e ausências. Mais do que isso, é necessário ler o encadear desses documentos na tentativa de visibilizar, não o que houve, mas sim o que ele diz ter havido: seus sentidos, gostos e vivências (GOMES, 2004).

Ao entrar neste “teatro da memória”<sup>46</sup>, organizado e representado por Kehl, fui percebendo que o corpo em movimento se fazia ali presente. Essa documentação começou a me indicar outras instâncias onde a educação física aparecia em seus escritos. Imerso num universo de documentos, comecei a produzir fontes. Fiz perguntas, organizei os vestígios, li imagens... Em meio a um grande conjunto de pistas, passei a

---

<sup>44</sup> Faço referência ao livro organizado por Goellner e Jaeger (2007) “Garimpendo Memórias”.

<sup>45</sup> Sobre efeitos de verdade, indico a página 29, nota 36, desta dissertação.

<sup>46</sup> “A metáfora “teatro da memória”, evidencia-se na idéia do indivíduo como personagem de sim mesmo (...)” (GOMES, 2004, p. 17)

consumi-las, respirá-las. Lia seus pressupostos, suas relações com outros intelectuais, acessei uma outra instância da materialidade<sup>47</sup> por meio de fotos, postais, cartas etc. Refleti sobre seus textos, seus dizeres sobre Higiene, Educação e Saneamento. Questionei onde estavam as práticas físicas. Ao passo que acessava esse material e incorporava as noções trazidas por Kehl fui vendo as linhas completarem páginas e à medida que as trilhas por onde passei iam sendo construídas, percebia a necessidade de reorganizar as fontes.

Desta forma, meus primeiros passos em direção à construção final desta narrativa começa pelo capítulo I, onde busquei menos tratar as fontes e mais entender com fazê-las “falar”<sup>48</sup>.

As ações seguintes materializaram o capítulo II e III, onde aproximei informações colhidas dos documentos com outras narrativas historiográficas que ajudaram a configurar a Eugenia, Renato Kehl e seu projeto eugênico.

Meio perdido nessa trajetória, senti a necessidade de construir a Apresentação deste texto, materializando objetivos, questões e problemas que se faziam presentes em anotações, esboços e rascunhos. Reorganizar, materializar de outra maneira, serviu de bússola, indicando-me possíveis caminhos a seguir. Nesse momento, passei à escrita do capítulo IV, quando foi possível “entender” o que significa “visitar e revisitar as fontes<sup>49</sup>”. Minhas questões, naquele momento, giravam em torno das relações entre corpos masculinos, femininos e a educação física. Extrair esses sentidos das fontes significou pinçar imagens, textos e fragmentos nos quais Kehl abordava as práticas físicas. Este movimento foi fundamental, uma vez que Kehl não se propôs em obras estanques, em momentos separados, falar sobre a educação física. Naquele grande conjunto de documentos, as atividades físicas sistemáticas encontravam-se espalhadas entre os anos, misturadas entre outros temas... Pinçar a educação física foi importante para condensar seus dizeres acerca de homens e mulheres que se exercitavam, uma estratégia que me permitiu perceber suas especificidades e significados próprios.

---

<sup>47</sup> Estou chamando de outra instância da materialidade um conjunto de documentos que se abria em meu campo visual, materializando o corpo de Renato Kehl, as formas de sua esposa. Fragmentos que dizem dos lugares onde passou e as impressões que guardou. Falo de vestígios que me apresentam este eugenista em suas relações, que vão além dos livros que escreveu, dos artigos científicos e pressupostos teóricos.

<sup>48</sup> O capítulo I é justamente o “Marcas da História”, onde procuro incorporar algumas noções trazidas pela Historiografia.

<sup>49</sup> Faço referência a um movimento de constante retorno aos documentos, um procedimento que já havia sido incorporado à minha fala e meus textos, mas que ganhou outra dimensão quando me vi no processo de escrita desse capítulo.

Se no quarto capítulo foi necessário “pinçar” a educação física, no capítulo V foi necessário pinçá-la e dialogá-la com outras temáticas. Se num momento senti a necessidade de condensar os exercícios físicos sistemáticos, em outro precisei aproximá-lo dos concursos de miss e dos dizeres em favor da moda dos poucos panos. Percebi que a educação física, “sozinha”, não me dizia muita coisa; foi, então, necessário dialogá-la, para percebê-la como integrante de uma proposta eugênica, arquitetada por Kehl.

Feito este movimento retrospectivo, que tenta lançar luz às trilhas que seguiu esta dissertação, convido à leitura desta narrativa...

## *II - “Há os que confundam Eugenia com educação física”: As concepções eugênicas de Kehl pós-1929.*

O otimismo infantil de tantos políticos, pedagogos e filósofos que esperam estender às gerações futuras os benefícios atuais de assistência social, do esporte, da higiene física, da educação etc (...) não é senão o exemplo típico da mais grosseira ignorância biológica, ou falta mais completa de raciocínio (KEHL, 1933, p. 56).

Há os que confundam Eugenia com Educação Física, com plástica, com educação sexual, (...) ou a considere um simples ramo da higiene (KEHL, 1933, p. 56).

Desde fins da década de 1910 Renato Kehl havia se dedicado à causa eugênica, dialogando a Eugenia com os movimentos sanitarista e higienista. Seu diálogo com esses movimentos alcançou importantes nomes da Área médica brasileira, naquele momento, sendo indicado por Eduardo Rabello, diretor da Inspetoria da Lepra e das Doenças Venéreas<sup>50</sup>, para atuar nos setores de propaganda e Educação Higiênica do Departamento Nacional de Saúde Pública. Renato Kehl seria responsável pela organização de campanhas na imprensa, conferências públicas, elaboração de folhetos e cartazes. Cumpriu tais funções de 1920 a 1927, quando decidiu dedicar-se exclusivamente à direção médica e chefia de Laboratório da Indústria Química e Farmacêutica Casa Bayer<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> Uma das inspetorias ligadas ao Departamento Nacional de Saúde Pública. Tal departamento foi criado em 1920, no então governo de Epitácio Pessoa (SOUZA, 2006)

<sup>51</sup> Cargo que ocupou de 1927 a 1944, sendo assistente técnico desta empresa desde 1923. Seu afastamento da empresa, em 1944, está relacionado com os efeitos da segunda guerra mundial (SOUZA, 2006)

Assim sendo, afastou-se, em 1927, do Departamento Nacional de Saúde Pública. Segundo Souza (2006) o cargo ocupado por Kehl na Indústria Bayer teria sido conquistado por sua formação em Medicina, Farmácia e possuir prestígio em meio ao cenário intelectual brasileiro; além disso, o autor aponta ainda que o fato de Kehl falar fluentemente Alemão, Inglês e descender de alemães poderia ter causado alguma influência.

O afastamento de Kehl do Departamento Nacional de Saúde Pública, em certa medida, o afastaria também das discussões sanitaristas e higienistas, aproximando-o do pensamento eugênico Europeu e Norte-Americano. Muito mais que uma mudança profissional, Renato Kehl reorganizaria uma nova maneira de pensar a Eugenia (SOUZA, 2006).

Após um ano em sua nova função, Kehl é convidado a passar cinco meses no Norte da Europa a fim de conhecer, na Alemanha, a Matriz dos Laboratórios Bayer, em Leverkusen. Como apontava uma nota na “Revista Mundo Médico<sup>52</sup>”, a viagem, que teria fins recreativos, certamente acabaria tornando-se mais uma viagem de estudos. Assim procedeu Kehl visitando os Institutos de Antropologia e Eugenia da Alemanha e de outros países. Conheceu importantes eugenistas como Herman Muckermann, o antropólogo Eugen Fischer, diretor do Instituto de Antropologia Genética Humana e Eugenia da Universidade Kaiser Wilhelm de Berlim.

Sua visita ao Norte europeu permitiu-lhe acessar periódicos de Eugenia, vários títulos de livros, conhecer a estruturação do movimento eugênico alemão, assim como manter contato com importantes figuras da Eugenia Européia<sup>53</sup>.

Cabe destacar que a vertente eugênica alemã em muito diferia da vertente latina, na qual, até então, Kehl estava mergulhado (STEPAN 2005). A Eugenia Alemã configura-se no final do século XIX e início do século XX, no seio de uma tradicional comunidade médica e de uma corrente de biólogos que concebiam as idéias selecionistas advindas do “Darwinismo Social<sup>54</sup>”. Este grupo de intelectuais passam, então, a pensar os problemas decorrentes da rápida industrialização e urbanização daquele país (SOUZA, 2006)

---

<sup>52</sup> Rio de Janeiro 07/04/1928 (SOUZA, 2006).

<sup>53</sup> Alfred Herman – médico e antropólogo do Instituto de Antropologia de Viena; o Diretor do Instituto de Biologia Racial de Uppsala, Suécia, Hermann Lundborg; o norueguês Jonh Alfred Mjoen, diretor do *Winderen Laboratorium* e revista *Den Nordiske Race*, etc (SOUZA, 2006).

<sup>54</sup> Diz respeito à tentativa de estender à sociedade humana os pressupostos evolutivos de Darwin. Desta forma a humanidade também evoluía por meio de competição e conflito, hierarquizando, assim, grupos mais aptos, e explicando situações de pobreza, racismo e desigualdades de gênero (MARQUES, 1994).

A noção de superioridade cultural alemã ajudou a difundir a idéia de gerenciar a população racionalmente, assegurando um nível de hereditariedade mais saudável. Em contato com as idéias de “Higiene Racial<sup>55</sup>”, Renato Kehl verificou que a primeira grande guerra gerou um “abalo racial” que desencadeou um processo ainda mais ostensivo de (re)produção de uma população eugênica.

Citado por Souza (2006) Renato Kehl aponta em ,“O Jornal<sup>56</sup>”, que os Alemães:

(...) apelam para a nova arma, a que melhor garante a sobrevivência (...), isto é, a Eugenia, ciência do aperfeiçoamento somato-psíquico, por meio do qual poderão constituir, no seu seio, ‘elites’ como as helênicas dos tempos heróicos. (...) Torna-se, pois, interessante, acompanhar o movimento eugênico europeu, sobretudo o alemão, pelo qual se aquilata de profunda preocupação ai reinante a propósito da salvação nacional pela higiene da raça. (p. 128)

Aos olhos de Kehl a propaganda eugênica no Norte da Europa era muito mais intensa e sua preocupação com a reprodução<sup>57</sup>, uma constante. A Eugenia Alemã seria um exemplo a ser seguido.

Em setembro de 1928, ele retorna ao Brasil, trazendo uma nova forma de se pensar a Eugenia. Em meio aos intelectuais brasileiros, naquele momento, era cada vez mais evidente a crença na Eugenia como ciência regeneradora nacional. Segundo Souza (2006), tanto a propaganda quanto as relações e interesses formados em torno do movimento eugenista foram capazes de dar corpo a um grande número de adeptos. Esta boa atmosfera em torno da ciência da melhoria da espécie possibilitou que Renato Kehl começasse a publicizar as impressões que trouxe do Velho Continente.

De posse deste novo material, debruça-se sobre a escrita de sua nova obra: “Lições de Eugenia” (1929). Lançado dias antes do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia<sup>58</sup>, este livro foi capaz de dividir opiniões, sendo aclamado por alguns e renegado por outros<sup>59</sup>. De acordo com Souza (2006) foi uma obra que materializou todo

<sup>55</sup> Um termo alternativo à Eugenia, sendo mais amplo, abrangendo não só a melhoria das qualidades hereditárias, mas estendendo-se ao aumento populacional, via incentivo de natalidade (SOUZA, 2006).

<sup>56</sup> O Jornal entrevista Renato Kehl 18/set/1928 (SOUZA, 2006).

<sup>57</sup> Alfredo Grotjahn, eugenista alemão, propunha uma lei de apoio governamental aos casais eugênicos que tivessem mais de três filhos. Até 1928 esta lei ainda não tinha sido aprovada.

<sup>58</sup> Este Congresso foi realizado em 1929 como um dos eventos comemorativos aos 100 anos da Academia Nacional de Medicina. Mais adiante me deterei sobre esse assunto.

<sup>59</sup> Durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia esta obra desencadeou discussões e duras críticas como as de Fróes da Fonseca, antropólogo do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Em contrapartida vários foram os intelectuais que louvaram o conteúdo daquele livro, dentre eles posso citar: Azevedo Amaral (deputado, médico e jornalista); Miguel Couto; Oscar Fontenele (integrante da Liga Brasileira de Higiene Mental); Ernani Lopes (psiquiatra e Eugenista presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental); etc (SOUZA, 2006).

o processo de desordem e reorganização do pensamento eugênico de Kehl, configurando-se como o principal e mais polêmico livro. Para este autor, a viagem de Kehl para a Alemanha e seu contato com o pensamento eugênico europeu e norte americano operaram um rearranjo de suas idéias acerca da Eugenia. Saneamento, Higiene e Educação deveriam ser reordenados / re-hierarquizados e, nesse processo, Kehl, didaticamente propõe suas “Lições de Eugenia<sup>60</sup>”.

O conteúdo desta obra dizia respeito a “Doze Lições<sup>61</sup>” que seriam capazes de dar a devida dimensão do conteúdo dessa Ciência. O tom de sua escrita diz respeito a um viés biológico voltado à hereditariedade e genética. Neste sentido, dedica-se a falar, desde as células germinativas e leis da transmissão hereditária, até mesmo controle de imigração, aborto, esterilização e casamento eugênico<sup>62</sup>.

Muitas dessas discussões eram influenciadas pelo fazer eugênico alemão, sobretudo, aquelas ligadas ao controle da reprodução humana (SOUZA, 2006). Entretanto, cabe ressaltar que, no Brasil, as normas e os ditames sobre reprodução e sexualidade há muito constituíram-se como assuntos velados pela religião, fazendo com que os pareceres eugênicos esbarrassem na moral católica brasileira. Entretanto, os entraves religiosos não se caracterizavam como uma peculiaridade nacional. A Eugenia Latina foi muito influenciada por uma moral católica que regia normas sobre, sexualidade, casamento e família, dificultando, assim, o estabelecimento da Eugenia Negativa (STEPAN, 2005).

A grande aceitação no Brasil dos postulados eugênicos e o posicionamento de Kehl, em fins da década de 1920, junto à Eugenia alemã ajudaram a dar forma a um tom radical aos textos deste médico, permitindo-lhe discutir medidas como segregação, esterilização e controle matrimonial.

Além de Renato Kehl, vários psiquiatras<sup>63</sup> ligados à Liga Brasileira de Higiene Mental<sup>64</sup> (LBHM) começam, a partir de fins da década de 1920, a se pronunciarem

---

<sup>60</sup> Devido à boa receptividade de seu livro, Kehl pensa em publicá-lo nos Estados Unidos, anseio que não se concretizaria, entretanto, o “Lições de Eugenia” é traduzido para o Espanhol, o que possibilitou acesso aos países latino americanos, sobretudo Cuba, Peru, Argentina e México (NALLI, 2002).

<sup>61</sup> Na primeira edição desta obra em 1929 o livro é constituído por doze lições. Sua reedição em 1935 deu nova configuração ao texto, somando-lhe uma lição. Segundo Souza (2006) a segunda edição do livro revela diferenças sensíveis que o fizeram optar por deter-se apenas na obra de 1929. Devido ao difícil acesso à primeira edição e aos recortes temporais feitos nesta dissertação, dialogarei diretamente com a edição de 1935.

<sup>62</sup> Por mais que Kehl aponte para um caminho cada vez mais radical, muitas das questões por ele discutidas em seu livro recebem seu parecer contrário, por exemplo: o aborto.

<sup>63</sup> Dentre eles podemos citar: Cunha Lopes; Pacheco e Silva; Henrique Roxo e Ernani Lopes.

abertamente a favor da “Eugenia Negativa”, destacando medidas como esterilização compulsória. Tais posturas favoráveis podem ter sido efetivamente postas em prática. Ernani Lopes, então presidente da LBHM<sup>65</sup>, proferiu, em uma reunião da Liga, que Juliano Moreira<sup>66</sup> autorizava medidas de esterilização em algumas mulheres alienadas que poderiam vir a receber alta. Lopes ressalta que as mulheres esterilizadas apresentavam nítidas indicações de transmissão hereditária de suas taras e patologias (REIS, 1994).

Mesmo fora do círculo médico, a esterilização e as propostas eugênicas radicais se fizeram presentes. Destacando o racismo, a inferioridade do negro e a esterilização, Monteiro Lobato<sup>67</sup> publicou, em 1926, seu único romance intitulado “O Choque das raças”, obra considerada por Habib (2003) uma tradução didática de postulados eugênicos.

Esse texto trata de uma ficção datada de 2228 em que os EUA<sup>68</sup>, após erradicar diversos tipos de “vícios” sociais e morais, elegem seu primeiro presidente negro, devido ao maior numero de eleitores desta cor.

Mais espertos e inteligentes, os brancos reverterão o quadro mediante uma série de medidas destinadas a “branquear” o negro e a ‘desencarapinhar-lhe’ os cabelos. O governo oferece aos negros a possibilidade de alisar os cabelos em postos públicos pela aplicação de raios ômega, uma invenção recente. Formam-se filas imensas e todos os negros acorrem desesperadamente aos postos de despixainização sem saber de seus efeitos esterilizantes sobre os homens. Nove meses depois o país viu as cifras de natalidade dos negros despencarem vertiginosamente. O presidente negro recém-eleito aparece morto e, lentamente, a prosperidade volta a reinar na América do Norte. O futuro dos negros estava selado para sempre (LOBATO, citado por BIZZO, 1995, p. 48).

Toda esta defesa aberta do radicalismo e da esterilização compulsória revela que Kehl não seria o único adepto deste tipo de proposta negativa e, embora ele já houvesse abordado este tema antes de sua viagem para Alemanha<sup>69</sup>, algum tempo após seu

---

<sup>64</sup> No início da década de 1920, após o fechamento da Sociedade Eugênica de São Paulo, a Eugenia se vincula institucionalmente à LBHM (REIS, 1994).

<sup>65</sup> Assumiu a presidência em 1929.

<sup>66</sup> Foi um dos mais importantes nomes da psiquiatria no Brasil. Era membro da Sociedade Eugênica de São Paulo.

<sup>67</sup> É importante ressaltar que os pensamentos de Monteiro Lobato caracterizaram, ao longo de suas obras, duas vertentes quanto às teorias raciais brasileiras. Num primeiro momento, se enquadravam dentro de uma abordagem determinista-racial, num outro passou a adotar as bases da teoria culturalista. Esta última será abordada mais adiante neste texto.

<sup>68</sup> É importante pensar aquele momento (década de 20) como um período de grande influência dos Estados Unidos sobre o Brasil sendo um ícone de desenvolvimento econômico e político.

<sup>69</sup> “A esterilização dos grandes degenerados e criminosos” publicado em 1925 nos “Archivos Brasileiros de Higiene Mental” (REIS, 1994). Destaco também “A esterilização sob o ponto de vista eugênico”,

retorno ao Brasil que passou a reforçar esta discussão, como é possível perceber em um trecho de “A esterilização dos Grandes Degenerados e Criminosos”, contido em seu “Lições de Eugenia”:

A esterilização dos degenerados e criminosos constitui uma das medidas complementares da política eugênica, a qual estabelece, precipuamente, o exame de sanidade pré-nupcial, o impedimento à paternidade indigna, à procriação, em suma, de cacoplastas. (KEHL, 1935b, p. 218)

No mesmo momento em que Renato Kehl trabalhava na construção de sua obra “Lições de Eugenia”, envolvido por discussões acerca desta postura radical e embebido pelas impressões trazidas da Eugenia européia, elaborava o primeiro jornal de Eugenia da América Latina – o Boletim de Eugenia (1929 – 1933). Editado com seus próprios recursos, esse jornal seria distribuído gratuitamente a vários Órgãos, Instituições, intelectuais além de todos que se interessassem pela temática, com o objetivo de centralizar a discussão em um periódico próprio, e de divulgar os ideais eugênicos.

Por mais que as inspirações negativas trazidas da Alemanha se fizessem presentes nesse periódico<sup>70</sup>, discursos eugênicos vinculados ao Saneamento, Higiene e Educação também encontravam guarida em suas páginas. A publicação de textos eugênicos de diversas ordens era providencial a chamar a atenção de outros intelectuais, da elite política e do público leitor. Na visão de Souza (2006) o reconhecimento que Renato Kehl buscava para a Eugenia ia além da discussão autônoma promovida por seus pares, tentava abarcar outras esferas como Órgãos e Instituições diversas, o poder público e a sociedade em geral.

No segundo semestre de 1929, o Boletim de Eugenia se torna suplemento da Revista Medicamenta e, a partir de 1932, a editoração fica a cargo de Octávio Rodrigues e Toledo de Piza Júnior<sup>71</sup>; com isso a periodicidade do Boletim, que era mensal, passa a ser trimestral (SOUZA, 2006). Em 1933 este periódico sai de circulação por falta de verba, uma vez que as despesas do jornal ainda ficavam a cargo de Renato Kehl, juntamente com alguns assinantes.

---

capítulo que compõe o livro “Melhoremos e prolonguemos a vida” (1922) Segundo Souza (2006), por mais que Kehl tenha apontado para práticas radicais como as citadas, suas diretrizes, ao longo da década de 1920, de forma geral, seguiam um viés educativo e mais brando.

<sup>70</sup> O “Boletim de Eugenia” trazia vários artigos publicados no Norte europeu e nos Estados Unidos. No primeiro exemplar, datado de janeiro de 1929, apenas três meses após o retorno de Kehl ao Brasil, consta um texto em alemão ressaltando as conquistas do movimento eugênico alemão e divulgando o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia (SOUZA, 2006).

<sup>71</sup> Eugenistas e professores da Escola Agrícola Luiz de Queiroz – Piracicaba.

Tanto os primeiros números do “Boletim de Eugenia” quanto as páginas de “Lições de Eugenia” seriam um prelúdio da postura de Kehl no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia (1929). O contato com as idéias da Eugenia alemã somado à boa inserção da discussão eugênica, no Brasil, seriam capazes de gerar um entusiasmo que organizaria e propagandearia suas novas concepções sobre essa temática.

Foi justamente durante sua viagem ao Norte da Europa que Renato Kehl recebeu o comunicado sobre o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, a realizar-se em 1929. O então presidente da Academia Nacional de Medicina, Miguel Couto, durante seu discurso comemorativo aos 99 anos desta Instituição, ressaltou a “importância do problema imigratório”, o cultivo da “alta biologia” e o anseio de se construir uma nação forte, útil e bela. Sobre essas considerações, Miguel Couto encerra sua fala dizendo: “proponho que a Academia Nacional de Medicina convoque para as festas de seu centenário o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia” (COUTO, 1929, s/p.). Assim, Renato Kehl vê, no Brasil, o acolhimento dos postulados eugênicos materializarem-se sob a forma de um congresso, cuja realização, segundo Souza (2006) serve para reiterar os ideais eugênicos e apontar os caminhos da Eugenia ao longo da década de 30.

Realizado entre os dias 1º e 7 de julho, o congresso acolhe mais de duzentas pessoas nos espaços da Academia Nacional de Medicina e do Instituto dos Advogados. Médicos, biólogos, jornalistas, psiquiatras, escritores, deputados, além de participantes, vindos da Argentina, Peru, Chile e Paraguai transitam pelas sessões de “Antropologia”, “Genética” e “Educação e Legislação”<sup>72</sup>. Esta última, foi se configurando como a mais polêmica, tendo seus textos publicados, na íntegra, nas Actas e Trabalhos do evento (DIWAN, 2007). Boa parte da polêmica desta sessão ficou a cargo de Álvaro Fróes da Fonseca<sup>73</sup>, que como dito, emitiu parecer contrário ao livro “Lições de Eugenia” (1929) (SOUZA, 2006). Em seu texto “Os grandes problemas da Antropologia”, apresentado na sessão de “Educação e Legislação”, Fróes da Fonseca faz os seguintes apontamentos:

Enquanto vai a ciência abrindo penosamente o seu caminho, segue-lhe os passos dos aproveitadores do momento, dos que, à sombra do seu prestígio,

---

<sup>72</sup> De forma geral, o congresso dividiu-se ainda, entre aqueles que concebiam, com Kehl, as idéias radicais e aqueles que se opunham a elas, como Fróes da Fonseca, Roquette-Pinto (Presidente do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia; Antropólogo Diretor do Museu Nacional ) e Belisário Penna.

<sup>73</sup> Podemos citar também Roquette-Pinto como outro importante intelectual que juntamente com Fróes da Fonseca irá, a partir do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, criticar duramente as noções de Kehl (DIWAN, 2007). Mesmo sendo de base mendeliana, o que o aproxima de Kehl, Roquette-Pinto rejeita as noções de inferioridade racial brasileira e opõe-se às medidas radicais propostas por Kehl, aproximando-se das noções de Educação, Saneamento e infra-estrutura (SOUZA, 2006).

fazem de hipóteses dadas como fatos, de afirmações transfiguradas em documentos, de fragmentos doutrinários torcidos e ajeitados a qualquer tese e tudo bem vestido de eloquência, a obra que se populariza por que não combate senão favônios preconceitos reinantes (...). E mais que tudo, é lamentável que tais coisas façam prosélitos e encontrem repetidores que querem a viva força criar o preconceito racial, com toda a gravidade dos seus problemas, onde ele é, mercê de Deus, praticamente melhor. Tal é o caso infelizmente do livro que acaba de ser distribuído, por ocasião deste congresso, pelo Dr. Renato Kehl, sob o título 'Lições de Eugenia'. (FONSECA, 1929, p. 78)

De acordo com Souza (2006), Fróes da Fonseca traz para seu texto a legitimidade dos antropólogos do Museu Nacional, produtores de um saber acadêmico, fundado na tradição dessa Instituição desde o século XIX. O próprio campo da ciência Antropologia confere status científico ao texto de Fróes da Fonseca, utilizado na tentativa de desatar os nós que sustentavam os argumentos de Kehl. Nós que, para Fonseca, situam-se em grande parte, no prestígio conquistado por Kehl em meio à intelectualidade brasileira, prestígio muito mais político do que científico.

As aclamadas discussões no interior da sessão de “Educação e Legislação” ao mesmo tempo em que ajudam a conferir importância política revelam uma hierarquia entre as sessões do congresso. O interesse em torno da “Educação e Legislação” diz respeito às propostas de políticas públicas que deviam ser definidas nesse evento, especificamente nesta sessão, para, então, serem apresentadas ao governo que se iniciaria no próximo ano<sup>74</sup>.

Justamente com o intuito de atuar na constituição de políticas públicas vinculadas aos ideais eugênicos foi criada, em 1931, a Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE), que promoveria também o estudo e a divulgação da causa eugênica. Vinculada à Federação Internacional das Associações Eugênicas a Instituição agregou importantes nomes do cenário intelectual brasileiro, dentre eles: Ernani Lopes e Porto Carreiro, presidentes da Liga Brasileira de Higiene Mental<sup>75</sup>; Belisário Penna, Gustavo Lessa e Caetano Coutinho, intelectuais vinculados ao Departamento Nacional de Saúde Pública além de Toledo de Piza Júnior e Octávio Domingues.

---

<sup>74</sup> Mesmo com a crise política que desencadeará a Revolução de 30 e conduzirá Getúlio Vargas à presidência, as discussões principiadas no 1º Congresso Brasileiro de Eugenia e posteriormente da Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE) serão invocadas para subsidiar políticas públicas estatais. A saber, em 1932, Renato Kehl, Miguel Couto e Roquete Pinto serão designados pelo Ministério do Trabalho a pensarem os problemas da imigração no País. Em 1934 a Assembléia Constituinte acatará as indicações da “Comissão de Imigração” resultando na restrição da entrada de asiáticos e judeus no Brasil. Esta restrição será retirada da Constituição em 1937 após o golpe do Estado Novo (DIWAN, 2007).

<sup>75</sup> Instituição psiquiátrica criada no início dos anos 1920. Sobre este aspecto indico Reis (1994).

Juntamente com o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia e o Boletim de Eugenia, a CCBE visibiliza o fôlego desta Ciência no Brasil, institucionalizando o movimento eugênico.

Encabeçada por Kehl, a CCBE se aproxima das idéias da Eugenia Alemã. Entretanto, apesar desta inspiração, a CCBE agrega além das vertentes que apostavam, com Kehl, em propostas radicais, grupos vinculados ao movimento sanitarista. Assim sendo, por mais que o radicalismo não se apresentasse como uníssono, foi acolhido<sup>76</sup> por um considerável grupo de intelectuais.

O radicalismo proclamado por Kehl se tornará ainda mais evidente após sua segunda viagem à Europa em 1932. Passados seis meses fora do Brasil, Kehl deu maior fôlego a suas propostas de restrição imigratória de árabes, asiáticos e negros, proclamando pessimismo quanto a miscigenação, divulgando medidas de controle matrimonial e esterilização de sujeitos “anormais”. Estas discussões se materializaram em seu livro “Aparas Eugênicas” (1933), lançado poucos meses depois seu retorno da Europa.

No cenário internacional, as idéias eugênicas radicais a cada dia conquistavam mais espaço, como o caso dos EUA e Alemanha. Justamente em 1933, ano de lançamento do “Aparas Eugênicas”, Adolf Hitler assume o cargo de chanceler na Alemanha<sup>77</sup>.

“Aparas Eugênicas” (1933), “Lições de Eugenia” (1935b) e vários dos textos de publicados no “Boletim de Eugenia” carregam trechos emblemáticos da postura radical que este autor assume, a partir de fins da década de 1920. Ao olhar de forma mais detida para alguns desses textos comecei a perceber proximidades entre eles. Numa tentativa de aproximá-los [falo especificamente das obras: “Lições de Eugenia” (1935b), “Aparas Eugênicas” (1933) e sua conferencia “A Eugenia no Brasil” no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia (1929a)] foi possível perceber que, em diversos momentos, Renato Kehl reitera sua autoridade sobre o assunto, pronunciando-se claramente numa postura radical.

---

<sup>76</sup> Segundo Souza (2006), esta acolhida poderia ter sido influenciada por uma “crise do pensamento liberal” desencadeada pelos problemas econômicos de 1929 e pela crescente preocupação com o problema da imigração e a causa da identidade nacional, elementos que mobilizaram os intelectuais brasileiros daquela época.

<sup>77</sup> Por mais que no cenário internacional as conquistas em favor da Eugenia radical se efetivassem a cada dia, no Brasil estas discussões começam a perder fôlego frente às duras oposições de intelectuais como Roquette-Pinto e Fróes da Fonseca. Além disso podemos destacar ainda a maior popularidade de teses que abordam sociologicamente a diversidade cultural e racial brasileira (SOUZA, 2006).

Na conferência proferida no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, Kehl traz o “esboço histórico e bibliográfico” do que foi esta Ciência no Brasil. Ao citar nomes e feitos desse movimento ele ressalta grandes marcos no âmbito nacional, tais como a primeira conferência sobre Eugenia realizada no País, em 13 de abril de 1917, na Associação Cristã de Moços; a Sociedade Eugênica de São Paulo em 1918 e a vitória contra a reforma do código civil que passaria, em 1919, a permitir o casamento entre consangüíneos (KEHL, 1929a).

Em meio a seu “esboço histórico”, nomes foram citados e aclamados; sobretudo, destacava seus prosélitos<sup>78</sup>, dentre eles: Arnaldo Viera de Carvalho<sup>79</sup>; Fernando de Azevedo<sup>80</sup> e Belisário Penna. Sua fala apontava feitos e marcos de que participou, que ajudou a escrever e que então, no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia seriam por ele lembrados.

Este caminho de reiteração de sua autoridade no assunto ganha visibilidade com o lançamento do “Lições de Eugenia”, que como dito, ao longo de seus doze capítulos, revelaria ao leitor o “exato” entendimento desta ciência. Nas palavras de Kehl:

Há porém, muita gente que não faz juízo exato dos fundamentos e dos propósitos eugênicos, mesmo médicos e especialistas em ciências afins. Faltava, pois uma obra escrita em linguagem simples e clara, que compendiasse todas ou pelo menos as principais questões. (1935a, p. 12)

Além de indicar e reafirmar sua posição em meio ao movimento eugênico, o autor, nesta obra, revela o tom radical com que passa a conceber a Eugenia. A forma como articula seu texto, os assuntos abordados; o encadear dos capítulos aproxima-o de uma discussão genético-hereditária determinista, diferenciando-se de seus tantos escritos, até então.

Nos textos de Kehl, a que tive acesso, verifiquei que entre 1919 a 1937 é comum a referência à Biologia e suas leis. Mais do que isso, a autoridade dos dizeres biológicos e médicos, a meu ver, nortearam seus escritos, entretanto, nas obras que datam de 1919 a 1928 Biologia e Medicina dialogam com uma série de práticas culturais, educativas, higiênicas e sanitárias. Segundo Souza (2006) a partir do “Lições de Eugenia” (1929),

---

<sup>78</sup> Cabe destacar que muitos destes prosélitos, mais tarde, em fins da década de 1920 irão se opor ao pensamento radical que Kehl começa a desenvolver após sua viagem ao norte da Europa. Dentre eles podemos citar: Belisário Penna (SOUZA, 2006)

<sup>79</sup> Fundador, juntamente com Renato Kehl, da Sociedade Eugênica de São Paulo.

<sup>80</sup> Intelectual brasileiro formado em Direito e que se dedicou às questões da Educação e educação física.

tais diálogos tornam-se menos profícuos e as discussões genético-hereditárias deterministas assumem o local de destaque.

Neste exercício de aproximar os textos produzidos por Kehl, fui percebendo algumas diferenças entre “Melhoremos e prolonguemos a Vida” (1922) e “Lições de Eugenia” (1935a)<sup>81</sup>. Já na “Primeira Lição” noto alterações substanciais em suas definições do que é Eugenia. Sem descartar definições anteriores, ele atua complementando-as, delimitando melhor o termo; assim, observo, em alguns momentos proximidades entre o que é Eugenia nessas duas obras. Entretanto, as semelhanças param em algumas frases, sobretudo porque o texto que envolve as definições segue tons bastante diferentes. Em mais de um momento, em suas obras que datam dos primeiros anos da década de 1920, Kehl aponta que o Saneamento e a educação também são elementos eugenizadores, ressaltando que: “instruir é eugenizar, sanear é eugenizar” (1922, p.27).

Após 1929, Kehl contorna de maneira diferente a definição dessa Ciência. Em “Lições de Eugenia” (1935b), inspirado pelo movimento alemão aponta, em letras miúdas, o que os alemães concebem por essa Ciência. Em suas palavras: “Eugenia é a higiene das disposições hereditárias que estão contidas nas células de reprodução” (p. 16)

Do foco na instrução e Saneamento, Kehl indica, em seus textos após 1929, para a hereditariedade e as células de reprodução. Às semelhanças percebidas nesses dois momentos, foram se agregando novas características. Em “Lições de Eugenia” (1935b) e em outras obras<sup>82</sup> ao longo da década de 30, o termo Eugenia vai se fechando e assumindo outras configurações, nota-se maior atenção para com as questões genético-hereditárias deterministas.

Neste novo tom, Kehl passa a re-hierarquizar uma série de práticas que, em outros tempos, foram aclamadas. Educação, Higiene e Saneamento passam de práticas eugenizantes a meros acessórios da “ciência da melhoria da raça”. Agora, com base em novas leituras e dados trazidos do norte da Europa Kehl começa a apontar algumas distinções conceituais.

---

<sup>81</sup> A escolha por estas duas obras se deu pelo fato de se tratarem de textos que objetivam vulgarizar e esclarecer sobre a Eugenia, desde suas fundamentações científicas a suas propostas de intervenção. Cabe ressaltar que estas não são as únicas obras de Kehl que se propõem a isso, podemos destacar ainda: Eugenia e Medicina Social (1920a); Aparas Eugênicas (1933) etc. Aqui, atuo comparando as duas obras na tentativa de visibilizar as diferenças acerca da definição de Eugenia nos distintos momentos de Kehl.

<sup>82</sup> Por que sou Eugenista (1937a); Aparas Eugênicas (1933). Boletim de Eugenia (1929 a 1933).

Neste sentido, destaca a diferença entre Eugenia e eutecnia. Sem qualquer influência sobre a genética do indivíduo, a eutecnia vai se ocupar em fornecer bom ambiente para seu pleno desenvolvimento, assim, Kehl faz o seguinte alerta:

Não confundir as práticas eugênicas com as propostas pela eutecnia que, por serem de ordem paracínética, não influem sobre a individualidade genética. A eutecnia ocupa-se, apenas, de melhorar o ambiente, para torná-lo mais propício à vida dos indivíduos. (1935a, p. 17)

Educação, Saneamento e Higiene, devido à sua ordem paracínética assumem uma posição secundária, configurando-se como práticas acessórias, auxiliares, de apoio à Eugenia, compondo, assim, o quadro da Eutecnia.

Cabe ressaltar que essas práticas foram desvalorizadas na medida em que a Eugenia ocupava uma posição privilegiada, alçada pelas disposições genéticas e hereditárias<sup>83</sup>. A consolidação das teorias genéticas de Mendel e Weismann<sup>84</sup> elevaram a Eugenia, desvinculando-a de práticas educativas sanitárias e higiênicas. Assim as noções eugênicas assumem outras configurações que inviabilizavam a manutenção dessa Ciência e suas práticas acessórias num mesmo patamar, fazendo, desta forma com que Educação, Saneamento e Higiene não ascendessem junto à Eugenia justamente por serem de ordem paracínética

Na esteira das práticas eutécnicas destacamos as atividades físicas sistemáticas, que nos textos de Kehl, entre fins dos anos 1910 até meados dos anos 1920, estavam inseridas em um projeto de regeneração nacional que com seus saberes próprios fortaleceria o corpo do cidadão. Em “Lições de Eugenia” (1935b), no afã de categorizar e “corrigir” alguns equívocos quanto aos conceitos e ações eugênicas, Kehl aponta: “Assistência e Educação Física não enquadram (...) na Eugenia: suas influências são laterais e não idiocinéticas, isto é não agem sobre o plasma germinal” (1935a, p.16).

Em consonância com os dizeres de Kehl<sup>85</sup>, Octávio Domingues, em seu “Hereditariedade e Eugenia” (1936), dedica um capítulo a falar da “Eugenia e os Esportes”, no qual refuta as idéias de Lamarck, atribuindo-lhes o motivo de vários

---

<sup>83</sup> Estas questões estão norteadas pela posição assumidamente mendeliana nos dizeres de Kehl. Mais adiante retomarei essa discussão.

<sup>84</sup> Biólogo alemão que propõe a independência entre células germinativas e somáticas contrariando as leis de “uso e desuso” propostas por Lamarck (MAYR, 1998)

<sup>85</sup> De acordo com Catañeda (2003) entre Kehl e Domingues, havia divergências devido ao primeiro apoiar seus estudos em bases lamarckianas e o segundo em bases mendelianas. Prefiro pensar com Souza que os postulados de Kehl revelam não só uma fase lamarckiana, mas também weismaniana-mendeliana, o que aponta para uma proximidade entre Kehl e Domingues, sobretudo a partir de fins da década de 1920.

equivocos. “Daí o louvor exagerado dos esportes. Daí a idéia de que o atletismo é caminho andado para a conquista do ideal eugênico”. (DOMINGUES, 1936, p. 51). E conclui dizendo:

“É que ninguém se lembra que o atleta já nasce feito (...) e sua robustez é uma conseqüência direta do vigor de seu corpo, da boa conformação de seus raios ósseos, da proporcionalidade desejável das diversas partes de seu corpo – qualidades essas inatas, herdadas fatalmente. O que o exercício faz é pô-las à mostra, desenvolvê-las.” (DOMINGUES, 1936, p. 51)

A Educação Física, assim como os demais aportes da Eugenia, são relegados a uma posição de menor importância se comparados a ações de caráter hereditário, o que não acarreta em seu esquecimento. Segundo as conclusões aprovadas pelo 1º. Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929, temos que: “Os princípios da Eugenia e a observância dos seus preceitos não excluem a influência benéfica da educação escolar (...), física, intelectual (...), convenientemente orientada” (DOMINGUES, 1936, p. 237).

Ainda nesse evento, o Dr. Jorge Moraes apresenta a tese: “Da Educação Physica como fator eugênico e suas orientações no Brasil”. Após discussão ávida dos presentes à sessão aprovaram-se, por unanimidade, as conclusões do trazidas em sua tese. Vejamos:

1ª. A bem da saúde e desenvolvimento da raça, o 1º. Congresso Brasileiro de Eugenia appella para a classe medica afim de aprofundar a cultura nacional no que diz respeito às bases e orientações científicas da Educação Physica a começar pela escolha do método apropriado aos brasileiros e ao seu clima.

2ª. O 1º. Congresso Brasileiro de Eugenia incita o Governo da Republica a que, com máxima urgência: a) organize Escolas Superiores de Educação Physica para conveniente preparo dos professores indispensáveis á cultura physica nacional. b) institua o Conselho Superior de Educação Physica Nacional, órgão consultivo e orientador do grande problema eugênico. c) estabeleça, da melhor maneira possível, a fiscalização especializada do caso, em todos os estabelecimentos de ensino, associações desportivas e outros centros de cultura physica. d) Promova o preparo de Gymnasios e campos apropriados à gymnastica analytica e jogos ao ar livre para uso do povo em geral.

3ª. O actual Congresso Eugenico proporá para suas futuras reuniões theses relativas à Educação Physica do povo brasileiro. (MORAES, 1929, p. 309)

Percebo, com isso, que os exercícios físicos sistemáticos rondava os grupos de discussões eugênicas. Ou ainda, discutir sobre a educação física, Higiene, Saneamento e Educação seria fundamental para aumentar, a cada dia, o número de adeptos da Eugenia.

Além disso, identificamos nos estudos de Goellner (2003) que em diversos momentos, na década de trinta, a “Revista Educação Physica<sup>86</sup>” trouxe artigos densos e importantes sobre o tema Eugenia, o que nos aponta relação entre as duas Áreas.

Por mais que Kehl atuasse numa tentativa de dissociar Eugenia do que é eutecnia (educação física, Educação, Saneamento e Higiene), todas estas práticas eutécnicas representariam mais campos de conhecimento que poderia se prestar às investidas eugênicas.

Inserida no discurso eugênico, a educação física, no caso, transmitiria seus ideais. Embasada por teorias científicas, engrossaria o caldo do conhecimento eugênico, e, com isso, serviria à eficácia político-científica.

A forma como Renato Kehl passa a olhar para a educação física, Educação, Higiene e Saneamento sofre influência de sua forma de ver a própria Hereditariedade. Seus textos anteriores a 1929 carregavam uma lógica muito mais lamarckiana<sup>87</sup> aproximando as discussões de hereditariedade com Educação, Saneamento e Higiene. Tal postura vai deixando de povoar seus escritos, a partir do “Lições de Eugenia (1929)” (SOUZA, 2006).

Renato Kehl afeiçoa-se às teorias de Weismann e dedica uma das doze “Lições de Eugenia” (1929) para falar de seu pensamento. Entretanto, ele já tinha conhecimento das teorias de Weismann desde a faculdade de Medicina, mas essas idéias se fizeram mais presentes, despertando maior atenção durante seu estreito contato com os eugenistas alemães. Cabe ressaltar que este grupo de eugenistas já há muito pautavam suas propostas e projetos eugênicos à luz de Weismann (SOUZA, 2006).

Os postulados weismannianos e mendelianos povoavam, não só o pensamento eugênico alemão, mas também o norte-americano, país que também influenciou esta postura radical de Kehl. Nos EUA as leis de Mendel legitimam, sobretudo na primeira metade do século XX, práticas como o racismo além de medidas eugênicas como: segregação, imigração etc<sup>88</sup> (STEPAN, 2005).

Há de pensar, entretanto, que estas questões ainda se encontravam incertas para os intelectuais brasileiros. De acordo com Stepan (2005), foi somente em 1917 que o

---

<sup>86</sup> Periódico publicado no Brasil entre 1932 e 1945. (GOELLNER, 2003)

<sup>87</sup> Lamarck (1744-1829), naturalista francês que propôs teorias para a Evolução e Hereditariedade. Segundo Lamarck os organismos se modificavam pelo uso e desuso e tais modificações eram legadas a seus descendentes (MAYR, 1998)

<sup>88</sup> Os Estudos de Mendel e Weismann apresentam resultados muito próximos apesar de não terem compartilhado suas descobertas. (MAYR, 1998) Sepan (2005) utiliza a expressão “weismanniano-mendeliano” para designar as noções de genética e hereditariedade que pressupunha a não interferência entre células somáticas e germinativas.

primeiro livro sobre mendelismo foi publicado no Brasil<sup>89</sup> e somente no final da década de 1920 a genética mendeliana passou a ser assunto mais bem conhecido. Todo este impulso em direção aos pressupostos mendelianos sofreu forte influência das pesquisas agrícolas desenvolvidas na Escola Agrícola Luiz de Queiroz em Piracicaba<sup>90</sup>.

Assim, sendo, as teorias hereditárias não representavam solidez. As primeiras décadas do século XX foram marcadas por insegurança quanto às teorias de herança genética. Borbulhavam num mesmo caldo as teorias de Lamarck, Mendel, Weismann e Darwin, causando receio naqueles que se ocupavam dessas questões (CASTANEDA, 2003). Fontenelle (1925), em seu *‘Compendio de Hygiene Elementar’*, refere que poucos foram os atributos físicos, morais e intelectuais estudados pela hereditariedade humana.

Somente por volta de fins da década de 1940, com a Teoria Sintética da Evolução, as relações entre hereditariedade, genética e evolução vão apoiar-se em bases mais sólidas, sendo sustentadas, até os dias de hoje, como a teoria evolutiva mais aceita (WAIZBORT, 2005).

As confusões e incertezas quanto às teorias da hereditariedade, de certa forma acompanharam a constituição da ciência Eugenia. Vejamos...

### *Nasce a ciência dos bem nascidos...*

A Eugenia como ciência, “nasce<sup>91</sup>” na Inglaterra pautada nos estudos das leis de hereditariedade humana, o que ocorreu a partir de meados do século XIX. O termo Eugenia, datado de 1883, foi utilizado para denominar o uso social do conhecimento da hereditariedade, a fim de por em prática o objetivo da “boa” prole e, apesar de ter sido cunhado, apenas, em 1883, as discussões sobre o melhoramento da espécie não eram novidades naquele tempo.

---

<sup>89</sup> Tal livro é de autoria de Carlos Teixeira Mendes, professor da Escola Agrícola de Piracicaba.

<sup>90</sup> Como importantes nomes nesse processo cito Octavio Domingues e Toledo Piza Junior (SOUZA, 2006).

<sup>91</sup> Utilizo aspas na tentativa de problematizar a idéia de “surgimento”, “origem”, “gérmen”. Concebo que a Eugenia é sistematizada no século XIX como fruto das condições de possibilidade que o contexto científico/político da época permitiram. Assim, estudos científicos, formas de pensar, Instituições, normas e condutas sociais que vieram se constituindo em períodos anteriores possibilitaram que, num dado momento, a Eugenia ganhasse “corpo”. Ressalto, entretanto, que as condições que possibilitaram a sistematização desta Ciência não dizem respeito a uma lógica homogênea, uníssona e coerente; ao contrário, diz respeito a conflitos, divergências e embates.

Por volta de 1869, Francis Galton, publica o primeiro livro sobre o assunto, “*Hereditary Genius*”, obra que teve grande influência das teorias evolutivas de seu primo, Charles Darwin. Pode-se dizer que os primeiros ensaios de Galton se deram por volta de 1865, após ler “*Origem das espécies*”. Seus conhecimentos matemáticos somados à inspiração dos escritos de Darwin, o fizeram propor um padrão original da raça:

Me PROPONHO mostrar neste livro que as habilidades naturais do homem são derivadas de sua herança... Assim, como é fácil... obter através de seleção cuidadosa uma raça permanente de cachorros ou cavalos, talentosos com poderes peculiares de correr, ou de fazer qualquer outra coisa, poderíamos utilizar disto para produzir uma raça altamente talentosa de homens através de matrimônios judiciosos durante várias gerações sucessivas.”(grifos do autor; tradução livre, GALTON, 1892, p. 1)<sup>92</sup>

Galton conclui, então, que a sociedade poderia fazer depressa o que a natureza fazia lentamente; em outros termos, poderia selecionar deliberadamente o homem em prol da evolução de sua espécie. Neste sentido, a Estatística desponta como importante elemento dentre os muitos mecanismos que o levariam a pensar a melhoria da raça. Autor da teoria da Regressão Estatística, ele propunha, a partir deste tratamento, estimar um padrão original da raça.

A regressão indicaria o caminho a ser perseguido, no sentido de depurar a raça com o suceder das gerações. Para tanto, deveriam ser introduzidas modificações no corpo e no intelecto dos indivíduos, no sentido de retorno ao padrão original racial (BIZZO, 1995).

Na primeira edição do “*Hereditary Genius*”, datada de 1869, Galton traz como parte integrante de seu estudo a teoria pangenética de Darwin, dizendo que todas as características presentes no indivíduo sejam elas herdadas, adquiridas ou latentes, são transmitidas a seus descendentes. Partindo deste pressuposto, o exame físico e o estudo genealógico dos indivíduos poderiam constatar o que seria perpetuado. Na segunda edição de “*Hereditary Genius*”, em 1892, já eram evidentes as críticas em relação à teoria pangenética; no entanto, o livro foi reeditado com o mesmo conteúdo (BIZZO, 1995).

---

<sup>92</sup> “I propose to show in this book that a mans natural abilities are derived by inheritance... consequently, as it is easy... to obtain by careful selection a permanent breed of dogs or horses, giften with the peculiar powers of running, or of doing anything else, so it would be quite practicable to produce a highly gifted race of men by judicious marrieges during several consecutive generations.”

Galton nesta reedição de “Hereditary genius”, se desculpa por não ter tido oportunidade para rever o conteúdo e ainda diz que se o tivesse feito reveria o capítulo final, o qual se refere à “teoria provisória da pangênese”. (GALTON, 1892). É interessante ressaltar que este autor opta por adotar algumas idéias da teoria pangenética de Darwin, em detrimento da então em voga teoria Lamarckiana e mesmo assim não assume a pangênese por completo em função de algumas críticas a esta teoria. Mesmo Darwin, ao debruçar-se mais detidamente sobre a hereditariedade, começa a repensar a pangênese e passa, então, a atribuir valor as teorias do uso e desuso de Lamarck. Em carta a Galton, datada de 1875, Darwin escreve: “A cada ano chego a atribuir sempre maior importância a esse fator [modificações ‘por uso e desuso durante a vida do indivíduo’]” (MAYR, 1998, p.770).

Cabe ressaltar que no período, entre 1890 e 1925, no qual foram reeditadas e reimpressas algumas obras de Galton, várias foram as mudanças ocorridas no cerne das ciências biológicas (BIZZO, 1995). Mais do que isso, no próprio período que vai de 1850 a 1900, no qual Galton sistematiza suas primeiras impressões sobre a Eugenia, as discussões sobre a Hereditariedade se desencontravam.

A crença de que era o meio ambiente ou o “uso e desuso” que afetariam as qualidades hereditárias era quase universalmente aceita, até o final do século XIX e, por numerosos biólogos, também no século XX. A aceitação desta teoria começou a ser questionada por alguns cientistas, a partir de 1850, quando passaram a experimentar a teoria de Lamarck, para justificá-la. Neste sentido, Darwin, dentre outros<sup>93</sup> passam a ocupar-se desse assunto.

Darwin não se vê contemplado pela teoria da herança dos caracteres adquiridos e toma a seleção natural como causa das variantes evolutivas, assim, nas primeiras edições de “A Origem das Espécies”, o autor considera ser de pouca relevância o efeito da influência externa na produção da variabilidade. Neste momento, ele não tem claras as noções distintivas entre genótipo e fenótipo. Entretanto, como dito, após ter completado o primeiro volume de “*Varietion*” (1961), volta a repensar a importância das leis do uso e desuso (MAYR, 1998).

Além de Darwin, Galton também propôs alguns ensaios sobre a Hereditariedade, sobretudo na década 1970, após lançada a primeira edição de seu “Hereditary Genius (1969)”. Apesar de não atingir grandes vultos, os ensaios de Galton chegam a alguns

---

<sup>93</sup> Spencer (1820–1903), filósofo que se ocupava das questões evolutivas. Haeckel (1834-1919), Zoólogo Alemão que ajudou a popularizar as ideias de Darwin (MAYR, 1988).

pontos que faz pensar similaridades à idéia de plasma germinal que somente em períodos posteriores Weismann desenvolveria. Cabe ressaltar que muitas das idéias originais de Galton sobre a hereditariedade não foram publicadas (MAYR 1998)

Em 1890, o biólogo alemão August Weismann (1834-1914) avança em sua teoria do “*germ plasm*”, na qual constata sua independência do “*somaplasm*”<sup>94</sup>, ou seja, o primeiro é herdado sem a interferência de influências externas. Weismann viria contrariar as teorias existentes que pregavam a herança de caracteres adquiridos (STEPAN, 1996). Para ele todo o material genético estaria contido no núcleo e recusava terminantemente a transmissão dos caracteres adquiridos. Em 1892, Weismann publica seu “*Keinplasma*”, cujas 628 páginas carregavam seu tratado sobre hereditariedade (MAYR, 1998).

De acordo com Mayr (1998), os estudos de Weismann, Darwin, dentre outros, incitaram Correns e De Vries a experimentarem sistematicamente o cruzamento entre plantas. O resultado disso é que, em 1900 De Vries, Correns e Tschermak, em locais diferentes e num espaço de poucos meses publicam, independentemente, seus resultados sobre as leis da hereditariedade. Entretanto, estes estudos experimentais já havia sido feitos 35 anos antes, por outro pesquisador – Gregor Mendel (MAYR, 1998).

De Vries, ao sistematizar suas considerações em uma de suas publicações aponta em uma nota de rodapé: “Só tive conhecimento da sua existência [o artigo de Mendel] depois de haver completado a maior parte dos meus experimentos, e destes é que deduzi as afirmações comunicadas no texto”. (De Vries citado por Mayr, 1998, p. 812).

Ironicamente, enquanto pesquisadores buscavam avidamente, entre os anos 1870, 80 e 90, soluções para o problema da Hereditariedade, essas questões já haviam sido “resolvidas”<sup>95</sup>. Em 1865, o monge Gregor Mendel publica os resultados de seus experimentos com cruzamentos de plantas no *Proceeding of the natural history society of Brünn*. Entretanto, os resultados de seus estudos ficaram esquecidos, até 1900<sup>96</sup>.

Nessa data, então, Mendel é redescoberto e devido a suas proposições foi possível ter a consciência da independência entre células germinativas e somáticas. A

---

<sup>94</sup> Os termos “*germ plasm*” e “*somaplasm*” referem-se respectivamente a células germinativas e somáticas.

<sup>95</sup> Coloco entre aspas a palavra “resolvida”, no intuito de retirar o caráter de “verdade” das descobertas científicas de Mendel. Ao mesmo tempo em que busco dar visibilidade a suas pesquisas, como sendo aceitas pela intersubjetividade daquele momento. De acordo com Morin, citado por Gaya (2008); “A intersubjetividade é uma espécie de consenso que impõe as regras do jogo e faz com que se aceite ou não este ou aquele tipo de observação ou verificação no seio de uma comunidade científica.”

<sup>96</sup> Ao que tudo indica, Mendel não havia publicado sistematicamente o resultado de suas experimentações e os textos que vieram a público não tiveram grande alcance (MAYR, 1998).

teoria cromossômica da herança genética caminhava em direção a consolidar-se, mas apesar de sua coerência e demonstrações experimentais não foi prontamente aceita por todos os pesquisadores daquele momento. As teorias de Lamarck ainda se faziam presentes em meio à hereditariedade (BIZZO, 1995).

Com as novas descobertas científicas, que podemos aqui delimitar com o Mendelismo, muitos cientistas passaram a pensar que não seriam necessários esforços para manter boas condições de um ambiente social, afinal, segundo a ciência, isso não iria resultar em melhoria de características hereditárias. Neste sentido, Stepan aponta que:

“A nova genética levava os eugenistas a abandonarem as reformas sociais, preferindo as biológicas, por entenderem que os efeitos das reformas sociais ficariam limitados a uma única geração” (STEPAN, 2005, p. 76)

A descendência, mais que a vida social, seria capaz de determinar tais caracteres. Ao dizer-se que determinada característica, condição, ou comportamento é hereditário, ao invés de uma construção social, parece insinuar algo fechado, acabado, tornando-se natural. Partindo disto, não havia muito a ser feito a não ser tentar prevenir genética/hereditariamente a perpetuação das características indesejáveis (STEPAN, 1996).

Essas entretanto, seriam as convicções eugênicas após o estabelecimento e vulgarização dos estudos de Mendel. No Brasil, como dito, isso começa a ocorrer, a partir de meados para o fim década de 1910, deixando para os anos 1910 e 1920 uma atmosfera peculiar quanto às medidas e divulgações eugênicas. Saneamento, mestiçagem, Educação e educação física ajudam a configurar o quadro da “Eugenia Mestiça” no Brasil. Vejamos...

### *III - A Eugenia Mestiça: Saneamento, Higiene e educação física nos tempos em que “sanear é eugenisar”.*

Depois de séculos de abandono do culto do corpo, enlevado pelo culto do espírito e pela salvação da alma, iniciou-se, graças a intensa propaganda feita em prol dos exercícios físicos, a convicção de que a saúde, a robustez e a beleza não só se herdavam como se conservam e se adquirem pelo esforço e pela vontade. (KEHL, 1923a, p. 325)

É por demais sabido que nosso organismo precisa de exercícios que estimulem a vitalidade, afim de mantel-o em efficacia e evitar o seu enfraquecimento. De há tanto tempo é conhecida essa necessidade que, dizem alguns escriptores, ser o conselho para a educação física mais velho mesmo que a historia. (KEHL, 1922, p. 191)

O Brasil nas duas primeiras décadas do século XX apresentava-se como um país que possuía uma população heterogênea, as raças se confundiam, brancos, negros, índios, miscigenados das mais diversas denominações<sup>97</sup> povoavam o território nacional. Tal como heterogêneas eram as cores dos habitantes, eram também a distribuição de renda, as desigualdades sociais. As condições de saúde eram precárias e a expectativa de vida era baixa, assim como a taxa de natalidade que contrastava, em números, com o alto índice de mortalidade infantil. Os centros industriais<sup>98</sup> eram alvo de toda gente à procura de emprego. Nesses locais, proliferavam os cortiços, agravando ainda mais as condições de vida daquela população.

Paralelamente à leitura feita sobre as más condições de vida do povo construía-se o sonho do Brasil-nação, industrializado e forte. A cidade de São Paulo dos anos 20

---

<sup>97</sup> Refero-me aos Caboclos, Mamelucos, Cafuzos...

<sup>98</sup> Neste breve contexto faço referência ao Rio de Janeiro e São Paulo.

almejava ser como os grandes centros europeus civilizados, modernos e limpos. Naqueles ares deveria se respirar o civismo, a sobriedade, a normalidade e a disciplina. Deveria ali estar explícita a riqueza da aristocracia cafeeira. Para isso, foram arquitetados palacetes, avenidas e prédios junto aos sonhos de cidade disciplinar. Como necessidade de se construir um trabalhador forte nascem as vilas operárias, que viriam como possibilidade de moradia para os menos abastados, para os trabalhadores das fábricas (ROCHA, 2003).

O Rio de Janeiro também vive uma história parecida. A partir da segunda metade do século XIX, a cidade começa a se construir, e apresenta-se como oportunidade às pessoas de toda parte do Brasil, além de ser passagem obrigatória aos imigrantes e escravos que aqui aportavam. Num amontoado de gente residiam “classes potencialmente perigosas, malandros, ladrões, prostitutas, bicheiros, jogadores, pivetes, capoeiras...” (MORENO, 2001, p. 54).

Em 1898, quando Campos Sales assume a presidência da República<sup>99</sup>, operam-se algumas ações efetivas de transformações do Rio de Janeiro aos moldes europeus. Para tanto, uma grande reestruturação arquitetônica é evocada por Pereira Passos<sup>100</sup>. O Rio deveria ser o espelho da República, o cartão postal do Brasil. Abrem-se avenidas, constroem-se prédios, museus, hotéis, a Capital estava disposta a embelezar-se, a requintar-se. “Se comemorava o que era feito, mas sobretudo o que era desfeito” (MORENO, 2001, p. 58).

Os morros destoavam dos 33 metros da Avenida Central, o corpo higienizado, alfabetizado, branco e burguês contrastava com o corpo capoeira, ladrão, malandro, prostituto, marginal. E era este corpo que deveria ser reprimido.

Recém chegado ao Rio de Janeiro, em 1926, Monteiro Lobato escreve uma crônica intitulada “O Pátio dos Milagres”<sup>101</sup> na qual vai justamente tratar das contradições existente no “pátio” da “Cidade Maravilhosa”. Nessa crônica, o autor diz da visita de um turista sueco ao Brasil, ao Rio de Janeiro e seu espanto devido a tantas diversidades. Nas palavras de Lobato citado por Habib:

Aqui, entretanto, que riqueza de motivos pictóricos só nos diz respeito a admiráveis mendigos autênticos! Em plena avenida, num esplêndido contraste

---

<sup>99</sup> Entre 1898 a 1902.

<sup>100</sup> Nasceu em 1836, formou-se Engenheiro e entre 1902-1906 foi Prefeito do Rio de Janeiro, veio a falecer em 1913.

<sup>101</sup> Precisamente, foi escrita em abril de 1926, pouco após sua mudança de São Paulo para o Rio de Janeiro (HABIB, 2003).

com as mostras cintilantes de jóias e as damas que passam vestidas de todas as cores do íris e de todas as miçangas de Paris, tenho visto exemplares que fariam fremir de entusiasmo o pincel de nosso grande André Zorn. Mendigos primorosos, com belíssimas chagas, vermelhas com cactos, ótimas para o estudo da gama (...) (2003, p. 85).

O Brasil, com seu grande território, mas com sua pequena população, necessitava aumentar a densidade demográfica, porém, esta não deveria se dar apenas com a abertura dos portos da Nação à imigração. Ao Estado cabia a tarefa de ajustar essas necessidades típicas de uma aspirante sociedade industrial (MARQUES, 1994).

Neste intuito, o Estado invocou o Movimento Higienista e Sanitarista para operar grandes reformas acontecidas nas Cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Entretanto, era necessário ir além das reformas estruturais e arquitetônicas; estes movimentos deveriam penetrar o corpo da população. As noções de limpeza deveriam fazer parte dos hábitos de vida daquele povo e, para isso, deveriam ser reiteradas nos mais diversos espaços, dentre eles: jornais, revistas, livros, escolas, hospitais etc. Era necessário educar...

Segundo Goellner (1996) a década de 1920 foi um período de grande preocupação com a Educação e que respingou na educação física sendo inserida em várias reformas de ensino. Para esta autora, a educação física carregaria para a Instituição escolar duas vertentes muito caras ao ideário republicano: a vertente higienista e a vertente militar. Juntas, essas vertentes apontavam para a linha que guiava o progresso nacional. Atuando sobre o corpo dos filhos da pátria promoveria uma regeneração nacional que faria emergir um país forte (GOELLNER, 1996). Assim, a educação física chamada de ginástica é incorporada no seio das propostas de intervenção deste novo ideário nacional (SOARES, 1994).

Com “raízes européias” a ginástica seja ela francesa, sueca ou alemã<sup>102</sup>, traria para o Brasil os ranços de suas sistematizações. Difundiria em meio aos brasileiros os anseios de um Estado republicano, moderno, burguês, civilizado e reto. Objetivando atingir as grandes massas, a ginástica deveria alcançar os escolares, as mulheres e os homens da caserna. (SOARES, 1994). Nas palavras de Moreno:

A Educação Física, nesse sentido, não é o problema de higiene individual, mas de higiene social, intimamente ligado à atividade física, moral e intelectual.

---

<sup>102</sup> Não estou com isso sugerindo que essas três escolas ginásticas possuíam as mesmas sistematizações ou ainda que não possuíam diferenças. Aqui, opto por ressaltar as semelhanças contextuais se fazendo ver nas sistematizações dos métodos.

Robustecendo o físico e a moral do indivíduo, conseguia-se diminuir as inúmeras misérias sociais que assolavam a vida em sociedade, como a tuberculose, a sífilis, o alcoolismo e também o erotismo. (2003, p.65)

Assim como a educação física, a Eugenia também se vincula a esse processo “regenerador” nacional. A ordem, a disciplina, a construção de um povo forte, belo e robusto também eram elementos partilhados com essa Ciência. Entretanto, a inserção das “ações eugênicas” só foi possível no Brasil porque neste país ela assumiu um tom próprio.

### *3.1 - A Eugenia no Brasil: cores e formas verde e amarelo.*

Na tentativa de solucionar o problema e afirmar o Brasil como nação civilizada, surgem intelectuais e cientistas que acreditavam na transformação dos ideais eugênicos em políticas públicas. Nos períodos que abrangem o início do século XX, a Eugenia era concebida como uma Ciência avançada e atualizada, símbolo de modernidade social.

O estabelecimento dessa Ciência é contemporâneo ao momento político de busca por soluções que afligiam o cenário nacional, operando uma reavaliação das teorias raciais e climáticas<sup>103</sup> e gerando um surto nacionalista que é intensificado pelos acontecimentos da 1ª Guerra Mundial.

Os países europeus, desde muito, eram símbolo do que inspirasse a civilização e o avanço para os “atrasados” países latino-americanos. O colapso gerado pelo barbarismo europeu na 1ª Grande Guerra ajudou a despertar um novo nacionalismo em muitos países da América Latina. Baseados no desejo latino-americano dos Estados-Nação, estes países desejavam definir a realidade da região e achar soluções aos problemas em termos locais, ao invés dos modelos europeus. Na Europa, a guerra intensificou o medo da degeneração, enquanto na América Latina, gerou novo ânimo para a regeneração nacional (REIS, 1994).

A Eugenia, por volta da década de 20, seria associada ao patriotismo, esse mesmo que veio influenciar, no Brasil, a criação da Liga de Defesa Nacional (1916), Liga Nacionalista de São Paulo (1917), Liga Brasileira de Higiene Mental (1923) e a

---

<sup>103</sup> Neste período, ganham maior vulto os questionamentos sobre o pessimismo da miscigenação e o determinismo climático. Mais adiante retomaremos esta discussão.

Sociedade Eugênica de São Paulo (1918). O surgimento destas Instituições converge com um momento político de busca por soluções que afligiam o cenário nacional.

Cabe ressaltar, entretanto, que desde os anos 1900, um grupo de importantes intelectuais já apontava críticas às teorias deterministas, dando margem a um nacionalismo apoiado em explicações históricas e sociológicas. Assim, não seria a mistura entre as raças, nem mesmo os “problemas” decorrentes do clima que explicariam a situação de miséria e doença do povo brasileiro (SOUZA, 2006).

Por diversas vezes, o Brasil, foi apontado pelos intelectuais europeus como exemplo que iria confirmar suas teorias de degenerescência causada pela miscigenação e efeitos, no homem, de um clima tropical (STEPAN, 1996). Diversos cientistas avisados sobre as conclusões dos determinismos raciais e climáticos apontam para a incapacidade do Brasil em se constituir como um país civilizado.

Por volta de meados do século XIX, importantes pesquisadores<sup>104</sup> aportam no Brasil e vêem materializados, aqui, os resultados da união entre clima e mistura racial. Para esses intelectuais o quadro de miséria e doenças era somente a síntese dos determinismos biológicos e climáticos (SOUZA, 2006)

Tal caráter gera, ainda no século XIX, um desconforto entre alguns cientistas que queriam força, civismo e desenvolvimento para o País. Assim, já era possível visualizar resistências quanto a tais teorias; entretanto, a maior parte dos intelectuais aceitavam as noções de influência climática (SOUZA, 2006).

Pensando em resolver o problema do homem brasileiro e na tentativa de estabelecer o Brasil como um País potencialmente moderno e civilizado houve a necessidade de repensar os determinismos, aproximando-os das noções trazidas pelos movimentos sanitarista e higienista.

Neste sentido, expedições<sup>105</sup> foram feitas no interior do Brasil constatando que as raças, a mestiçagem e o clima não eram suficientes para responder ao estado de miséria e doença em que o país vivia. Nos “Annaes de Eugenia” Renato Kehl relata sobre uma das viagens de Belisário Penna e Arthur Neiva ao interior do País e, citando Penna, o autor diz:

Uma viagem atravez dos nossos sertões, e mesmo fóra delles, confrange a alma e abate a confiança no futuro da pátria, sobretudo pela indiferença ou

---

<sup>104</sup> Dentre eles podemos citar Gobineu, Couty e Agassis e Bukcle (SOUZA, 2006)

<sup>105</sup> Uma expedição foi organizada pelo Instituto Oswaldo Cruz, outra foi feita por Belisário Penna e Arthur Neiva – Diretor do serviço sanitário de São Paulo em fins de 1910 (SOUZA, 2006).

inconsciência dos poderes públicos, federaes, estaduaes ou municipaes, quanto à solução do problema sanitário, certamente o mais grave para a salvação econômica da nação (1919, p. 222)

O resultado dessas expedições foram amplamente divulgadas junto aos jornais, tornando públicas as condições de vida do sertanejo. Ao longo dos anos 1910, os resultados dessas expedições juntamente com o discurso de intelectuais em favor das melhores condições ambientais se unem à vontade de ver o Brasil se constituir como nação civilizada e começam a apontar a ciência como capaz de resolver o problema brasileiro.

Assim, nos anos 1910, o discurso científico sanitário/higienista inflamado pelo surto nacionalista fez com que os intelectuais brasileiros imersos no conhecimento biológico racista<sup>106</sup>, passassem se questionar quanto às teorias, que colocavam o brasileiro e o Brasil em condição marginal. Apesar de os determinismos se prestarem, eficientemente, à legitimação de uma situação de desigualdade<sup>107</sup>, traziam problemas como a idéia fatalista de que o Brasil estaria fadado ao subdesenvolvimento, a uma população incivilizada, um país modelo daquilo que não se queria ser. Chego a dizer que a aceitação de teorias racistas deporia contra os próprios intelectuais brasileiros, os quais são frutos de uma nação miscigenada.

Nesta perspectiva, urgia romper com as propostas racistas, dando um tom personalizado às teorias adotadas no Brasil. Isso resultou num discurso da singularidade racial brasileira que viria ajustar-se ao clima próprio dos trópicos, o que elevou a miscigenação da categoria de degenerescência à de regeneradora racial, passando a ser caracterizada como importante fator nacionalista. Opera-se, então, uma mudança nos princípios teóricos racistas, enfocando questões de Saneamento e educação. Podemos citar o caso do Jeca Tatu que passa de ignorante a homem forte e trabalhador da roça.

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes<sup>108</sup>. (LOBATO citado por HABIB, 2003, p. 59)

---

<sup>106</sup> Entendam conhecimento biológico racista não como um preconceito rondante em meio aos círculos de discussão destes intelectuais, mas sim conhecimento considerado, naquele momento, como científico, verdadeiro. Conhecimento que hierarquizava as raças e discriminava os biótipos.

<sup>107</sup> As desigualdades sociais, neste momento, não mais se apoiavam em bases religiosas, mas sim científicas e, portanto, “neutras”.

<sup>108</sup> O texto original escrito por Lobato data de 1919.

Após a visita de um médico e do uso de remédios e calçados, a vida de Jeca e toda sua família transformou-se, o Jeca não seria mais “Jeca”, passa a forte trabalhador.

Essa mudança no cenário teórico racista não se deu de forma radical, passando a negar postulados raciais, mas sim de forma enviesada, que permitiu ao intelectual brasileiro reconhecer no mestiço fatores de embranquecimento. Sobre esta flexibilização Reis nos aponta:

Embutida nessa perspectiva que de alguma forma procurava acertar as contas com a miscigenação, estava menos a certeza científica do que a convicção ideológica travestida de científica, de todo modo reconfortadora, de que a população brasileira embranquecia (REIS, 1994, p. 58).

Os ideais de branqueamento passados pela miscigenação apoiam-se na idéia de seleção natural, em que os negros e os índios, por serem considerados inferiores (alto número de natimortos, baixa perspectiva de vida, miséria, baixo nível de educação, debilidade física) estavam fadados ao desaparecimento. Somado a isso está o pressuposto de superioridade branca que transmitiria seus caracteres superiores aos negros por meio do cruzamento racial, dando origem a mestiços de boa linhagem moral e intelectual. Percebe-se o uso de elementos científicos para fundamentar o relativismo dos ideais eugênicos pelos intelectuais brasileiros. A seleção natural, que guarda origem próxima ao eugenismo, viria prestar-se a esse papel, servir de elemento racional, argumento em prol de um branqueamento via mestiçagem (REIS, 1994).

De um lado, o panorama pessimista (contra o negro, o índio e o mestiço), porém calcado em bases científicas; de outro, o desejo do Brasil nação forte e civilizada. Sem poder romper com uma ou outra idéia, os cientistas passaram a olhar as leis naturais, os pressupostos científicos de forma a adequar a realidade que aqui se colocava. O branqueamento, para enquadrar-se a esta necessidade, assume outras conotações, surge incitando a idéia de processo, em que o brasileiro tornar-se-ia branco pela miscigenação.

Ao lado da idéia de que o povo brasileiro embranquecia estava a convicção de que boas condições ambientais eram fatores primordiais para a regeneração e bom desenvolvimento dessa população. O branqueamento andaria passo a passo com a melhoria das condições sanitárias e higiênicas, com a boa educação e, com as reformas estruturais e arquitetônicas. Neste sentido, via-se, em fins da década de 1910, vários desses pressupostos pró-desenvolvimento da Nação fervilharem num mesmo caldo, dialogando propostas de ação, interesses políticos e intelectuais.

De acordo com Souza (2006) o movimento eugenista se insere em meio à intelectualidade brasileira pelo movimento sanitarista, uma vez que aqui, os pressupostos eugênicos mantinham estreita ligação com os ideais sanitários. Com a criação de Instituições sanitárias como a Liga Pró Saneamento<sup>109</sup>, criada por Belisário Penna, e o Instituto de Manguinhos possibilitou-se também maior inserção da Eugenia em meio à intelectualidade brasileira. Há de pensar, entretanto na sedução que os ideais eugênicos causavam em meio aos sanitaristas que a viam como símbolo de uma ciência moderna e sofisticada (SOUZA, 2006)

A proximidade entre Eugenia, Higiene e Saneamento levou a um rompimento de fronteiras entre estas áreas, que foram miscigenadas em diversas obras publicadas no final da década de 1910 e início da década de 1920. De acordo com Souza (2006) o conteúdo de obras eugenistas e sanitárias apontava para uma origem comum quanto ao conhecimento científico.

Neste sentido é possível ver Belisário Penna em “O Exército e o Saneamento” (1920)<sup>110</sup>, Renato Kehl em “Eugenia e Medicina Social (1920a) e Olegário Moura, dizer que “eugenizar é Sanear, Instruir é eugenizar<sup>111</sup>”. Ao prefaciar a obra de Kehl “Eugenia e Medicina Social” Belisário Penna refere-se a Eugenia como:

(...) uma ciência vasta que abrange problemas sociais dos mais importantes, e acompanha de perto a hygiene sua precursora no aperfeiçoamento da humanidade. (1920a, p. 4)

Para esses intelectuais havia muito mais a necessidade de vulgarizar os preceitos científicos do que “seccionar” e “encaixar” suas diferenças. O Brasil carecia de instrução pública, reformas estruturais, educação higiênica, modos de ser sanitários... (SOUZA, 2006).

A aproximação entre Eugenia e Saneamento, de certa forma, pode ter sido possibilitada devido às idéias Lamarckistas serem tão aceitas em meio à classe médica brasileira, fato que não ocorreu em nações como os Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha, que tinham como base teórica o mendelismo.

---

<sup>109</sup> A Liga Pró Saneamento foi criada em 11 de fevereiro de 1918, apenas um mês após a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo. Estas duas instituições tinham importantes intelectuais que faziam parte das duas instituições, dentre eles: Renato Kehl e Belisário Penna, o que fortalece os indícios de proximidade entre Saneamento e Eugenia (SOUZA, 2006)

<sup>110</sup> Citado por Souza (2006)

<sup>111</sup> Citado por Souza (2006). Esta frase foi muito usada por Kehl em diversos de seus textos.

As teorias da transmutação, do início do século XIX, pautavam-se pela incorporação (genética) de caracteres adquiridos na sua interação com o meio físico, o que dá ao ser humano grande capacidade de adaptação. Mesmo com as posteriores descobertas de Mendel, esta teoria não foi abandonada de pronto.

Alguns fatores podem ter levado o Brasil a adotar as teorias eugênicas baseadas no lamarckismo, dentre os quais, uma expectativa otimista quanto à melhoria ambiental, o que converge com ideais higienistas e sanitaristas, tão em moda naquele momento. Além disso, tais teorias apontam que esforços humanos, no sentido do próprio aperfeiçoamento, podem gerar progresso e serem transmitidos a seus descendentes. A teoria de Lamarck dá um tom menos determinante às questões raciais, abrindo possibilidade de atuação; assim, melhorando saúde e educação propiciaria o desenvolvimento da população. Apoiar-se em Mendel poderia gerar um pessimismo, uma visão altamente racista da população brasileira. Outro elemento que podemos indicar é o fato de a França possuir seus conceitos baseados na referida teoria, pois, como dito anteriormente, não era ínfima a influência que este país exercia sobre o Brasil<sup>112</sup>.

Aproximar-se do Saneamento e dialogar com Lamarck sugere uma postura muito mais “suave” para a Eugenia brasileira naquele momento. O combate aos ambientes disgênicos, o intento em vulgarizar hábitos e noções higiênicas, além de disseminar idéias disciplinares e científicas eram formas de a Eugenia intervir sobre a vida social, apontando para a lógica da ciência da hereditariedade. À medida que os eugenistas propunham as reformas sanitárias e higiênicas, atuavam discutindo Leis matrimoniais, aborto, exame pré nupcial, educação sexual, alcoolismo, tabaco, doenças venéreas etc.

Segundo Souza (2006), o pensamento eugenista no Brasil, por volta dos anos 1920, caminhou em direção a uma “Eugenia Preventiva”, que, segundo Kehl:

(...) ocupa de debellar os factores dysgenicos, isto é, tudo que agindo sobre o indivíduo o arrasta à decadência. (...) tem por escopo arredar as doenças sociaes v. g. a syphilis, a tuberculose, o alcoolismo, damnosas à humanidade (1919, p.4)

Em outros termos, Kehl define:

---

<sup>112</sup> A estruturação da Sociedade Eugênica de São Paulo foi inspirada nos estatutos da sociedade francesa; mais adiante me deterei sobre este assunto. Cabe ainda ressaltar que a Eugenia francesa ficou caracterizada pela influência neolamarckista, assim como suas propostas no sentido do Saneamento, Higiene e Puericultura (SOUZA, 2006).

A 'Eugenia preventiva' é a hygiene prophylactica da raça. Ella tem por objecto combater os fautores hostis ao homem. (...)

A Eugenia preventiva consubstancia-se com toda a hygiene e como tal consiste na hygiene prophylactica do corpo e também na hygiene prophylactica da alma (1922, p.31 e 32)

Esta postura da Eugenia Preventiva está associada às práticas sanitárias e higiênicas muito comuns das campanhas médicas, o que dialogava perfeitamente com os objetivos de vulgarização de idéias higiênicas, combate a doenças e outros tantos vícios sociais. O discurso sobre o problema do Saneamento além de explicar a “inferioridade racial” brasileira colocava a Eugenia Preventiva, com seu caráter sanitário / higiênico como elemento capaz de produzir uma regeneração nacional (SOUZA, 2006).

Como é possível perceber, nesse período de “reforma” nacional, Renato Kehl configurou-se como importante membro da elite intelectual, dedicando-se com afinco à causa da propaganda eugênica, fundando em 1918, juntamente com Arnaldo Vieira de Carvalho, a Sociedade Eugênica de São Paulo. Esta data, pode ser considerada como marco das investidas sistemáticas da Eugenia, no Brasil, revelando consonância entre os cientistas brasileiros e o desenvolvimento científico europeu, afinal, a referida Sociedade foi fundada apenas dez anos após da sociedade britânica e seis anos após a sociedade francesa.

Mas, voltemos um pouco na História. Em 1917 Renato Kehl, um jovem recém formado em Farmácia e Medicina convoca uma reunião com membros da intelectualidade paulista para, pela primeira vez, discutirem as revisões do código nacional que permitia o casamento civil consanguíneo, aproveitando a oportunidade para ligar as questões matrimoniais às bases fundamentais da Eugenia. Após a reunião, Kehl envia uma circular aos médicos do Estado, propondo uma sociedade científica voltada especificamente para as proposições teóricas e práticas dessa Ciência (STEPAN, 1996).

Illustres collegas:

Cordeaes saudações.

Tendo em vista a alta importância da Eugenia, sciencia do aperfeiçoamento moral e physico da espécie humana, venho convidar-o a coparecer no salão nobre da S. Casa de Misericórdia, (...), às 20 ½ horas do dia 14 deste mez, afim de tratar da fundação da Sociedade Eugenia de S. Paulo, a qual será creada sob o patrocínio do Dr. Arinaldo Vieira de Carvalho. (KEHL, 1919, s.p.)

É fundada, então, em 15 de janeiro de 1918, a Sociedade Eugênica de São Paulo, que representou o primeiro passo na história das organizações eugênicas da América Latina. Sediada na Santa Casa de Misericórdia, a referida sociedade contou, em sua sessão inaugural, com o discurso oficial proferido por Renato Kehl; vejamos:

Ilustres colegas:

Com grande satisfação, vejo-os reunidos neste recinto, para a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo.

Na oportunidade que se depara de tão patriotismo, de louvável empreendimentos dos nossos dirigentes, em summa de regeneração nacional é bem de admitir a plausibilidade da instituição de um centro científico, donde dimanarão estudos, conselhos, regras para o fortalecimento moral e physico dos brasileiros. (1919, p. 3)

A pioneira sociedade agrupava a maioria da elite médica de São Paulo, sendo presidida por Arnaldo Vieira de Carvalho, congregando 140 membros, número superior ao de membros da sociedade francesa. A França, como dito, configurou-se como grande influência aos eugenistas brasileiros, fato que pode ser constatado pelo estatuto da Sociedade Eugênica de São Paulo, que utilizou uma transcrição fiel do estatuto francês. O próprio termo “*eugenía*”, proposto pelo filósofo brasileiro João Ribeiro, diferia de “*eugenésia*” utilizado pelos norte americanos. O acento sobre a letra “i” pode nos indicar semelhança com termo francês “*eugeníque*” (STEPAN, 1996).

A função principal dessa sociedade seria divulgar a idéia eugênica atrelada a temas como o alcoolismo, doenças venéreas, degeneração, fertilidade, natalidade, tuberculose, dentre outros. O contato estreito entre a Eugenia e a imprensa deu voz a esses homens que, justamente, queriam anunciar a ciência da melhoria da raça.

A morte de Antônio Vieira de Carvalho, em 1919, e a mudança do médico Renato Kehl para o Rio de Janeiro, no mesmo ano, abalaram a estrutura da Instituição. Apesar de ter sido recebida em clima favorável, no momento de sua fundação, suas portas vieram a fechar, no ano de 1919.

Meus senhores (...) a associação eugênica que tive a honra de fundar sob os auspícios de Arnaldo Vieira de Carvalho depois da morte deste illustre patrício cahiu em estado de latência, para não dizer que morreu (...) Ninguém quiz arcar os encargos de a manter em actividade (KEHL, citado por REIS, 1994, p. 47).

Isto, no entanto, não resultou num esquecimento das teorias eugênicas. Dada a afinidade entre as suas intenções e as psiquiátricas, assim como uma base teórica

comum<sup>113</sup>, houve grande aceitação da Eugenia pela Psiquiatria, resultando na tentativa de criação de um Centro Eugénico dentro da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Em 1923 é fundada, por Gustavo Riedel, a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) que caracterizou a fusão da Psiquiatria com os ideais eugênicos e Saneamento preventivo da população (REIS, 1994).

A Instituição reuniu a elite psiquiátrica, ou melhor dizendo, a elite médica do País, dentre os quais podemos citar: Antônio Austregésilo<sup>114</sup> e Renato Kehl. Como afirmei anteriormente, havia grande relação entre o Saneamento e a Eugenia, no sentido que uniam esforços em prol de um bem comum: a regeneração do povo (REIS, 1994).

Para Souza (2006), em grande parte, o sucesso da inserção da Eugenia em meio aos intelectuais brasileiros é decorrente do caráter “polimorfo” que essa ciência adquiriu entre fins de 1910 e 1920, moldando-se aos diversos projetos, Instituições e interesses. Muita dessa plasticidade se deu justamente pelas mãos de Renato Kehl, cuja trajetória, em fins da década de 1910 apontava proximidade com as questões do Saneamento e Higiene.

Autor de uma sessão intitulada “Higiene Rural” na revista “Chácaras e Quintais”, Kehl escrevia sobre os cuidados higiênicos que deviam ser observados pelo homem do campo, apontando medidas higiênicas e sanitárias para o bem viver do sertanejo brasileiro (SOUZA, 2006). Nesta interface entre Eugenia, Saneamento e Higiene, Kehl articula-se político-intelectualmente, inserindo os conceitos eugênicos em meio às discussões sanitaristas; afinal, “Sanear é Eugenisar”.

Assim sendo, a aproximação de Kehl aos movimentos higienista e sanitarista carregam um duplo aspecto: um político e um intelectual. A sua atuação no interior desses movimentos, aproximava-o politicamente dos sanitaristas, sobretudo Belisário Penna<sup>115</sup>, configurando uma atitude que visava a conseguir crédito, simpatia e status científico junto a seus pares. Isso torna-se fundamental no início dos anos 1920, em função do fechamento da Sociedade Eugênica de São Paulo e sua mudança para a Capital Federal (SOUZA, 2006).

Com interesse de vincular seu nome ao movimento eugênico, Kehl articula-se também com intelectuais de outros países, sobretudo da América Latina, mantendo

---

<sup>113</sup> Chamo de base teórica comum aquelas Áreas de conhecimento que possuem os mesmos postulados. Neste caso, bases biológicas e hereditariedade.

<sup>114</sup> “Antonio Austregésilo era vice-presidente da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, até a morte de Juliano Moreira, quando se torna presidente; professor de Neurologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e presidente de honra da LBHM” (REIS, 1994, p.215).

<sup>115</sup> No ano de 1920 Renato Kehl casa-se com Eunice Penna, filha de Belisário Penna. (SOUZA, 2006)

contato com o argentino Victor Delfino e o peruano Carlos Henrique da Paz Soldan. Destaco, ainda, sua articulação com outros países como Cuba, México, Paraguai e Chile. Ao fim dos anos 1920, ele havia constituído uma rede de relações com eugenistas da América Latina, América do Norte e Europa (SOUZA, 2006).

Seu esforço em constituir essa rede de relações político-científicas objetivava conferir legitimidade à Eugenia e competência científica a seu nome. Kehl arquiteta alianças, articula a Eugenia à Higiene Mental e ao Saneamento, na busca pela autoridade científica e pela centralidade de seu nome no interior do movimento eugênico.

Neste processo, em fins dos anos 1910, seu prestígio intelectual e a centralidade que seu nome adquiriu, sobretudo vinculado ao movimento eugenista, higienista e sanitário propiciaram-lhe a nomeação para exercer as funções de médico auxiliar da Comissão Médica responsável pela Profilaxia Rural do Distrito Federal. Pouco tempo depois, é designado, por Belisário Penna, a ocupar o cargo de chefe do posto de profilaxia de Merety e Raiz da Serra (SOUZA, 2006).

Com o objetivo de informar as autoridades sobre as condições daquela população, Renato Kehl coletou dados antropométricos que basearam relatórios enviados ao Governo do Estado. Segundo ele, a debilidade física daquele povo seria causada pela anemia, intoxicação e miséria. São palavras suas:

Este trabalho poderá servir, pois, para demonstrar o grau elevado da ‘anemia brasileira’ – na expressão do Dr. Belisário Penna, patenteando assim a necessidade inadiável de uma perseverante, patriótica e intensiva campanha de saneamento do *hinterland* brasileiro.

(...)

E é preciso que essa prophylaxia venha, como uma salvação nacional, tirar o Brasil da apathia em que se acha mergulhado há tantos annos. (1920b, p. 42)

Por mais que discussões sobre Saneamento e necessidades higiênicas se fizessem presentes, há muito, as reformas sanitárias e os projetos de saúde pública começam a ganhar visibilidade com o surgimento do Departamento Nacional de Saúde Pública, no início de 1920.

Dentro deste departamento, Kehl é indicado por Eduardo Rabello<sup>116</sup> a organizar, em 1920, o serviço de Propaganda e Educação Higiênica da Inspeção da Leprosia e Doenças Venéreas. Todo seu trabalho de divulgação era feito, não só por meio da

---

<sup>116</sup> Médico professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Seus estudos centravam-se em Dermatologia e Sifilografia (SOUZA, 2006)

imprensa, mas também via folhetins, palestras, cartazes etc. Envolvido por esse trabalho, foi indicado, em 1922, para organizar o Museu de Higiene que, tutelado pelo Departamento Nacional de Saúde Pública, viria a público durante a Exposição Nacional em comemoração ao centenário da Independência (SOUZA, 2006).

O lugar ocupado por Kehl no Departamento Nacional de Saúde Pública possibilitou-lhe panfletar sobre a causa eugênica, dando a seus ideais visibilidade na propaganda e propagação higiênico-sanitária. A divulgação de seus postulados, a vulgarização da causa eugênica funcionariam como elementos educativos, na esperança de fazer preceitos tornarem-se práticas no seio do povo.

Como meio fundamental para regenerar mentes e corpos, a educação, sobretudo, a educação higiênica e eugênica serviriam como “ferramenta política essencial, não apenas para elevar o grau de civilização de um povo mas também para aprimorar a saúde e “extinguir as doenças” do meio social, colaborando de maneira valiosa aos esforços médicos e sanitários” (SOUZA, 2006, p.111).

Neste sentido, Kehl propaga os preceitos eugênicos e higiênicos por meio de vários jornais e revistas<sup>117</sup>: Boletim do Sindicato (RJ); Gazeta de Notícias, sessão Higiene Popular; Jornal do Comércio (RJ); Revista do Brasil (SP); O Jornal (RJ); Crônica (Lima – Peru); O Correio da Manhã (RJ); Imparcial (RJ); Revista da Semana (RJ); Semana Médica e La República (Buenos Aires)

A educação higiênica e eugênica deveria adentrar as escolas, atingindo as crianças em mais tenra idade. Deveria ser disseminada por pais e educadores a fim de plantar, no ‘futuro da nação’, o germe desses ideais. Citado por Souza, Kehl diz que: “(...) pouco a pouco será criada nelas uma segunda natureza, como que um novo instinto, tornando-as automaticamente praticantes das regras de Higiene” (2006, p. 112)

É neste intuito que Kehl publica, em 1923<sup>118</sup> a primeira edição do “A Fada Higia”, livro dedicado à educação moral e higiênica das crianças. A partir de 1924 esse texto foi adotado como material didático em escolas de várias Estados brasileiros. Com essa obra, Kehl deixa claro que a educação higiênica deveria ser considerada a disciplina mais importante do currículo devido à carência de hábitos higiênicos em meio ao povo brasileiro. A infância, então, seria o momento privilegiado para inculcar tais noções (SOUZA, 2006).

---

<sup>117</sup> No Gazeta de notícias Kehl publicava textos, periodicamente, nos anos de 1923 e 1924; nos outros jornais atuava como colaborador. (SOUZA, 2006)

<sup>118</sup> Devido a dificuldade de acesso, utilizamos neste texto a edição de 1937b.

A “Bíblia da Saúde” (1926a) também constitui outra obra educativa, didaticamente organizada para o bom entendimento e assimilação dos preceitos higiênicos. Esta obra foi constituída de um compilado de artigos publicados por Kehl no jornal “Gazeta de Notícias” entre 1923 e 1924; um potente “elixir” capaz de defender e restaurar a saúde e os hábitos higiênicos.

Somadas às discussões higienico-educativas, Kehl abordou, ainda, noções sobre educação sexual e orientações matrimoniais. Neste sentido, publica “Como escolher um bom marido” em 1923<sup>119</sup> e “Como escolher uma boa esposa” em 1925. Recheadas de conselhos morais, normas de conduta e, sobretudo, indicando os distintos lugares dos homens e mulheres, essas obras tiveram grande circulação, o que aponta boa aceitação do público leitor.

Nesse mesmo período, entre 1922 e 1927, Kehl publica várias outras obras que tratam de temas como Educação Higiênica, Eugenia e Saneamento; dentre os títulos destaque, além dos já citados “A Cura da Fealdade” (1923a) e “Formulário da Belleza” (1927a). Souza (2006) nos aponta que, entre 1922 e 1927, Kehl passa a editar seus livros com maior frequência, talvez, devido ao acesso facilitado gerado pela legitimidade e reputação que seu nome adquiria.

Em meio a algumas dessas obras, as ginásticas se faziam presentes indicando a educação dos corpos como um elemento que circulava em meio à Higiene, Eugenia e Saneamento. As atividades físicas faziam parte dos tantos argumentos em prol de um modo de viver higiênico/eugênico.

*A gymnástica é a cultura regular do corpo: ella é para este o que o estudo é para o espírito (B. St. HILAIRE citado por KEHL, 1926a, p. 467)*

*Sou parecer que todos os Paes devem iniciar-se nos exercícios do corpo, não só praticando-os diariamente para benefício próprio, como para guiar os filhos nessa execução. (KEHL, 1923a, p. 332)*

Os apontamentos de Kehl sobre a educação física, revelam a necessidade do movimento corporal como hábito a ser incentivado desde a infância. Neste sentido, dedica capítulos de seus livros para abordar o assunto. A forma como se dirige à educação física faz pensá-la como importante agente educador de hábitos, capaz de fortalecer e embelezar os corpos, assim como constituir crianças sadias. Seria outra

---

<sup>119</sup> Devido à dificuldade de acesso, utilizamos neste texto a obra “Como escolher um bom marido” editada em 1935a.

possibilidade de intervenção, cientificamente estudada, prestando-se aos postulados eugênicos.

Em “A Cura da Fealdade” (1923a), Kehl intitula um de seus capítulos como “Saúde, Belleza, Robustez e a Educação Physica”, texto que se abre com um louvor à Grécia Antiga e toda beleza que aquela civilização pode inspirar. Partindo disto, dedica o restante de suas páginas a descrever as fases do crescimento e desenvolvimento humano e as suas respectivas indicações de atividades físicas. Seu texto é recheado de autores que respaldam seus argumentos, demonstrando um amplo domínio do que diz, reforçando sua noção de pesquisador e intelectual. Dentre os vários estudiosos da “Educação Physica” e Áreas afins, citados nesta obra, podemos destacar: Fernando de Azevedo, Ling, M. Ducroquet, Heckel, P. Carton, Hawk, Hébert, dentre outros.

Em seu texto, aborda a ginástica sueca e seus benefícios tendo por ilustração as imagens do livro *Gymnastique suédoise pédagogique* de M. Ducroquet. Kehl, ressalta o método natural de Hébert<sup>120</sup> e suas implicações benéficas no desenvolvimento do organismo humano. Entretanto, cabe apontar que ambos os métodos são discutidos à luz das teorias de crescimento e desenvolvimento de Apert e das noções fisiológicas de P. Carton. Referindo-se à Ginástica Sueca, Kehl diz que:

Dos dez annos em diante será então incitado o ensino da gymnastica racional, de movimentos lentos, rythmados, entrecortados por intervalos de descanso. (...). O methodo gymnastico de Ling ou gymnastica sueca repousa neste salutar princípio. (...). Os effeitos da sua prática são apreciáveis, porque é um methodo scientifico, pedagogico e orthopedico, neste ultimo caso útil para corrigir defeitos de conformação.(KEHL, 1923a, p. 329)

Seguindo argumentação e ilustração semelhantes ao livro “A Cura da Fealdade”, em “A Fada Higia” (1937b), Kehl aborda, dentre outros assuntos, os “Exercícios Physicos” e os “Exercícios Gymnásticos”. Com ilustrações e textos didáticos, Kehl dissemina a prática física por meio da educação eugênica.

As atividades físicas, entretanto, destinam-se também aos corpos dos adultos, ao modelamento e aperfeiçoamento plástico, sobretudo das mulheres. É neste sentido que Kehl escreve “Gymnástica para o embelezamento plástico do corpo feminino”, título de um dos capítulos do seu “Formulário da Belleza” (1927a). Para Kehl “La ginnástica

---

<sup>120</sup> Oficial da marinha francesa que pensou uma série de exercícios físicos, tendo como peculiaridade o contato com o meio natural. A estes exercícios Hébert chamou “*Método Natural*” (SOARES, 2003). Ao final do livro “A Cura da Fealdade” Kehl organiza um índice dos principais trabalhos citados na obra; neste índice Hébert é um dos autores mais citados, somando no total, quatro obras, das quais, três propõem o tema exercícios físicos como centrais.

femminile non será mai una ginnastica forza: essa deve essere specialmente una ginnastica de agilitá e di grazia” (MOSSO, citado por KEHL, 1927a, p. 77).

Esse capítulo é constituído pela descrição de uma série de exercícios capazes de moldar plasticamente o corpo feminino. Educa-se, contudo, não só o corpo. As imagens das mulheres, as formas graciosas e as ilustrações assim como os textos ajudam a educar as leitoras para uma noção de beleza eugênica, para a adoção de práticas higiênicas.

Seja em “A Cura da Fealdade”, “A Fada Higia” ou em “Formulário da Belleza”, Renato Kehl se coloca como um incentivador da educação física visando não só aos benefícios que podem gerar ao corpo da população, mas também atento a mais uma forma de disseminar os conhecimentos e práticas eugênicas.

Kehl, entretanto, não discute sozinho os benefícios da educação física. A partir de seus escritos, vejo-o referenciar autores que apóiam seus dizeres, que dialogam as práticas físicas sistematizadas, com as concepções de Eugenia; vejamos:

Acaba de apparecer um optimo compendio intitulado “Da Educação Physica – o que ella é, o que tem sido, o que deveria ser”, do Dr. Fernando de Azevedo, illustre especialista nessa disciplina que está destinado a prestar valioso concurso aos nossos educadores. (...) Aconselhamos esse livro a todos que se interessam pela cultura physica (KEHL, 1922, p. 183 e 184).

“A propósito de um livro do Dr. Fernando de Azevedo”, Renato Kehl escreve, em seu livro “Melhoremos e prolonguemos a vida” (1922), um capítulo intitulado “Exercícios Physicos<sup>121</sup>”, no qual tece grandes elogios e recomendações à obra “Da Educação Physica” (KEHL, 1922, p. 181).

Fernando de Azevedo<sup>122</sup> foi importante entusiasta das atividades físicas como fator educativo e higiênico do povo brasileiro. Representou importante papel dentro da história da Eugenia brasileira, sendo membro da Sociedade Eugênica de São Paulo. Discursou, em 25 de janeiro de 1919, na referida Sociedade Eugênica, sobre relações entre Eugenia e educação física, trabalho intitulado *O segredo da Maratona*<sup>123</sup>.

Em 1916, publica *Da Educação Física*, obra reeditada em 1920 e 1960, composta por textos que tratam de diversos aspectos das atividades físicas. Dentre os vários capítulos que compõem essa obra, um deles é intitulado “Ainda a Educação

<sup>121</sup> Este mesmo texto foi publicado em “O Jornal” (14/08/1920c)

<sup>122</sup> Sobre a relação Eugenia e Educação Física nas obras de Fernando de Azevedo, indico Soares (1994), especialmente o capítulo III item 6.

<sup>123</sup> Texto publicado nos Annaes de Eugenia em 1919.

Physica feminina: aspecto social do problema: Eugenia e plástica”, especialmente produzido para falar da educação física da mulher e sua relação com a ciência da melhoria da espécie (AZEVEDO, 1920a).

Dentre os textos produzidos por Azevedo gostaria de ressaltar aquele que deu origem à conferência pronunciada na Sociedade Eugênica de São Paulo. Posteriormente publicado no livro “Antinoüs: Estudos de Cultura Athletica”, o texto da conferência tornou-se um capítulo intitulado “O Segredo da Marathona: Apologia da Cultura Athletica” (AZEVEDO, 1920b).

Nessa conferência, Azevedo relaciona os exercícios ginásticos com uma série de temas que freqüentemente eram abordados pelos eugenistas. Assim, as preocupações com as questões psíquicas, morais, higiênicas e plásticas tinham na cultura atlética mais uma possibilidade de intervenção. As noções de cientificidade, tão caras aos eugenistas, eram prontamente dialogadas com as práticas físicas sistemáticas.

Seus argumentos enfatizavam a educação física como regeneradora da saúde de um povo, chamavam atenção para o estabelecimento da robustez, via cultura physica. A “cultura athletica” se prestaria a restabelecer a saúde, o vigor, o bom ânimo físico e psíquico. A inércia física geraria “parasitas”, “larvas” a destruírem a saúde de um povo, a emperrar o desenvolvimento nacional e a atrasar a melhoria da espécie. Para Azevedo, então, a Eugenia:

É a regeneração physica dos povos, por uma completa cultura esportiva, que os impulsiona, a todo panno, dos lagos mortos onde jazem estacionários pela inércia, para o esplendido e vasto tumultuar da vida higienica intensamente vivida em pleno ar, acrysolada no ouro do sol (AZEVEDO, 1920b, p. 21)

Para Azevedo (1920a e 1920b), o indivíduo eugenicamente perfeito é aquele que reúne harmonia física, moral e intelectual, resultado de um legado hereditário e de boas condições ambientais. Estas noções postas por Azevedo são bastante consoantes com o discurso eugênico de Kehl entre fins da década de dez até meados dos anos vinte<sup>124</sup>. Entretanto, Azevedo vai além, afirma que a cultura atlética seria capaz de despertar qualidades inatas, antes adormecidas. A educação física, cientificamente prescrita

---

<sup>124</sup> Não quero, ao ressaltar a proximidade dos dizeres de Kehl e Azevedo, dizer que havia total convergência entre esses autores, nem mesmo dizer que Azevedo poderia ser considerado um eugenista. Aponto as proximidades dos discursos e a proximidade com a Eugenia para conferir vulto às falas bastante significativas de Azevedo.

durante várias gerações, seria capaz de legar às futuras proles os benefícios de suas práticas. Vejamos:

Uma vez introduzida pela educação nos hábitos do paiz, a pratica d'esta cultura physica, sustentada durante uma larga serie de gerações, depuraria a nossa raça de diatheses mórbidas, locupletando-a, progressivamente pela criação incessante de indivíduos robustos (AZEVEDO, 1920a, p. 229).

O exercício – esta maravilhosa acção mecânica, é que corrige e modela a estrutura humana. Quando, pois, persistindo a causa durante varias gerações, a herança fixa definitivamente os caracteres adquiridos, as modificações anatômicas assim produzidas tornam-se permanentes (...).(AZEVEDO, 1920a, p. 22):

Gostaria de ressaltar que até o presente momento não encontrei em meio aos dizeres de Kehl, datados até fins da década de 1920, nenhuma afirmação tão incisiva dizendo que a educação física seria capaz de promover a regeneração da espécie, no sentido de alterar, numa perspectiva hereditária, o legado das futuras gerações. Como dito, Kehl, nesse momento, era considerado um Lamarckista por muitos autores, uma vez que apoiava, práticas educativas higiênicas e boas condições ambientais como fundamentais à regeneração do povo brasileiro; entretanto, na leitura que faço de Kehl sou levado a pensar regeneração, não no sentido hereditário como coloca Azevedo, mas sim de dar boas condições para o perfeito desenvolvimento da herança genética<sup>125</sup>.

No entanto, nos fragmentos a que tive acesso, Kehl, em nenhum momento, coloca-se contra as afirmações de Azevedo, nem mesmo contrapõe-se as idéias de herança dos caracteres adquiridos. Ao contrário, como visto, na obra “Melhoremos e prolonguemos a vida” (1922), assim como em artigo no “O Jornal” (1920c), Renato Kehl tece vários elogios a Fernando Azevedo, sobretudo à obra “Da Educação Physica”. Ainda neste sentido, durante sua fala por ocasião do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia (1929a) emitiu o seguinte comentário sobre a conferência de Azevedo, “O Segredo da Marathona”, pronunciada na Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1919.

O conferencista discorreu brilhantemente sobre a necessidade do desenvolvimento integral do homem a fim de construir uma nacionalidade composta de indivíduos sãos e patriotas (KEHL, 1929a)

<sup>125</sup> Não estou, com isso, discordando dos tantos historiadores que concebem Kehl como Lamarckista, prefiro não adotar esta classificação para este autor. Penso que Kehl estava imerso em uma sociedade, em um contexto, em um período que interferiu nas noções européias de Eugenia, nas teorias hereditárias. Vejo Kehl imerso condições de possibilidades que não permitiram naquele momento assumir uma postura puramente mendeliana.

A proximidade de Kehl e Azevedo vai além das discussões acadêmicas. A partir de algumas cartas de Azevedo endereçadas a Kehl é possível perceber boa relação de amizade entre estes dois intelectuais. Vejamos:

São Paulo, 20 de outubro de 1919  
Renato amigo  
Recebi e agradeço tua carta. Folgo em saber que estás para visitar S. Paulo. Espero que, em chegando aqui, me comuniqués logo para não me escapar a ocasião de abraçar-te e trocar ideias contigo. Ando por aqui ocupadíssimo. Depois que daqui saístes, fez-se silêncio sobre a Sociedade Eugênica! Nada de conferências; nada de reuniões!...

A propósito da Sociedade Eugênica, em que deu a discussão na Acad. de Medic. sobre a questão dos casamentos consanguíneos? Foi afinal aprovada a menção de Fernando de Magalhães contra a reforma do código? Idem. Escreve-me sempre. Abraça-te com saudades, teu Fernando

Figura 7: De Fernando de Azevedo para Renato Kehl, 20/10/1919<sup>126</sup>

São Paulo, 15/Julho/22  
Ao querido amigo Renato Kehl  
Fernando de Azevedo agradece a remessa e oferta de um exemplar de seu livro "Melhores e piores da vida", sobre o qual terá muito prazer de escrever (provavelmente no Correio Paulistano) e que é de justiça se escreva sobre trabalhos cujo assunto seja Eugenia e cujo autor: Renato Kehl. Deseja já, um grande abraço de felicitações, teu Fernando

Figura 8: De Fernando de Azevedo para Renato Kehl, 22/07/1922<sup>127</sup>

<sup>126</sup> "São Paulo, 20 de outubro de 1919. Renato amigo. Recebi e agradeço tua carta. Folgo em saber que estás para visitar São Paulo. Espero que, em chegando aqui, me comuniqués logo, para não me escapar a ocasião de abraçar-te, trocar ideias contigo. Ando por aqui ocupadíssimo. Depois que daqui saístes, fez-se silêncio sobre a Sociedade Eugênica! Nada de conferências, nada de reuniões!...

A propósito da Sociedade Eugênica, em que deu a discussão na Associação Nacional de Medicina sobre a questão do casamento consanguíneo? Foi aprovada a menção de Fernando de Magalhães contra a reforma do código? Adeus. Escreve-me sempre. Abraça-te com saudades. Teu Fernando." (AZEVEDO, F. Correspondência a Renato Kehl, 20/10/1919 - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

S. Paulo, 22 de Julho de 1923  
 Meu caro Renato  
 Recebi, com um cartão de felicitações pela minha última conferência, um exemplar de teu livro "Como escolher um bom marido". Pelos parabéns e pela remessa gentil, muito obrigado. Continuo a acompanhar, com vivo interesse, tudo o que te diz respeito. Livro teu, não ha um que não tenha lido, com sympathia. Este ultimo deve ser dos que se tem de um folgo. Pequeno, traz já no titulo a promessa de solving um dos maiores, ~~sendo~~ o maior ~~problema~~, que possa agitar o coração feminino. Certo, sua leitura me trará grande prazer e me firmará (se é que possa consolidar-se mais) o alto conceito, em que tenho teu espirito e tua cultura. Escreve-me sempre. Teu, do coração  
 Fernando

Figura 9: De Fernando de Azevedo para Renato Kehl, 22/07/1923<sup>128</sup>

Nas proximidades de Kehl com Azevedo, na cumplicidade acadêmica com a qual escrevem seus textos é possível visualizar um olhar para os exercícios sistemáticos como importante elemento a ajudar no processo de construção de um país forte, de uma população robusta e saudável. Seria um importante meio de potencializar as funções corporais de homens, crianças e, sobretudo, de mulheres/mães. Sua prática era associada à disciplina, elemento altamente valorizado dentro das várias vertentes do pensamento eugênico.

A educação física é incorporada em um projeto de regeneração nacional e, com seus saberes próprios, vai fortalecer, além do corpo do cidadão, o corpo de possibilidades de intervenção e propagação eugênicas. Representava mais uma

<sup>127</sup> "São Paulo, 15 de setembro de 1922. Ao querido amigo Renato Kehl. Fernando de Azevedo agradece a remessa e oferta de um exemplar de seu livro "Melhoremos e prolonguemos a vida", sobre o qual terá muito prazer em escrever (provavelmente no Correio Paulistano) o que é de justiça se escreva sobre trabalhos cujo assumpto seja Eugenia e cujo auctor: Renato Kehl. Desde já, com grande abraço de felicitações do Fernando". (AZEVEDO, F. Correspondência a Renato Kehl, 15/09/1922 - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>128</sup> "São Paulo, 22 de julho de 1923. Meu Caro Renato. Recebi, com um cartão de felicitações pela minha última conferência, um exemplar de teu livro "Como Escolher um Bom Marido". Pelos parabéns e pela remessa gentil, muito obrigado. Continuo a acompanhar, com muito interesse, tudo o que te diz respeito. Livro teu, não tem um que não tenha lido com sympathia. Este último deve ser dos que se têm de um fôlego. Pequeno, traz já no titulo promessa de solução de um dos maiores, senão o maior problema, que possa agitar o coração feminino. Certo, sua leitura me trará grande prazer e me firmará (se é que possa consolidar-se mais) o mais alto conceito, em que tenho teu espirito, a tua cultura. Escreve-me sempre. Teu, do coração. Fernando." (AZEVEDO, F. Correspondência a Renato Kehl, 22/07/1923 - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

possibilidade de intervenção que se prestaria às investidas eugênicas. Assumindo o discurso da melhoria da espécie, as práticas físicas sistemáticas propagariam seus ideais.

*IV - “O Homem e a Mulher normaes<sup>129</sup>”: em meio aos exercícios físicos, o referente masculino e a obrigação de ser bela.*



Figura 10: Banho de mar e de sol na Alemanha, 1927b<sup>130</sup>.

Oito corpos masculinos são expostos. Com os torsos nus e à luz do sol, estes homens refletem juventude, saúde, beleza e robustez. Seus corpos, imersos na água, suscitam os ideais higiênicos e difundem uma noção de corpo singular, uníssono e estável. Oito corpos masculinos são expostos. Sob a pele branca, músculos salientes são postos à mostra, indicando práticas corporais e virilidade. A constituição desta imagem e, sobretudo, os corpos ali presentes foram cuidadosamente “pensados” e “projetados”

<sup>129</sup> “O Homem e a Mulher Normaes” intitula a primeira parte da obra “A Cura da Fealdade” (1923a), trecho que não aponta muitas referências à educação física. Entretanto acho este título significativo, pois revela a tentativa de Kehl normatizar homens e mulheres por meio de seus escritos.

<sup>130</sup> KEHL, R. “O Remédio Nº 02” In: Revista da Semana (03/12/1927b), p. 18. (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

para transmitir, talvez, dentre outras tantas idéias, a noção do homem eugênico – uma referência denominada, por Renato Kehl, “homem puro-sangue”<sup>131</sup>.

A construção do corpo desse homem-referência necessita das obrigações femininas, dos corpos inacabados das crianças, dos desvios dos alcoólatras, dos sífilíticos. O homem puro-sangue é construído com o apoio das mulheres, dos camponeses e dos tuberculosos. Seu corpo é materializado no mármore e evidenciado a partir de conceitos e preconceitos que atravessam a Eugenia de Renato Kehl.

Essa referência masculina aparece em suas obras como o representante do ideal eugênico, portanto, belo, limpo, robusto, saudável – normal. Como dito, esse corpo é viabilizado pela colaboração de outras tantas representações; o sujo, o imoral, o fraco e o imperfeito. Nas obras de Kehl, que abordam a educação física, o “homem puro-sangue” emerge do universo grego, dando ao seu projeto notas de um passado mítico e popularizado.

Esculpida por mãos de homens, a Grécia é descrita como um lugar “mágico” que foi erigido em meio a grandes colunas de mármore, num período impreciso e longínquo. Legisladores, guerreiros, atletas, filósofos, artistas – homens. A Grécia, em Kehl, é organizada e pensada pelo “sexo forte”. Falar dessa civilização, valorizando seus feitos, significa reverenciar a figura masculina.

Para Kehl, a Grécia constitui uma civilização exemplar em seus campos de Poesia, Arte e Filosofia, no louvor divino à beleza e robustez física, em seu esforço para o aperfeiçoamento humano.

A Grécia, (...), viu nascer, no espaço de dois séculos, uma constelação de homens ilustres como nunca mais se verificou em qualquer outro paiz, no mesmo espaço de tempo. Berço de uma raça privilegiada, constituiu o centro da mais alta intellectualidade e cultura do planeta (...) (KEHL, 1923b, .s/p.)

Muito mais que louvar os legados de Arte e Filosofia, Kehl evidencia nessa civilização uma série de práticas “pré-eugênicas”. A Grécia, pintada por este médico, recebeu respingos da Eugenia, destacando medidas como a seleção matrimonial, políticas imigratórias e extermínio dos degenerados. Esparta destacava-se em meio a essas ações, impedindo e expulsando os estrangeiros para não poluírem, com suas

---

<sup>131</sup> Em 13 de Abril de 1923b, Renato Kehl escreve para “A Gazeta de Notícias” um artigo intitulado “O Homem puro-sangue”: a possibilidade de sua criação. (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

orgias, o sangue e a moral espartanos, selecionando homens e mulheres robustos para a procriação, lançando ao despenhadeiro crianças mal nascidas.

Lycurgo, legislador de Sparta, foi o campeão da obra seleccionadora, a avaliar pelo seu capricho obstinado e selvagem, por que determinava fossem lançadas ao Eurotas as pobres e infelizes crianças cuja desdita lhes ditara a sina de virem ao mundo rachiticas e degeneradas. (...) O Eurotas era para elle o remédio radical contra a degeneração, o tumulto da anormalidade. (KEHL, 1923b, s/p.)

Para Kehl, os Gregos, sobretudo os espartanos, eram belos de corpo, cultivavam as práticas corporais, possuíam idéias avançadas, aproximando-os da Eugenia, mas não representavam tipos de “homem puro-sangue”. Esse povo escravocrata estava habituado ao frio, a alimentos grosseiros, partilhavam práticas brutais e impiedosas - sua vida era pobre e as lutas, incessantes. Os objetivos de perfeição corporal, força, beleza e robustez cegavam os espartanos diante de atrocidades como o infanticídio.

Precisamos ver a Grécia antiga sem a offuscação atordoante dos poemas arrebatadores; precisamos não esquecer o que havia de ferocidade ao lado da grandeza, de barbárie em contraste com a generosidade; precisamos não fazer idéia falsa do heroísmo antigo(...)

Os gregos eram bellos de corpo mas só o eram, excepcionalmente, de alma; não representavam, pois, tipos eugenicos de homens equilibrados. (KEHL, 1923a, p. 323)

Os gregos, em muitas de suas práticas, deveriam ser louvados, mas não eram considerados, por Kehl, exemplos de homens eugenicamente perfeitos. Os Espartanos cultuavam somente o corpo, deixando esquecidos a moral e o intelecto. Eximindo-se do trabalho, este povo legava aos escravos esta prática tão enobrecedora. Mesmo os athenienses, mais instruídos, pacíficos e relativamente mais polidos, não eram considerados exemplo de perfeição galtoniana. Para Kehl, os gregos não haviam contemplado a tríade formada pela perfeição física, moral e intelectual, tão cara aos eugenistas. A beleza, que deve banhar a humanidade, não dizia respeito somente aos belos dotes físicos; devia alcançar a moral e os atributos intelectuais; afinal: muitos são os degenerados plasticamente normais.

Apesar de todas as ressalvas, apesar de os tipos gregos não representarem modelos de “homens puro-sangue”, para Kehl, eram considerados elementos importantes para construção e manutenção de seu homem eugênico. A representação de

seu corpo emerge de alguns fragmentos gestados na Antiguidade Clássica. Suas falas se dão a partir de corpos idealizadas no mármore<sup>132</sup>.

Em “Saúde, Belleza, Robustez e a Educação Física”<sup>133</sup> o texto é cuidadosamente ilustrado por inúmeras imagens de esculturas gregas de corpos masculinos<sup>134</sup>. Considerado exemplo de perfeição física, moral e intelectual, Antinoüs abre a seqüência de imagens que ilustram esse capítulo. Aos olhos de Kehl, nem tão belo como Apolo, nem tão forte como Hércules, Antinoüs reúne predicados de normalidade plasmados em seu corpo de mármore. Segundo este eugenista:

Convém frisar, antecipando, que o homem puro-sangue não significa super-homem, mas homem equilibrado, normal, eugenicamente perfeito. Não tem por padrão Hércules, representante de força bruta, nem Apolo, canon de belleza physica. Seja, por exemplo, um Antinoüs, no qual se encontram harmonicamente plasmados os predicados physicos, moraes e intellectuae, concomitantemente.(KEHL, 1923b, s.p.)

Nas referências feitas por Kehl<sup>135</sup>, Antinoüs impera como símbolo maior de perfeição moral, intelectual e física. Reúne elementos indispensáveis à formação de um homem eugenicamente perfeito, atributos esvaziados de sua historicidade, cuja narrativa foi feita pelas vozes da Eugenia.

Nascido por volta de 110 d.C. em Bitínia, Grécia, Antinoüs tornou-se amante<sup>136</sup> e efebo favorito do então imperador Adriano, que o via como símbolo de beleza e perfeição plástica masculina. Suas formas, entretanto, visibilizavam muito mais que sua perfeição física. Atributos como virilidade e graça também constituíam a imagem deste representante máximo da beleza. (FRAGA e GOELLNER, 2003)

Sua morte, causada por afogamento, por volta de 130 d.C., desencadeou em Adriano a tentativa de imortalizá-lo. Festas, jogos e templos foram algumas das homenagens prestadas por seu imperador. Seu corpo foi esculpido no mármore e seu rosto cunhado em moedas. Antinoüs assumiu o posto de deus, ao lado de Apolo,

<sup>132</sup> Dentre as representações de corpo masculino a que tive acesso, a imagem que abre este capítulo (Figura 11) é uma das poucas fotografias retiradas de modelos vivos. Entretanto, tais fotografias são bastante numerosas, quando representam o corpo feminino, seja em suas perfeições ou defeitos.

<sup>133</sup> Capítulo que integra a obra “A Cura da Fealdade” (1923a).

<sup>134</sup> Na última imagem, intitulada “A Dansa Gymnica” há uma única representação imagética do corpo feminino, o que representa uma exceção dentre as obras de Kehl. As referências femininas, tanto em imagens como em textos, são muito maiores que as masculinas nas outras passagens em que Kehl aborda os exercícios físicos.

<sup>135</sup> Fernando de Azevedo também aponta Antinoüs como representante máximo do ideal de perfeição. Em 1920b Azevedo publica: “Antinoüs: Estudo de Cultura Athletica”.

<sup>136</sup> Nesse período a prática da pederastia entrava em declínio com a ascensão da moral cristã. (FRAGA e GOELLNER, 2003)

Dionísio, Hermes, dentre outros. Seu corpo encerra a última criação ideal da arte antiga, o último deus do mundo clássico. (FRAGA e GOELLNER, 2003)

Sob a ótica cristã, Antinoüs teve sua história moralizada, ocultando algumas de suas características e enfatizando outras<sup>137</sup>. Sob a ótica eugênica, Antinoüs é “aperfeiçoado”, tendo suas “taras hereditárias” extirpadas de seu corpo, dando origem ao “homem puro-sangue”: perfeito, física, moral e intelectualmente.

Antinoüs, Licurgo, Hércules, assim como Sparta, Atenas e as inúmeras referências gregas são reinventadas por Kehl, numa Grécia do século XX. Para constituir seu modelo de perfeição, este eugenista reconta a história da Grécia antiga, retirando fragmentos e esvaziando elementos de sua cultura. Em suas obras, reforça as noções de beleza, harmonia e perfeição, concebidas popularmente como elementos vinculados às imagens gregas. Segundo Almeida, o ideal da Grécia antiga está:

Presente secularmente na memória coletiva, usada e reusada; tornou-se matéria visível de uma Virtude, um conceito moral em disposição política para qualquer poder que queira dela fazer uso.(2001, p. 85)

Tal qual Leni Riefenstahl faria, anos mais tarde, em “Olímpia<sup>138</sup>”, Renato Kehl constrói uma ponte que liga a Antiguidade Clássica ao seu tempo, utilizando valores que popularmente foram vinculados à cultura grega para operar uma transposição ao contexto da década de 1920. Refere-se à beleza, a partir daquilo que se sedimentou como exemplo de perfeição plástica e do modo de ver grego. Retoma um “aglomerado de idéias e imagens simplificadas, românticas e popularizadas ao longo do tempo”, para, então, acrescentar novos elementos e direcionar seu fio argumentativo (ALMEIDA, 2001, P. 80).

O recurso que o autor faz das imagens e dos textos referentes à Grécia denotam um reconhecimento entre imagem/texto e observador/leitor, leva-me a pensar o uso de uma “lembrança popular de um passado mítico” (ALMEIDA, 2001, p. 80). Mas, como visto, há momentos em que o autor relativiza essas noções apontando imperfeições daquela civilização bela, limpa e quase perfeita.

---

<sup>137</sup> De acordo com Fraga e Goellner (2003) a versão cristã de Antinoüs aponta Adriano como um imperador que subjuga o efebo a suas perversões sexuais. Esta imagem “depurada” começa a receber críticas por volta de 1900, quando outros elementos da biografia de Adriano possibilitaram diferentes versões.

<sup>138</sup> Filme sobre as olimpíadas de Berlim em 1936, encomendado pelo ditador alemão Adolf Hitler e lançado em 1938 (ALMEIDA, 2001).

Kehl chama a atenção para eugenzar a cultura grega, limpar as imperfeições daquele povo belo, transportar para o século XX o que de louvável tinha a Grécia e apagar, com a Eugenia, suas imperfeições, construindo, assim, um homem perfeito: física, moral e intelectualmente.

Ao criticar as práticas do povo grego, ressaltando as possibilidades de aperfeiçoamento, via Eugenia, o autor opera uma “junção entre elementos do passado e a memória de seu tempo”. Pensa e repensa a cultura grega à luz das concepções morais do Brasil, no início do século XX, acomodando noções diversas e períodos diferentes, numa proposta de embelezamento que vai além da perfeição plástica (ALMEIDA, 2001). Neste sentido, Almeida diz:

Devemos lembrar que a Grécia Antiga é uma ficção em imagens e palavras. De há muitos séculos, as ruínas e obras de arte gregas são imagens poderosas sobre as quais se projetam os desejos políticos de diferentes poderes do mundo ocidental e as representações e explicações de artistas e intelectuais. As Grécias certamente nunca se pareceram com essa Grécia Antiga, muito menos a do século XX. (2001, p.81)

Incorporadas aos desejos e anseios de Kehl, as referências gregas prestam-se a um programa político/científico que ajudam a sedimentar as populares noções acerca da Grécia antiga, vinculadas aos ideais eugênicos. Nos textos que abordam a educação física, o mito grego eugenizado torna-se elemento central na construção de um homem-referência, imagens e textos privilegiados que reforçam, juntamente com as atividades físicas, atributos de limpeza, saúde, beleza e robustez.

No processo de constituição e reafirmação deste “homem puro-sangue”, entretanto, fazia-se imprescindível a construção e desqualificação de contra-exemplos. A imagem de outros homens seria importante para reiterar a superioridade e centralidade daquele esculpido na “Grécia antiga”. Tuberculosos, sífilíticos, alcoólatras, velhos e camponeses são invocados num processo de normatização e marginalização. Corpos marginais de suma importância, mas que não habitavam o universo construído juntamente com a educação física.

A sífilis, o álcool e o Saneamento, são, ao longo da década de 1920, importantes alvos das investidas de Renato Kehl<sup>139</sup>, representando vínculos entre seu projeto eugênico e os movimentos sanitários e higienistas, que como dito, apoiaram-no, política

---

<sup>139</sup> Em “A Fada Hígia” (1937b), Renato Kehl aborda o problema do alcoolismo numa tentativa de alertar os “homens de amanhã” contra o vício.

e intelectualmente. Desta forma, programas eugênicos evidenciariam os desvios dos alcoólatras e a impureza dos sífilíticos. Jeca Tatu, o emblema do camponês mestiço e preguiçoso, da obra de Monteiro Lobato, também era descrito como modelo de cidadão que não deveria ocupar as cidades.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, campanhas anti-acólicas<sup>140</sup> e de prevenção às doenças venéreas, em especial, a Sífilis, povoaram os discursos médicos em suas publicidades, sendo invocados para auxiliarem a construção de um ideal de masculinidade (MATOS, 2002), estratégia também utilizada por Kehl em diversos textos<sup>141</sup>, cujos conteúdos evidenciam os infortúnios do desregramento masculino.

No dia sete de janeiro de 1928, Renato Kehl publica na “Revista da Semana” os motivos que levaram o álcool a assumir o posto de “Veneno Nº 01” da humanidade. Capaz de desestabilizar a família, o álcool constringe as mulheres e fere as crianças. Nas palavras do autor o álcool é, para os homens:

O veneno que os fará sofrer, que os estupidifica, que os rebaixa e mata, que aniquila a felicidade do lar e acaba degenerando e exterminando famílias. (...) \_ Vê lá aquela família, maltrapilha e esquelética, as crianças fazendo dó de magras, pallidas e feias – qual a causa? \_ O pae, coitado, deu para beber e abandonou o lar! (KEHL, 1928, s/p.)

O homem alcoólatra é visto envolto por uma névoa que o entorpece, submetendo-o a atrocidades que desgraçam a família. O homem envenenado pelo álcool estupidifica, perde a clareza de raciocínio, torna-se violento e tem seu caráter adulterado. O vício do álcool seria, para Kehl, um veneno, que, antes de matar, encaminhava sua vítima à animalidade, ao crime e à loucura, fazendo-o romper com noções éticas de disciplina e conduta pública.

A ação do álcool seria capaz de legar às gerações futuras o estigma de sua desordem, dando origem a crianças loucas, feias e com tendências à vagabundagem, à criminalidade e ao vício. Para Kehl, o estado de embriaguez geraria crianças epiléticas, uma vez que o álcool envenenaria diretamente as células germinativas, argumentando, assim, que suas mazelas são transmitidas hereditariamente. Elemento desagregador da família, atingiria, não só os filhos, mas também as mães. O sofrimento das esposas

<sup>140</sup> Sobre este assunto indico Reis (1994), especialmente o capítulo 1.

<sup>141</sup> Dentre as obras que, em algum momento, abordam o “contra-exemplo” do “homem puro-sangue” indico: “A Bíblia da Saúde” (1926a); “A Cura a Fealdade” (1923a); “Eugenia e Medicina social” (1920a), “Melhoremos e prolonguemos a vida” (1922) além de outros livros e textos publicados em revistas e jornais.

estaria sempre presente, revelando-se angustiadas com os rumos que seguem os maridos.



Figura 11: “O Veneno Nº 01”<sup>142</sup>

Desta forma, Renato Kehl vai tecendo, não só a representação de masculinidade, mas também o lugar da mulher/mãe. As referências feitas às mulheres alcoólatras existem, mas não são muito proeminentes; afinal: “As mulheres, pelas exigências naturais do seu sexo, escapam, em grande parte, dos vícios, como o alcoolismo e o tabagismo (...)”, o que coincide com a lógica das campanhas antialcoólicas daquele momento (KEHL, 1923a, p.158). De acordo com o médico Pacheco e Silva, em pesquisa realizada no asilo Juquery, aproximadamente 40% dos homens internados faziam uso de álcool, em contraste com pouco mais de 8% das mulheres, indícios que vinculam masculinidade ao álcool (MATOS, 2002).

O discurso de Kehl sobre o alcoolismo aproxima-o dos demais médicos de seu tempo, que reforçavam as relações entre masculinidade e labor; afinal, cabia ao homem prover a família. De acordo com Matos (2002), ele deveria ser resistente às tentações, forte em suas decisões, racional e disciplinado, características que vinculam virilidade ao trabalho. Esta estratégia relegaria todos os não aptos a uma posição outra - não a de homem.

Ao lado dos alcoólatras estavam os sífilíticos, os camponeses, os tuberculosos e os velhos – representantes de uma masculinidade marginal que ajudaria a construir e reforçar a centralidade do “homem puro-sangue”, elementos fundamentais, ao lado das

<sup>142</sup> KEHL, R. “O Veneno Nº 01” In: Revista da Semana (07/01/1928), p. 14. (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

crianças e das mulheres. Entretanto, como dito, as referências a masculinidades desviantes não eram feitas nas páginas que abordavam as atividades físicas. O lugar de culto à robustez, à saúde e à beleza não deveria ser maculado pelas imundices da sífilis, ou vapores maléficos do álcool. Somente homens equilibrados deveriam desfilarem seus corpos, expondo, nessas páginas, juntamente com seus músculos, a perfeição moral e intelectual.

Em contraposição ao veneno mais nocivo da humanidade, o álcool, Kehl indica dois antídotos: o sol e o ar. O “Remédio Nº 01”, publicado na “Revista da Semana”, em 19 de novembro de 1927c, aponta para os benefícios da exposição ao sol, capaz de curar e prevenir doenças. Ao longo desta argumentação encontrei cinco imagens de práticas ginásticas ao ar livre, as quais expunham crianças, instruídas por professores e professoras, aproveitando os benefícios do sol e das atividades físicas. Em “Remédio Nº 02”, publicado em dezembro de 1927b, Kehl fala da importância do ar puro e da “gymnastica respiratória”. Vincula imagens e textos sobre a exercitação física a tipos belos de homens. À luz do sol, com poucas roupas, a robustez corporal masculina é associada à saúde - lugar do limpo, da moral e do belo. As sujeiras e imoralidades não devem passar de breves referências para não poluírem a eugênica constituição desse “homem puro-sangue”. A educação física, em suas imagens e textos, auxilia a compor um quadro de saúde, harmonia, beleza, robustez e jovialidade. Associando-se à limpeza, clarifica as noções do tipo ideal de homem, ajudando a reafirmar e legitimar a própria posição de Renato Kehl.

Homem, branco, jovem, heterossexual, cristão, médico e descendente de alemães, Kehl fala de um lugar que historicamente foi se constituindo como privilegiado e que em suas obras recebeu o reforço de seu prestígio político e intelectual. Para mim, pelo que representa em seus textos, Kehl ocupa o lugar do “homem puro-sangue”, posição que lhe permite ditar, apontar e recriminar o diferente, remarcando, a cada desvio dos marginais, este espaço privilegiado. Representante do ideal eugênico, Renato Kehl se debruça a falar de todos aqueles que foram posicionados fora do centro, indicando normas de condutas, práticas cotidianas, receitas e fórmulas de vida saudável.

A marginalidade, em seus textos que abordam as atividades físicas, constitui-se na obrigação de ser bela, nos imperativos da exercitação física infantil, nos cuidados que a mulher/mãe deve tomar. Jecas Tatus, sífilíticos, alcoólatras devem colocar em evidência o “homem puro-sangue”, mas não ao lado dos jogos e atividades ginásticas,

ao ar livre. Eles precisam, antes, ser curados, disciplinados, normatizados para só então ladear as práticas físicas sistemáticas.

O “excêntrico<sup>143</sup>”, nos textos de Kehl sobre a educação física, fica a cargo das representações femininas, dos corpos das crianças e, é sobre eles que Kehl se dedica a falar. Imagens sobre mulheres são corriqueiras, os corpos femininos são representados em textos, tabelas, figuras e gráficos. É preciso mencionar o diferente, delegando funções, ditando modos de ser e, sobretudo, apontando caminhos a seguir. A grande ocorrência de exposição do outro, a forma como evidencia as obrigações do vir a ser, afasta do centro mulheres e crianças e, torna o “homem puro-sangue” um referente quase “invisível” nas passagens de Kehl sobre os exercícios físicos.

A “invisibilidade” do homem eugênico, entretanto, não se estabelece pela pouca ocorrência de corpos masculinos junto às atividades físicas, mas sim pelos poucos dizeres dirigidos a eles. As imagens que falam sobre o corpo do homem são uníssonas e singulares, apontando para os mesmos predicados, fazendo este corpo quase invisível quanto aos imperativos do vir a ser. Sua invisibilidade se dá não como ausência, mas porque se reveste com a norma, portanto, desnecessária de ser dita reiteradamente. Dessa forma, o “homem puro-sangue” é lembrado esporadicamente, por imagens e textos que o relacionam com a perfeição plástica dos gregos: Apolo, Discóbulo e Hércules reforçam e demarcam sua centralidade.

De forma semelhante à referência ao corpo masculino, as representações femininas também são feitas por mulheres esculpidas no mármore. As tantas Vênus, imersas nos textos que abordam as atividades físicas, dão forma aos imperativos da pele lisa e branca, das coxas bem torneadas, do abdômen e das “ancas” firmes, resultado da apropriada exercitação física. A perfeição, representada por esses corpos, em muito se assemelha à estratégia utilizada por Kehl ao constituir o corpo masculino. Tal qual procede com os homens, Kehl apropria-se e ressignifica a Grécia antiga, valendo-se de uma memória popular e mitificada daquele tempo. A Grécia antiga, em suas perfeições, é reiterada nos corpos de Vênus, Afrodite, Helena e tantas outras, projetando neles a beleza sublime, a delicadeza dos gestos e a perfeição inalcançável.

Entretanto, diferentemente do que possa parecer, num primeiro olhar, as estátuas gregas que desfilam nos textos de Kehl vão além da constituição do ideal eugênico de mulher.

---

<sup>143</sup> Falo das noções de “excêntrico” e central, a partir de Louro (2003).

Ao eleger Antinoüs como representante do “homem puro-sangue”, Kehl o transforma em emblema de uma masculinidade, cujas escassas referências o colocam numa posição de coerência e unidade, estratégia fundamental para conferir estabilidade a sua posição. Em contrapartida, Venus é inserida em meio a inúmeros dizeres que reforçam as obrigações femininas com a beleza, tornando-se emblema do vir a ser, apontando para as imperfeições corporais, presentificando a fealdade. Se as mulheres também são representadas por estátuas gregas, menos seria para a construção de um referente feminino e mais para apontar a ausência de mulheres bonitas. As imagens gregas, problematizariam as mulheres e seus corpos, indicando diversidade e instabilidade, marginalizando-as por não cumprirem com suas obrigações – serem belas.

Pouca gente sabe o que seja uma “bella mulher”. A maioria tem, sobre plastica, idéa errônea e confusa. Uma jovem, por ter alguns encantos é logo considerada formosa. Ha nisso engano. A belleza é rara. Mesmo na excelsa pátria hellenica, (...) não se contavam em grande número as Aspacias, as Lais, as Phrynéas. Ser bella implica reunir num corpo de deusa as fórmias magníficas de Aphrodite. Raras, raríssimas as mulheres que podem ter a pretensão de serem rainhas da plastica, possuindo, a rigor, as justas proporções das partes, harmonia de linhas, esbeltez do talhe, delicadeza de contornos, epiderme rosada e fina, além dos predicados indispensáveis de saúde e robustez<sup>144</sup>. (KEHL, 1927a, p. 15 e 16)

Fragmentos como este aparecem em diversos momentos, indicando a beleza como algo que as mulheres não possuem, mas devem alcançar, evidências que ganham mais vulto quando postas ao lado de tabelas e quadros que revelam a proporcionalidade dos corpos femininos<sup>145</sup>. Opera-se, com isso, um meticuloso processo que tenta informar as mulheres sobre a imperfeição de seus corpos. “Os bellos seios são raros actualmente; eram, entretanto, communs outrora, attribuindo-se o facto, aos exercícios gymnasticos e ao modo de vestir-se” (KEHL, 1923a, p. 100).

Mulheres que viveram os períodos helênicos são invocadas como a materialização da beleza sublime, exemplificando o perfeito ao mesmo tempo em que indicam o irregular. Mulheres cuja perfeição extrapolaria as exigências da Eugenia. Para Kehl, um homem ou uma mulher, para serem considerados belos, não precisam apresentar as formas de Apollo e Vênus.

<sup>144</sup> Com algumas adaptações este fragmento já havia sido publicado como parte de um capítulo intitulado “Belleza”, contido em “Bíblia da Saúde” (1926a).

<sup>145</sup> O autor busca em Georges Hébert especialmente em sua obra “*Muscle et beauté plastique*” elementos que reforcem, com exemplos, a normalidade das proporções do corpo. Diversas imagens de textos de Hébert são utilizadas por Kehl especialmente em “Formulário da Beleza” e “A Cura da Fealdade”. Sobre esse oficial da marinha indico Soares (2003).

A Eugenia considera beleza a NORMALIDADE; normalidade esta somática, psychica e moral. Dentro deste objectivo, admittem os eugenistas, como bello todo individuo dotado de saúde, vigor, robustez e que apresente uma compleição physica e psychica normaes. (KEHL, 1923a, p.26)

Na tentativa de amortecer o peso da perfeição que carregam as estátuas gregas, Kehl relativisa a beleza a fim de torná-la acessível a toda mulher disciplinada. Assim, a beleza deixa de ser perfeição para tornar-se norma - seja no sentido de obrigação, seja no de média. A beleza eugênica, devidamente reelaborada, aparece em seus textos materializando como as mulheres devem ser, apontando seus defeitos, indicando ações para alcançarem seus objetivos/obrigações: serem belas.

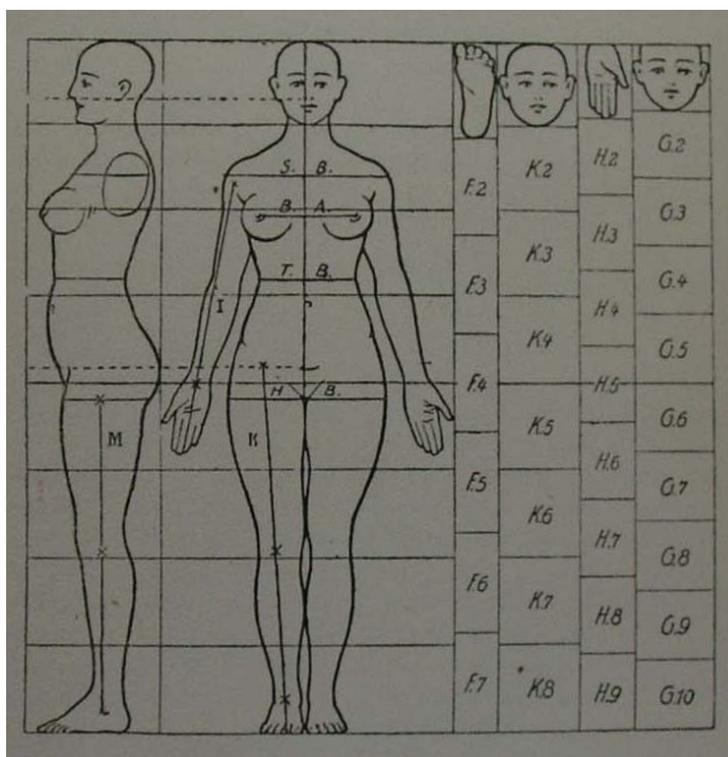


Figura 12: Proporções normais para o corpo feminino<sup>146</sup>.

A materialização da beleza relativa, proposta por Kehl, engessa, novamente, a mulher dentro de padrões e médias de proporcionalidade ditas normais. Por mais que tente amortecer a rigidez do modelo grego, este intelectual incorre no mesmo processo de padronização das formas corporais. A simetria que constitui a beleza eugênica revela corpos humanos idealizados, tal qual foi a Vênus de Milo. Construído a partir de

<sup>146</sup> KEHL, R. "A Cura da Fealdade". São Paulo: Monteiro Lobato & CO Editores. 1923a, p. 91.

proporções matemáticas, este corpo, considerado médio, não se encontra nas formas de uma mulher de ossos e músculos. Essa normalidade considerada beleza, ao longo das obras de Kehl e, dentre elas, seus textos que abordam a educação física, torna-se um mito, um atributo quase incorpóreo (GOELLNER, 2003).

Rugosidade da pele, diâmetro das articulações, formato dos pés, perfeição dos dentes, posição dos seios, tamanho do rosto e das mãos, comprimento dos dedos, presença de covinhas sacras e regularidade dos pelos pubianos. A lista de atributos que dotam uma mulher como bela é infindável e sua presença é constante, atribuindo às mulheres a responsabilidade de identificar em seus corpos os sinais de perfeição e deformidade. Medidas, normas e proporções assumem ares de advertência que são destinados, sobretudo, às mulheres; afinal, como argumenta Kehl, a maioria dos homens não sabe apreciar uma mulher verdadeiramente bela. A grande ocorrência dos concursos de miss, os belos corpos expostos à praia, assim como as musas cinematográficas não são suficientes para educar o senso estético masculino. Segundo Kehl:

(...) quantos homens continuam a apreciar erroneamente as proeminências dos seios e nádegas, as coxas e pernas grossas! Querem “carnes”, mesmo... de má qualidade, desprezando o typo esguio e leve das Evas hellenicis. É, em geral, no volume dos seios, assim como na amplitude dos quadris, que residem, para elles, os elementos primordiais de atração feminina. A muitos o excesso de gordura dessas partes não constitue defeito, ao contrario, e dizem... que “bellas ancas tem aquela mulher”, como elogiam as pernas grossas sejam ou não bem torneadas, pouco lhes importando o seu volume e conformação. Pendem, pois, mais pelas gordas que pelas magras; preferem as mulheres rochunchudas, *potelées*, desdenhando as de carnadura secca e firme, cuja solidez plástica garante uma mocidade mais duradoura e sadia, ao contrario daquellas cuja tendência é para o accumulo de gordura e subsequente deformação do corpo. (1927a, p.56 e 57)

As mulheres precisam ser avisadas sobre seus próprios defeitos, precisam ter em mente os valores de circunferência que significam beleza para que possam, a partir disso, julgar se seu corpo é verdadeiramente belo. A figura da mulher neste processo é muito importante; afinal: “Para a maioria dos homens, pouco importa a conformação do corpo e sua modelagem desde que o volume e a rotundidade sejam notórias” (KEHL, 1927a, p. 17).

É necessário investir na educação das mulheres, uma vez que, para este intelectual, “a natureza feminina” as torna mais susceptíveis a esse processo. Educa-se a mulher para conceber um corpo eugenicamente belo, educa-se a mulher para apreciar seu próprio corpo, identificando nele as possíveis marcas de fealdade. A beleza, ao

longo de suas obras torna-se uma obrigação, sobretudo feminina. “A mulher deve ser bella e saber valer os seus dotes” (KEHL, 1925, p. 78)

Homens belos aparecem em meio a seus dizeres sobre a educação física, referências sobre a perfeição plástica masculina ajudam a compor o quadro de proporcionalidades, indicando o normal eugênico. Entretanto, referências sobre a beleza feminina são muito mais abundantes. A entonação de seus textos sobre a perfeição plástica incide muito mais sobre as mulheres.

Ao longo da década de 1920, Kehl escreveu dois livros de conselhos matrimoniais - “Como escolher um bom marido” (1935a)<sup>147</sup> e “Como escolher uma boa esposa” (1925) - obras que revelam, dentre outras coisas, como identificar, eugenicamente, bons homens e boas mulheres para o casamento. Enquanto as mulheres devem se interessar por homens de boa índole, de boa família e princípios morais, os homens devem se interessar por mulheres, gentis, femininas e, sobretudo, belas. Para as moças, Kehl aconselha o exame médico pré-nupcial a fim de ajudá-las a escolher um marido que não seja alcoólatra, sífilítico, tuberculoso, leproso, tarado ou consanguíneo. Aos rapazes, Kehl aconselha uma mulher graciosa, bondosa, com dotes de boa mãe e esforçada em seus afazeres. Entretanto, ressalta: “O sentimento de amor, não se pode negar, subordina-se incondicionalmente ao centro das emoções estheticas” (KEHL, 1925, p. 76). A beleza, segundo ele é o maior atributo capaz de arrebatá-lo o coração de um homem, constituindo-se uma das mais poderosas armas da mulher. A elas, a obrigação de ser bela.

O homem, concebido como um ser universal, é menos cobrado em seus dotes físicos. As médias e proporcionalidades de seu corpo são referências humanas, dividindo com as mulheres o “peso” da normalidade. Para as mulheres, entretanto, não basta reunir em seus corpos as proporções dos “Signaes Geraes”<sup>148</sup>; devem, ainda, de forma “bem pronunciada”, plasmar os “Caracteres Femininos Secundários”<sup>149</sup>. Em “A Cura da Fealdade” (1923a), Kehl aponta, novamente, nesta direção, destinando dois

---

<sup>147</sup> Como dito, devido à impossibilidade de acesso utilizo, nesta dissertação, a segunda edição (1935a), cujo conteúdo foi comparado ao de uma resenha publicada no jornal “O Brasil” em 14/05/1923 (O JORNAL, 1923 - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC). Ao cruzar as informações pude perceber que os dizeres de Kehl sobre a constituição de um bom marido, na edição de 1935, convergem com a resenha de 1923. Desta forma, permito-me utilizar a segunda edição, mesmo estando situada fora do marco temporal eleito para esta dissertação.

<sup>148</sup> Intitula um dos capítulos do livro “Formulário da Belleza” (1927a) e corresponde às proporcionalidades do corpo, universalmente, ou seja, estende-se tanto para os homens quanto para as mulheres.

<sup>149</sup> Intitula um dos capítulos do livro “Formulário da Belleza” (1927a) e corresponde, exclusivamente, às proporcionalidades do corpo feminino.

capítulos para falar especificamente da beleza da mulher: “Perfeição Plástica Feminina” e “Das Bellas e Feias Conformações”.

Nos textos de Kehl os vínculos estabelecidos entre os exercícios físicos e os corpos das mulheres, evidenciam a beleza como elemento central, seja na exposição de belos corpos, seja nos conselhos para sua aquisição/manutenção, ou mesmo nos preciosismos da simetria. Seus dizeres, associando o imperativo da beleza à escassez de corpos belos, apontam caminhos para sua conquista, ou melhor, dizendo, para o seu “cultivo”<sup>150</sup>.

Em algumas passagens, Kehl tenta atribuir ao cultivo da beleza o sentido da hereditariedade, um elemento considerado como natural, mas não como obra do acaso. Assim, “O segredo da beleza tem a sua chave no patriotismo hereditário de nossos maiores (...)” (KEHL, 1927a, p. 33). Neste sentido, as leis de hereditariedade, capazes de dotar um indivíduo de grande beleza, também são capazes de desgraçá-lo com a fealdade. Desta forma, ressalta:

Todos os indivíduos, dominados pela força denominada hereditariedade, tendem a repetir-se nos seus descendentes e a transmitir-lhes suas particularidades normaes e mórbidas.  
Do mesmo modo por que se transmittem (...) particularidades monstruosas também se transmittem particularidades de belleza e robustez. (KEHL, 1923a, p. 197 e 198)

Como eugenista, os argumentos de Kehl que tentam vincular a beleza à hereditariedade não causam estranhamento. As dúvidas surgem quando este autor aponta alguns caminhos em direção às técnicas e aos artifícios. A mulher deveria valorizar seus dotes físicos e também disfarçar seus possíveis sinais de imperfeição. Algumas dessas regras foram organizadas e contempladas em uma obra especialmente destinada a discutir um “Formulário de Belleza” (1927a). Para Kehl, este livro foi:

(...) despreziosamente lançado ao público, sem outro intuito que o de ser útil aos que o folhearem na esperança de encontrar atrativos para o próprio realce ou recursos para dissimular lamentáveis descuidos (s/p.)

Em “A Cura da Fealdade” (1923a), outro livro que se destina a falar da beleza e da feiúra humana, Kehl aponta algumas doenças e deformidades que possam acometer

---

<sup>150</sup> De acordo com Sant’Anna (2005), as primeiras décadas do século XX viram a natureza assumir alto posto no discurso médico apontando que a beleza deve ser, antes de tudo, cultivada.

os leitores, ressaltando as interações medicinais para o seu tratamento, conselhos que permitiram dizer que esse livro seria:

Uma obra modernamente preciosa, contendo todos os ensinamentos para a cura da fealdade e para o realce e conservação da formosura. Aproveita, pois, a todos, aos feios e aos bellos, sobretudo às bellas que encontrarão neste livro as mais sabias receitas para a conservação da pelle e correcção dos seus pequenos senões plásticos. (Apreciação da obra “A Cura da Fealdade” - recorte avulso s/d, s/p. Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

A normalidade traduzida como beleza seria a coroação dos pressupostos eugênicos, atributo, entretanto, muito raro em um país de mestiços, sujos e aleijões. “(..) a saúde a robustez e a belleza não só se herdaram, como se conservam e se adquirem pelo esforço e pela vontade.” (Kehl, 1923a, p. 325). É neste sentido que Kehl se propõe a discutir, em alguns de seus textos, possibilidades de embelezamento, via artifício. Composto por mais de quinhentas páginas muito bem ilustradas, em um volume de capa dura, “A Cura da Fealdade” (1923a) constituiu-se uma das obras mais caras deste autor<sup>151</sup>. Impellido pelo sucesso inesperado dessa obra, Kehl escreve “Formulário da Belleza” (1927a), obra assumidamente voltada para o público feminino, cujo conteúdo, trata, dentre outras coisas, de receitas para o combate dos mais diversos tipos de inconvenientes físicos: “Anemia”, “Boqueira”, “Pernas e braços peludos”, “Brilhantinas”, “Cárie dentária”, “Caspas”, “Cólicas menstruaes”, “Dentifricios”, “Diarrhéa”, “Eczemas”, “Água de Colônia”, “Flatulência”, “Furunculose”, “Gengiva descarnada”, “Lavagens intestinaes”, “Magreza”, “Obesidade”, “Picadas de insectos”, “Pomadas”, “Prurido”, “Sapinho”, “Sarna”, “Sinusites”, “Supositório calmante”, “Urticária”, “Varizes”, “Vermes intestinaes”, “Verrugas” etc. (KEHL, 1927a).

Receitas de pastas, pós-antissépticos e escoriações da pele constituem algumas fórmulas artificiais que poderiam corrigir imperfeições, dissimulando, assim, algumas imprevidências de ordem hereditária. Discutir técnicas cirúrgicas destinadas a corrigir as deformidades da sífilis, num primeiro momento, pode soar como uma contradição do autor que tanto argumenta em favor da identificação das marcas da degenerescência. Ao mesmo tempo em que Kehl reafirma que médicos, mães, noivos e noivas deveriam saber ler, nos corpos, os indícios da anormalidade, indica fórmulas e técnicas que dissimulam a imperfeição. A incoerência do discurso de Kehl, ao meu ver, pode

<sup>151</sup> “É um livro aparentemente caro – mas baratíssimo se attendermos aos enormes proveitos que o consulente nelle colherá.” (Apreciação da obra “A Cura da Fealdade” - recorte avulso s/d, s/p. Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

caracterizar-se, talvez, mais como um apelo de venda do que, necessariamente, como uma contradição.

“A Cura da Fealdade” (1923a) e “Formulário da Belleza” (1927a) surgem num momento propício aos conselhos e dicas de beleza. Segundo Schpun (1999), a cidade de São Paulo, na década de 1920, vê nascer vários estabelecimentos destinados ao cultivo da beleza feminina. Nesse mesmo período a cosmética passa a ser industrializada, porém, em pequena escala, restringindo-se a pouca variedade de produtos. Nos anos 1920 ainda imperam as pastas e unguentos caseiros<sup>152</sup> que se fazem, ainda mais necessários, à medida que a mulher ganha o espaço público<sup>153</sup>. Talvez, esta atmosfera propícia tenha auxiliado a obra “A Cura da Fealdade” (1923a) a esgotar-se rapidamente. Talvez, o imperativo da beleza, veiculado em recorrente publicidade, obras literárias, jornais e revistas da época,<sup>154</sup> tenha possibilitado que receituários de beleza se tornassem itens bastante procurados e consumidos por mulheres ávidas por cumprirem suas obrigações. Para mim, se há a possibilidade de os artifícios contradizerem os argumentos de Kehl, há também a possibilidade de servirem como apelo de venda. Lendo seus escritos sou levado a pensar que este autor publica textos, como “Formulário da Belleza” (1927a), para viabilizar, em meio às pomadas, pós e unguentos, o critério de normalidade e anormalidade, exaltando a beleza eugênica e execrando os “degenerados”.

Outra possibilidade de interpretação diz respeito às concepções de feiúra como doença, noções que atribuíam ao médico o lugar central na cura da fealdade. A beleza deveria ser restituída, assim como se faz com a saúde e, para isso, são necessários os devidos exames e medicamentos. Aos olhos de Kehl, (...) “a fealdade é uma ferida que deve ser tratada como doença”(1923a, p. 27). No intuito de curar as moléstias que povoam grande parte dos brasileiros, ele propõe receitas e técnicas de embelezamento.

Catando aqui e alli ou formulando o que melhor se me afigurou, graças aos conhecimentos adquiridos em alguns annos de clinica e de pratica pharmacológica, consegui organizar o presente volume (...) (KEHL, 1927a, s/p.).

---

<sup>152</sup> A indústria cosmética se instala no Brasil, de forma mais proeminente, após a segunda guerra Mundial (SCHPUN, 1999)

<sup>153</sup> De acordo com Rago (1997), desde meados do século XIX instaurou-se sobre as mulheres um novo modelo normativo que as vinculavam às noções de beleza, maternidade e feminilidade. Exigências comerciais, industriais e da urbanização dos grandes centros auxiliaram as mulheres a ‘ganharem’, as ruas, imprimindo-lhes novos códigos morais, modos de ser e se portar.

<sup>154</sup> Penso essa atmosfera a partir de Schpun (1999), Sant’Anna (2005) e Rago (1997)

Kehl evidencia a legitimidade das técnicas e fórmulas ditadas pelo seu saber. O médico deve assumir os espaços onde há feridas, dores e anormalidades, conferindo-lhes um pouco alívio e, talvez, a cura. Dentre o receituário prescrito pelo autor, as atividades físicas sistemáticas são indicadas por ele como capazes de curar e evitar a feiúra, assumindo, assim, ora características de medicamentos, ora características de vacina<sup>155</sup>. Nas primeiras décadas do século XX, eram comuns os remédios que atuavam na cura de diversas doenças e imperfeições; assim, um único medicamento seria capaz de, por exemplo, retirar os pelos, remover as sardas, rugas e manchas, dentre outras imperfeições da pele (SANT'ANNA, 2005). Tal qual ocorreu com os remédios daquele tempo, os exercícios físicos são invocados como um elixir, capaz de resolver problemas pulmonares, circulatórios, ortopédicos, assim como obesidade, anemia, preguiça, além de inúmeras moléstias enfeiantes.

Quatro são as condições essenciaes para a belleza do corpo humano e, todas ellas influenciadas, de modo rápido e incisivo, pelos exercícios gymnasticos; o esqueleto, a musculatura, a gordura e a pelle. (...)

Esqueleto, musculatura, gordura e pelle reclamam, para a sua melhoria e conservação, a gymnastica, não gymnastica de força, mas gymnastica de movimento, de agilidade e de graça, gymnastica callisthenica; em-fim natação, dansas estheticas, jogos ao ar livre etc. (KEHL, 1927a, p.19 e 20)

As técnicas e remédios, dentre eles, a educação física, não deveriam, entretanto, ser executados aleatoriamente. A conquista da beleza poderia gerar riscos à saúde, exigindo que o uso de artifícios fosse dosado e indicado por aqueles que detinham o saber legítimo, mesmo que por meio de livros. Assim sendo, “A execussão desses processos de embelezamento ou de reconstituição cabe aos médicos especialistas seguros da praticabilidade e da orientação technica (...)” (KEHL, 1923a, p. 361).

Ao lado de menções de cautela, artifícios fazem parte dos dizeres deste eugenista. A mulher deve procurar realçar sua beleza, lapidando seu próprio corpo; entretanto é preciso ter cuidado ao usar produtos e fórmulas de beleza, podendo pender ao exagero, ocasionando riscos para a saúde e para a moral.

Augmentar os próprios encantos, corrigir-lhe as falhas, preocupar-se com os toucados, com os perfumes, com o trato da pelle e unha, - é legitima

---

<sup>155</sup> O capítulo “Saúde Belleza, Robustez e a Educação Physica”, contido em “A Cura da Fealdade” (1923a) foi alocado por Kehl na segunda parte de seu livro: “A Fealdade se Evita”. Em outras passagens, entretanto, os exercícios físicos são evidenciados como capazes de curar deformidades como a obesidade e a musculatura flácida, caracterizando-se, ao mesmo tempo, como um remédio e como uma vacina.

demonstração de ‘bom tom’, de esmero, de apuramento. Isto, claro está, enquanto não ultrapassar certos limites, como fazem muitas jovens, cujo dia é consumido em *maquiagens*, em tingimentos, em retocamentos de pálpebras e lábios transformando-se em verdadeiras bonecas de modistas. (KEHL, 1925, p. 82 e 83)

Estes dizeres devem acompanhar os homens, avisando-os dos perigos das mulheres artificiais; devem, sobretudo, materializarem-se nos corpos daquelas que se dizem sérias e honestas no cultivo de sua própria beleza. Extraído do livro “Como encontrar uma boa esposa”, este fragmento aponta o embelezamento feminino como um cuidado necessário, mas não em demasia; afinal, poderia tornar-se vulgar, não representando bons indícios de boa esposa, ou boa mãe.

Frente aos artifícios que ajudam a constituir alguns de seus textos, Kehl tenta convencer que sua presença apenas ajuda a compor o “arsenal” feminino. Em “Formulário da Belleza” (1927a), obra que carrega mais de 150 páginas de conselhos e receitas de produtos de beleza, este autor faz a seguinte ressalva: “É difícil vencer o apego ao lápis de carmim, às tinturas e cremes, o que, aliás, se presume não estar nos nossos propósitos, editando este Formulário, (...)” (KEHL, 1927a, p. 33).

As receitas para o embelezamento artificial são problematizadas pela constante desqualificação das mulheres que as utilizam de modo indiscriminado. Materializadas nos corpos das “*Coquettes*”, Kehl referia-se a elas de forma pejorativa, tentando vincular ao excesso de artifícios, uma moral suspeita. Citando Latino Coelho<sup>156</sup>, ele refere que:

(...) a mulher *coquette* – mulher artificial, mulher multiforme tem um coração para cada homem, uma sensibilidade para cada palavra, um trejeito para cada sentimento; assim como um vestido para cada baile, uma paixão para cada polka, um amor para valsa’. (1925, p.80)

A moda das *coquettes* referia-se aos costumes, modos de ser e se vestir franceses que, naquele momento, serviam de espelho para tantas outras que aspiravam a ser e estar em a Paris. Ao mesmo tempo em este ‘estilo de vida<sup>157</sup>,’ sugestionava ares de modernidade e auto-afirmação, apontavam também para uma moral vulgar, beirando à má vida, à prostituição (GOELLNER, 2003)

<sup>156</sup> Escritor português (1825 – 1891).

<sup>157</sup> A *coquette* é descrita por Renato Kehl como uma mulher que assume a opção por hábitos, modos de ser, de se vestir etc, caracterizando-as como um grupo. As sedentárias, que abordo mais adiante, de maneira diferente, são descritas como indolentes ou ignorantes, não sendo capazes nem mesmo de assumir uma posição, ao contrário, deixam-se levar pela letargia.

As mulheres *coquettes* são, sobretudo, rainhas na arte de dissimular, falseiam suas imperfeições do rosto com pó-de-arroz ou lápis *crayon*, disfarçam as deselegâncias do corpo com alguns truques, tornando-se, assim, artificiais ou ainda “falsas divindades da beleza”.

Naturalmente não o acompanho<sup>158</sup> nesses conselhos de apostiçamento, de metamorphoses a custa de truques, cosméticos e vernizes, aliás muito em moda nos nossos tempo entre as “casquilhas”, essas beldades falsas (...) (KEHL, 1923a, p. 359)

A mulher não deve ser uma dissimuladora, deve cultivar em seu corpo a beleza natural, construída a partir dos estímulos fisiológicos, uma beleza de dentro para fora que enrubesce o rosto, não com tinturas e maquiagens, mas com o aumento de glóbulos vermelhos. As atividades físicas sistemáticas são invocadas como elemento central no processo de embelezamento, dotando o corpo de belos atributos, uma técnica que compartilha das regras gerais da Higiene, representando importante auxílio à saúde da população.

(...) o segredo da beleza do corpo feminino, representada pela estatuária antiga, está em que seus modelos possuíam o collete muscular natural, em vez do inquisitorial espartilho moderno (KEHL, 1927a, p. 17).

Em outra passagem, Kehl afirma:

Como estheta, proclamo a necessidade da gymnastica entre as meninas e as jovens, único recurso para alcançar o ideal da beleza, pelo equilíbrio das partes e harmonia de todo o corpo (...) (1927a, p. 19)

Concebida como elemento primordial no processo embelezamento, a ginástica tornearia as pernas, consumiria o excesso de gordura, emagreceria as “ancas” e o pescoço, cultivaria a robustez, a agilidade e a flexibilidade dos quadris, desenvolveria o equilíbrio, materializando nos corpos as ‘benesses’ do disciplinamento. Os artifícios, muito utilizados pelas *coquettes* deveriam, quando muito, serem coadjuvantes, auxiliares na constituição da beleza. Neste sentido o autor aponta:

---

<sup>158</sup> Kehl refere-se a Ovídio, um autor que publicou conselhos e receitas cosméticos, ensinando às mulheres a arte de perpetuar e dissimular a beleza.

A legitima preservadora da beleza, o mais poderoso elemento retardante da velhice (...) consiste porém na vida sadia, sob os cuidados da hygiene: na pratica diuturna da gymnastica, como methodo e moderação, - factores esses seguros para collorir as faces, não pelo carmim que desmaia e mancha, mas pela multiplicação e resistência dos glóbulos vermelhos do sangue

Como auxiliar dessa therapeutica precisa e efficaz, admittem-se os recursos preconizados por Ovídio, dos artificios de toucador, dos cremes, das pomadas, das loções, das tinturas, (...) (1927a, s/p.).

Apesar de a mulher *coquette*, em suas artimanhas ser constantemente invocada em alguns textos de Kehl, naqueles em que o autor aborda a educação física, não se torna o único contra-exemplo. A imagem da inatividade, da mulher sedentária<sup>159</sup> também ajuda a constituir a obrigação pela beleza e a ressaltar o tipo de corpo considerado eugenicamente normal. Muito mais vinculada à falta de atitude do que a um estilo de vida, a sedentária é evidenciada em meio aos “seios pendentes”, “carnes moles”, “excesso de gordura”, “ventre abaulado”, “braços gordos e roliços”, “quadris exuberantes de tecido adiposo”... Ao lado das mulheres artificiais, Kehl pinta a repugnante mulher sedentária, evidenciando o corpo daquelas que se esforçam, dentro dos preceitos higiênicos e eugênicos, para constituírem seus corpos belos.

Segundo ele, as mulheres, por sua “natureza”, eram mais propícias ao sedentarismo, optando por ficar em casa a desfrutarem de um “salutar passeio à pé”. Vivendo entre quatro paredes, ao abrigo da luz e do ar puro, as mulheres definham, pouco a pouco, na sua inatividade. Os avanços dos meios de locomoção mantinham as mulheres presas ao vício do sedentarismo; seja de bonde ou automóvel, muitas se negavam a caminhar, cultivando a adiposidade e a flacidez muscular.

Na justa contraposição, os exercícios físicos surgem como forma de evitar o envelhecimento, intensificar a vida, estimular músculos, ossos e glândulas e, sobretudo, desenvolver a beleza.

(...) o poder muscular é a resistência às fadigas e às doenças, o enrijamento para as intempéries; é a velocidade dos movimentos, a dextreza, a energia; é, emfim, a aptidão para todos os gêneros de exercícios naturaes e utilitários. (KEHL, 1923a, p.78)

A ignorância, a indolência e as idéias erradas sobre os exercícios físicos estariam afastando-as de tão benéfica atividade. Muito mais sujeitas ao acúmulo de gordura que

---

<sup>159</sup> Atualmente há um profícuo debate acerca do sedentarismo, uma discussão que possui sentidos próprios do nosso tempo (a esse respeito indico Fraga 2006). Neste texto, deixo Renato Kehl atribuir sentidos a esse termo. Convido o leitor a pensar a mulher sedentária, a partir dos contornos dados por esse eugenista.

os homens, as mulheres, em especial, as casadas, as que se aproximam da velhice e, ainda, aquelas que já deram à luz o primeiro filho, compõem o triste quadro da deformidade ventral. Músculos flácidos, somados à “hypertrophia gordurosa,” conformam quadris demasiadamente largos, abdomens pendentes e seios flácidos. Como forma de evitar, amenizar ou até mesmo solucionar tais problemas, as ginásticas são indicadas às mulheres. Em meio aos dizeres de Kehl, as sedentárias, ocupam um lugar especial no processo de convencimento em favor dos exercícios físicos.



Figura 13: Mulher bela... quando vestida<sup>160</sup>

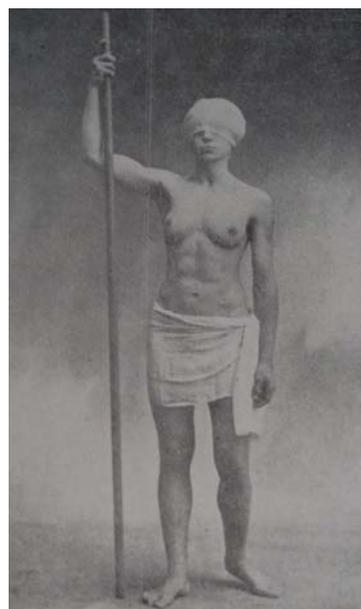


Figura 14: Corpo de uma atleta<sup>161</sup>

Postas lado a lado por Kehl, estas imagens são utilizadas na tentativa de instituir e divulgar suas noções de belo, corrigindo possíveis equívocos quanto à concepção de beleza atrelada à inatividade física. Como exemplo daquilo que não se deve ser, esse eugenista evidencia, com adjetivos pejorativos, partes do corpo da mulher sedentária. “Musculatura atrophiada”, “espáduas angulosas” e “seios cahidos” são associados a poses e feições típicas de uma mulher vulgar, compondo um quadro que serve de contra-exemplo e reafirma a beleza da mulher atleta. O desenvolvimento muscular da discípula de Hébert não necessita de adjetivos; afinal, adjetivar a norma pode ser

<sup>160</sup> “Eis os resultado da vida sedentária! Musculatura atrophiada, membros fracos, espáduas angulosas, seios cahidos em 3º grau. Typo commum de mulher considerada bella... quando vestida - Figuras de G. Hébert”. KEHL, R, Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.

<sup>161</sup> “Photographia de uma jovem athleta, discípula do Prof. G. Hébert, cuja musculatura nada deixa a desejar quando comparada a de um athleta bem constituído.” KEHL, R, Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.

perigoso<sup>162</sup>. A conformação das pernas, o abdômen marcando a pele, os seios firmes e belos, braços, pescoço, pés... a perfeição deste corpo feminino não se consolida a partir da marginalização da mulher sedentária; para mim, seus atributos de beleza, simetria e norma constituem-se no momento em que Kehl a compara ao corpo de um homem.

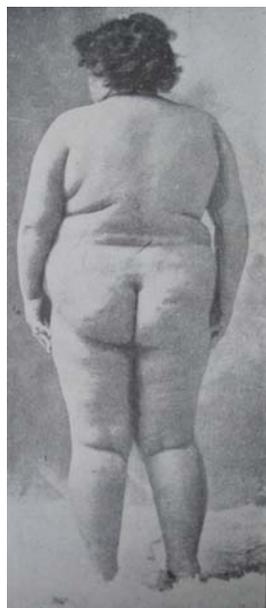


Figura 15: Obesidade<sup>163</sup>



Figura 16: “Expressiva curvatura do corpo<sup>164</sup>”

Pele lisa, fina, cabelos soltos e macios – o corpo nu está em movimento, suscitando liberdade, leveza, saúde e harmonia. Em contraposição: pele rugosa, braços pendidos, pernas grossas, cabelo desganhado – o corpo está nu, estático, cansado, preso à indolência e ao sedentarismo.

Imagens como estas recheiam os textos de Kehl numa menção clara de educar os sentidos e despertar, mesmo de forma crua, para a exercitação física. A imagem da mulher sedentária, traduzida em exemplo de como não se deve ser, povoa os seus textos; evidenciando a graça, a beleza e a feminilidade, daquelas que se movimentam. Se nos dias de hoje os procedimentos de embelezamento, associam saúde, sedução, higiene e prazer - momentos de ‘intimidade’ e deleite (SANT’ANNA, 2005) - nos textos de Kehl, os processos de beleza tornam-se meios fundamentais para capturar o

<sup>162</sup> Ao falar em demasia sobre o referente corre-se o risco de deixar detalhes de sua centralidade ocultos, ou ainda, construir contradições.

<sup>163</sup> “Obesidade em consequência da perturbação do metabolismo. A vida sedentária pódé levar qualquer mulher a este estado.” KEHL, R, Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.

<sup>164</sup> KEHL, R, Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.

olhar masculino. As mulheres devem ser belas para os homens, devem cultivar e evidenciar sua beleza, dando a elas vantagens para disputarem o “mercado do casamento”. A prática de exercícios físicos, a escolha das roupas, o cuidado com a higiene e, de forma sutil, o uso de um pó facial, ou um creme inócuo, são condutas aguçadas pela aprovação e satisfação do olhar masculino. A beleza do corpo, como dito, em várias passagens de Kehl, constitui-se como atributo principal da figura feminina. Antes de ser inteligente, antes de ser moralmente forte, a mulher precisa ser bela, e ser avisada disso. Neste sentido afirma:

Dentre os dotes individuais são os físicos os mais importantes para os representantes do sexo feminino, no critério do Spencer, que diz, como citei anteriormente: ‘de todos os elementos, que se unem em várias proporções para produzir no homem a complexa commoção que se chama amôr, os mais fortes são os despertados pelos attractivos físicos; os segundos em graduação de força são os attributos moraes; os mais fracos são os intellectuaes’. (KEHL, 1923a, p. 78)

Justificando a superioridade hierárquica dos atributos físicos, Kehl aponta para a organização física do corpo do homem, seus hormônios e, sobretudo, o lugar do macho no processo evolutivo da espécie. Dotado de um olhar, nem sempre tão perspicaz<sup>165</sup>, o homem selecionaria sua ‘fêmea’. O instinto presente nos homens o levaria ao encontro de sua companheira, estabelecendo, assim, uma seleção sexual<sup>166</sup>, fundamental no processo evolutivo, embelezando e aprimorando as gerações vindouras. Denominado por Kehl, como “instinto de conservação da espécie”, a causa que elegeria interesse físico antes do moral e intelectual, seria de ordem biológica, eximindo o homem de qualquer responsabilidade e salvando de qualquer reprimenda; afinal, seu instinto é natural.

<sup>165</sup> Refiro-me às passagens onde Kehl repudia o interesse masculino pelas formas avantajadas e, apesar de já tê-las evidenciado anteriormente, aponto: “Si a maioria dos homens tivesse alguma noção esthetica do que seja um par de pernas perfeitas, tomando esta perfeição em conta para a escolha matrimonial – o mundo se despovoaria de filhos legítimos!” (KEHL, 1927a, p.39)

<sup>166</sup> Pesquisa revela que a evolução da espécie se deu pelas vias sexuais, em que os homens operam numa lógica diferente das mulheres. Segundo tais pesquisas, os machos procuram engravidar o maior número possível de fêmeas e as fêmeas procuram engravidar de um macho capaz de lhe dar a prole mais apta a sobreviver. As fêmeas, como visto, têm um caráter mais seletivo e, por isso, comandam a seleção sexual. Acreditam que a seleção sexual feminina seja a razão para que os homens considerados bonitos costumem ter sêmen mais saudável do que o de homens não tão belos. Essa discussão data de 2003. Disponível em [http://veja.abril.uol.com.br/230703/p\\_068.html](http://veja.abril.uol.com.br/230703/p_068.html), acesso em 21/02/2008. Gostaria de ressaltar que, para Kehl, são os homens que comandam a “seleção sexual” e que “A Cura da Fealdade” foi escrito oitenta anos antes; para mim, as diferenças param por aí.

Avisada de seu lugar na natureza, a mulher deveria ser bela, na esperança de ser selecionada, uma aspiração comum nos primeiros anos do século XX. Alvo de um discurso que atravessa seus corpos, casamento e constituição da família, muitas vezes, lhe aparece como destino e, também, como desejo. Renato Kehl reitera essa afirmação em algumas passagens, dizendo que o embelezamento é fundamental para a mulher:

(...) cuja louvável aspiração e justa preocupação innata consiste em ser admirada, apreciada nos seus dotes físicos, em vencer as concorrentes nos prêmios do amor, apresentando-se sempre bella, sempre joven, mesmo quando passada em annos... (KEHL, 1927a, s/p.)

Dentro do “mercado do casamento” as mulheres deveriam se munir para capturar o homem em seus dotes sedutores, precisavam ser belas, entretanto, de forma honesta. Espartilhos, anquinhas, golas altas, saias compridas e maquiagem, são apenas alguns dos itens aos quais Kehl se coloca relativamente contrário. A beleza honesta é aquela que não fica na dependência de vestes, nem de “artifícios de toucador”, mas sim, aquela que se mostra por meio da nudez e do rosto lavado.

Não é só com cera, com mel, com leite de jumenta e folha nenuphar, nem com os *maquillages* modernos que se vence no torneio do amor, mas sim cuidando da saúde, praticando esportes, dando robustez ao corpo e evitando os efeitos perniciosos da vida sedentária. (1927a, p. 32)

Em outra passagem, afirma:

As mulheres, nestas condições, como elemento poderoso de victoria (na conquista do matrimônio), devem esforçar-se por ser bellas, fortes, educando o organismo no regimen do aprimoramento eumorphogenico pela prática dos exercícios gymnasticos. (KEHL, 1923a, p. 79)

Evidenciadas como detentoras de um poder que atrai e fascina os homens, as mulheres são vistas, em vários textos de Kehl, com poucas vestes e fazendo movimentos graciosos. Centro de um discurso que erotiza seu corpo, a mulher bela é vista em sua sensualidade, feminilidade e saúde. Esse corpo deve ser contemplado e imortalizado enquanto jovem, belo, robusto e graciosos. A mulher bela, nas páginas onde Kehl aborda a educação física, carrega a simetria das formas, a musculatura trabalhada, a gordura sem excesso, a pele lisa e branca, atributos que despertam o desejo.

Beleza, hábitos higiênicos, e exercitação física, constituem, para Kehl, elementos importantes em seu projeto eugênico, sendo necessário associar a eles sentimentos como fascinação, deslumbramento e encanto. A mulher deve ser bela, deve ser sensual, deve despertar o desejo de todas as formas, menos sendo vulgar. A vulgaridade fica para as sedentárias, para as *coquettes* e seus artifícios, não para a materialização da normalidade. Aos olhos de Kehl, a mulher eugenicamente bela é sensual sem ser vulgar, sobretudo, porque a sublime beleza eugênica, mesmo quando despida, “agrada sem offender”. Para este eugenista:

Que immoralidade pôde haver numa jovem pompeando suas perfeições sob um *maillot* collante? Há alguma indecência na apresentação de seios perfeitos e bem implantados num peito sadio e robusto? (KEHL, 1927a, p.18)

Sinônimo de normalidade, a beleza eugênica reúne membros bem conformados, em um rosto suave e discreto. Semblantes de decoro ajudam Kehl a argumentar em favor de uma nudez moralizada que, de forma encantadora e nobre, expõe, sem falso pudor, a beleza, em sua plenitude. Utiliza-se da estatuária grega afim de amenizar e conferir uma aura de inocência, um senso artístico e elevado à beleza explícita. Sensual e ingênua, carnal e inocente, nua e moral - dentro da lógica argumentativa de Kehl, a beleza desperta um sentimento dúbio.

A sensualidade das vestes, o sorriso eternizado em rostos jovens e saudáveis, a leveza na execução de diferentes movimentos, a parte do corpo que é despida e encoberta, remetem a uma leitura ambígua da sexualidade feminina porque simultaneamente são apresentadas expressões de recato e explicitude, de exibição e de presença silenciosa. Se o corpo da mulher é erotizado, também é amenizado nas suas conotações eróticas, tornando sua exibição aceitável aos padrões da moral (...) (GOELLNER, 2003, p.57)

Neste local reservado à beleza e à sensualidade, mesmo que decente e decorosa, a imagem da maternidade é ocultada. A figura da mãe é quase invisível nos textos de Kehl onde as mulheres fazem exercícios ginásticos. Esse espaço, construído por ele como o reduto da beleza eugênica, não evidencia, explicitamente, diálogos com a maternidade. Destinada a despertar o “instinto sexual” no homem, a mulher que se exercita, nos textos desse eugenista, é uma mulher erotizada – atributo que não deve ladear a maternidade.

Nos textos de Kehl, as mães, quando adentram o universo das atividades físicas sistemáticas, o que ocorre raras vezes, são lembradas de sua função de propagadora de

hábitos higiênicos. Com o foco voltado para os corpos de seus filhos, mães e pais devem incentivá-los aos jogos e brincadeiras lúdicas, assim como à ginástica, saltos e danças. Segundo esse eugenista:

Sou parecer que todos os Paes devem inciar-se nos exercícios do corpo, não só praticando-os diariamente, para beneficio próprio, como para guiar os filhos nessa execução. (1923a, p.332)

Ainda falando sobre a educação física infantil, Kehl reitera:

São taes os resultados advindos da prática dos exercícios gymnasticos, que os paes zelosos e intelligentes devem comprehender a vantagem de dedicar alguns minutos das suas manhãs em emprehendel-os juntamente com os filhos. Desse modo garantir-lhes-ão uma infância sadia e uma mocidade bella e vigorosa.(KEHL, 1923a, p.338)

De modo diferente, Fernando de Azevedo dialoga atributos de beleza e maternidade com a prática sistemática de exercícios físicos. De acordo com Soares (1994)<sup>167</sup>, para Azevedo, no momento em que a mulher se exercita, embeleza-se e fortalece o organismo para uma gestação sadia e “maternidade fácil”. Colocando lado a lado sensualidade e maternidade, este intelectual propõe uma série de exercícios ginásticos. Com atividades adaptadas à fragilidade da natureza feminina, a educação física da mulher teria um caráter próprio, diferindo dos exercícios requeridos pelo corpo do homem, segundo esse autor: “Os órgãos de agressão e defesa no homem reclamam ‘violência de movimento’, na mulher, apenas ‘os gestos suaves’, a quase quietude” (1920a, p. 94). Natação, danças, atividades manuais, jogos infantis, exercícios ginásticos e alguns esportes, desde que compatíveis com a delicadeza biológica das mães, compõem o que Fernando de Azevedo denomina “educação physica da mulher”.

A um só tempo, esse grande incentivador das atividades físicas sistemáticas, argumenta em favor da beleza e da maternidade. Indicada para as mulheres por seu caráter higiênico, a natação, “exercício morphologico por excellencia”, ajudaria a conformar o corpo das mulheres, moldando-o plasticamente e robustecendo o organismo. Composta de movimentos de extensão e flexão, a dança constitui a graça,

---

<sup>167</sup> Soares (1994) nos diz ainda que, além de Fernando de Azevedo, Rui Barbosa também recomendaria a exercitação física, desde que adequada, para desenvolver as formas femininas, preparando o corpo para maternidades futuras.

delineia as formas, reforçando a parede abdominal e desenvolvendo a bacia pélvica, atributos fundamentais para a beleza e para as “maternidades fáceis”.

A figura oculta das mães nos textos em que Kehl aborda a educação física, não revela, entretanto, sua inexistência em outros textos. A mulher/mãe é exaustivamente ressaltada por este eugenista que, afinado com o discurso médico do início do século XX, atribuíam funções e, sobretudo, apontava culpados.

Construídas pelas noções médico-higiênicas, o ideal de mulher / mãe / esposa, que vinha se constituindo desde as primeiras décadas do século XIX, intensifica-se entre fins de 1800 e início de 1900. Cuidados com a casa, marido e filhos agrega uma nova função: dar à luz filhos saudáveis e moralmente normais (MALUF e ROMERO, 2002). Em pronunciamento durante o I Congresso Internacional Feminino<sup>168</sup>, Renato Kehl fala sobre as atribuições da mulher/mãe, responsabilizando-a pelo zelo dos brasileiros de amanhã. Para este eugenista uma mulher:

(...) pode ser-se má lavadeira, má cozinheira, má artista, poder-se-á, desse modo, causar algum damno a outrem. Mas o mal, que faz uma única mãe ruim, é incalculável porque repercute de geração em geração e envenenando-as umas após outras (KEHL, 1923c, s/p.).

Elemento central em diversos textos de Kehl, a mulher foi interpelada por inúmeros imperativos. Deveria aprender os ofícios de rainha do lar, mãe, companheira dedicada e compreensiva. Deveria saber sobre Higiene, cuidados com a alimentação, ser atenta a qualquer indício de perturbação da saúde dos filhos e do marido. Doce, deveria ser exemplo de moral, mediar os conflitos e promover a paz, sempre com modos contidos e sem afetação.

A grande ocorrência de dizeres sobre a maternidade<sup>169</sup> indica a tentativa de Kehl educar as mulheres para sua mais sublime função. Entretanto, quando beleza e educação física se unem, a maternidade quase não é mencionada. Em meio aos textos a que tive

<sup>168</sup> Realizado no Rio de Janeiro em dezembro de 1922 (LOPES, 2006). O texto intitulado “Como Escolher Um Bom Marido?” foi integralmente publicado no “Correio da Manhã” em 03 de janeiro de 1923. (KEHL, 1923c, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>169</sup> Realizado no Rio de Janeiro em dezembro de 1922 (LOPES, 2006). O texto intitulado “Como Escolher Um Bom Marido?” foi integralmente publicado no “Correio da Manhã” em 03 de janeiro de 1923. (KEHL, 1923c, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

<sup>169</sup> “O que as mães não sabem”, *In* “Eugenia e Medicina Social” (1920a); “A inteligência da mulher”, *In* Melhoremos e Prolonguemos a Vida (1922); em “Perguntas a um Eugenista” (1927c), indico sobretudo as páginas 03, 04 e 05; “Crianças Bonitas” *In*, Formulário da Belleza (1927a); “Hygiene Conjugal”, *In* “Cura da Fealdade” (1923a); “Como Escolher Um Bom Marido” (1935a); “Como Escolher Uma Boa Esposa” (1925); “A Fada Higia” (1937b) além de textos em jornais e revistas etc.

acesso, apenas em “Mulheres Bellas<sup>170</sup>”, foi possível ver a associação entre educação física, beleza e maternidade, única passagem, sobre esse tema, que aproxima Kehl de Fernando de Azevedo<sup>171</sup>:

(...) como eugenista, manifesto a importância da cultura física da mulher, um dos principais factores de regeneração física da espécie.  
São as mulheres fortes que fazem uma raça forte; são as mulheres bellas que garantem a beleza de uma raça forte (KEHL, 1927a, p. 20).

Entretanto, por mais que Kehl não associe explicitamente maternidade, beleza e educação física, alguns indícios fazem pensar essa relação. O vínculo entre maternidade e corpo feminino torna-se visceral à medida que Kehl, afinado como o discurso médico do momento, reitera sucessivamente a função da mulher na espécie humana. Para este eugenista, “A função mais nobre da mulher, todos o sabemos e, todos proclamam, é a maternidade; é a função da qual depende a existência da espécie”. Em outra passagem Kehl argumenta em favor da educação das moças “futuras mães que devem ser instruídas naquilo que diz respeito às suas funções de mulher” (KEHL, 1923c, s/p.).

Por um lado, a erotização do corpo feminino em meio aos exercícios físicos clama por ausentar a maternidade, tentando guardá-la como artefato sagrado. Por outro, o constante vínculo entre a função maternal e o corpo da mulher, em outros textos, de alguma maneira, indica uma presença silenciosa, oculta, em meio à beleza e às atividades físicas. Práticas que possam suscitar algum tipo de sensualidade ao corpo das mulheres não devem fazer parte do universo “sagrado” das mães; entretanto, se a maternidade é elemento natural feminino, inerente ao seu corpo, torna-se difícil distanciar tal função dos discursos dirigidos às mulheres.

Ao ditar, continuamente, como as mães devem proceder, Kehl, garante a presença da maternidade em meio às exercitações físicas, mesmo não sendo mencionada neste espaço. A sublime função da mulher atravessa as práticas físicas que embelezam e sensualizam, entretanto, de maneira bem peculiar. Encoberta por uma moral que a guarda como elemento sagrado, a maternidade, apesar disso, faz-se notar em meio à beleza e à educação física, afinal, o corpo da mulher a carrega em suas entranhas.

<sup>170</sup> Esse texto foi publicado como um capítulo em “Formulário da Belleza” (1927a) e como artigo na “Revista da Semana” (05/06/1926c).

<sup>171</sup> Cabe ressaltar que, como dito anteriormente, Renato Kehl acessava as idéias de Azevedo por meio das leituras de seus textos. Esse eugenista publica, em 1922, um capítulo de livro que comenta a obra “Da Educação Física, o que é, o que tem sido e o que deveria ser” (1920), onde Azevedo articula, enfaticamente, maternidade e beleza. Aos meus olhos, isso indica que Kehl opta por não vincular maternidade e beleza em meio aos exercícios físicos, ocultando a primeira e evidenciando a segunda.

Ao passo que função maternal se faz notar por estar presa ao corpo feminino, pode ser destacada, também, no momento em que tenta ocultar-se. Identificada por virtudes como benevolência, generosidade, abnegação e recato, a moral materna não se permitiria destacar num espaço destinado à beleza. Tal qual se comportaria frente ao marido e aos filhos, a maternidade não deveria se sobressair, tornando-se oculta em meio aos textos que abordam a educação física, para, então, evidenciar a beleza. A maternidade assume toda sua nobreza no momento em que Kehl esforça-se por invisibilizá-la, escondê-la para o reinado da beleza.

Ao meu olhar, por mais que tente se distanciar ou parecer inexistente, a maternidade acompanha os corpos das mulheres, mesmo aqueles que se exercitam. Como uma sombra muito sutil, adentra os locais reservados à prática da ginástica, de modo quase imperceptível, torna-se presente, de forma silenciosa e oculta.

Imaginada e materializada por Renato Kehl, essa mulher eugenizada está convicta do embelezamento como obrigação, o que a leva a acessar as práticas físicas, na tentativa de espantar o sedentarismo e de pintar com a própria fisiologia a límpida face. De maneira simples e ingênua, seus pequenos defeitos são ocultados por uma loção ou, mesmo, por uma pomada; recursos utilizados, somente em último caso e de forma comedida e honesta; afinal, para cativar o apreço masculino é necessário reunir as características de beldades helênicas e não os artifícios da mulher *coquette*. Magra, robusta e saudável, para ser bela precisa, ainda, ter a pele macia, o abdômen trabalhado, as ancas magras, os seios firmes, os cabelos sedosos, os pés bem conformados – deve, somente, apresentar a normalidade para tornar-se digna de ladear o “Homem puro sangue”.

Alto, branco e atlético, o homem eugênico exala pureza física, moral e intelectual, uma perfeição exaltada pelos corpos das crianças, pelas imperfeições das mulheres e mantida intocada por suas breves menções. Sobre seu corpo, somente os apontamentos necessários para torná-lo e mantê-lo como uma referência.

Corpos são forjados em meio a um discurso constituído com o auxílio das atividades físicas sistemáticas, atribuindo-lhes características como beleza, normalidade, saúde e robustez. Lançando-se de maneira diferente a homens e mulheres, os exercícios físicos, vinculados ao discurso eugênico de Kehl, ajudam a constituir o imperativo feminino da beleza e a singularidade dos atributos do referente masculino.

Corpos de homens e mulheres são postos em movimento sob a luz do sol, trajando poucas roupas, revelando proximidade com a natureza, indicando as bases

eugênicas para a apreciação de um corpo belo. Beleza, robustez e saúde são atreladas aos exercícios físicos, evidenciando-os como reduto da virtude. Muito mais que robustecer, embelezar e higienizar, as práticas físicas sistemáticas possibilitam a visibilidade de corpos, concorrendo, assim, para a divulgação de homens e mulheres belas. Com o auxílio da educação física, Kehl tenta educar o senso estético daqueles que folheiam seus escritos, conformando, assim, uma estratégia de sua “Eugenia positiva”. Vejamos...

*Para “proteger a humanidade do cogumelar de gentes feias<sup>172</sup>”: a ginástica em trajés simples e a “educação plástica da forma”.*



Figura17: Exercício ao ar livre<sup>173</sup>

Os exercícios de quarto e a marcha, contribuem eficazmente para a desenvoltura do corpo, avigoreamento muscular; em summa, favorecem a saúde (...). (KEHL, 1922, p.195).

<sup>172</sup> Este trecho foi retirado de uma passagem onde Kehl dizia: A Eugenia é a ciência da boa geração. Ella não visa, como parecerá a muitos, unicamente proteger a humanidade do cogumelar de – *gentes feias*. (1920a, p. 11). O texto que contém este fragmento, intitulado “Que é Eugenia”, também foi publicado no “Annaes de Eugenia” em 1919.

<sup>173</sup> KEHL, R, Formulário da Belleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro:Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p. Abaixo da imagem consta: “Escola Komauer – Viena. (ilustração do Prof. Preiss, ‘Neue Wege der Körperkultur’)”

Melhoria da condição pulmonar e da circulação sanguínea, enrijecimento dos músculos, ação terapêutica contra algumas enfermidades, promoção do embelezamento plástico – as atividades físicas sistemáticas possuem um caráter higiênico.

A educação física é invocada dentre as tantas práticas adequadas a preparar jovens e adultos nos preceitos de saúde física e mental. Como elemento capaz de desencadear alterações fisiológicas é evidenciada em seu viés higiênico e integrante de uma “Eugenia positiva”. Para Kehl:

A Eugenia positiva se incumbe também da educação physica, do avigoreamento pelas regras da boa hygiene, dos exercícios bem compreendidos e praticados. Nesta parte se inclue tudo quanto reunido se enfeixaria sobre a denominação ‘das boas praticas’, capítulo de um catecismo eugênico que deveria existir para ser distribuído pelas escolas primarias, secundárias e mesmo superiores. (1922, p. 76)

Para mim, entretanto, o alcance das atividades físicas sistemáticas vai além do robustecimento físico e da promoção da saúde, atuando como propagandista e educadora do melhoramento hereditário, auxiliando, assim, um dos elementos centrais no programa de “Eugenia positiva” de Kehl – a educação sexual.

Enquanto a Eugenia negativa ocupa-se em impedir a procriação de seres degenerados, a positiva foca a “procriação sã”, o estímulo matrimonial entre seres bem dotados, o aumento da taxa de natalidade “hígida”. Ao passo que a “Eugenia preventiva” atua sobre as doenças sociais<sup>174</sup>, a positiva centra-se na educação sexual dos jovens, revelando didaticamente, os mecanismos da reprodução.

Como conteúdo a ser estudado nas escolas, as funções reprodutivas deveriam ser tratados de forma ‘natural’, desde as plantas, passando pelos animais até, enfim, chegar ao homem, esclarecendo, desde tenra idade, o que são as relações sexuais. O conhecimento acerca da reprodução e hereditariedade seriam fundamentais para que os jovens pudessem conceber as causas das proles degeneradas, atribuindo-as a toda sorte de infortúnios hereditários.

Além de esclarecer os mecanismos de reprodução e hereditariedade, para a Eugenia positiva, seria fundamental que a educação sexual ensinasse a identificar os melhores sujeitos, revelando suas formas corporais, educando a atração física dentro de atributos eleitos eugenicamente. Outras funções também são agregadas à educação

---

<sup>174</sup> Refiro-me ao alcoolismo, à sífilis, à falta de Higiene e Saneamento.

física ao adentrar esse processo de educação eugênica. Muito mais que estimular fisiologicamente os corpos, as atividades físicas sistemáticas, ajudariam a divulgar a “verdadeira” noção de beleza, difundindo a proporcionalidade e a simetria como atributos de “normalidade” – fundamentais no critério de escolha de maridos e esposas. Os exercícios físicos alcançariam outros patamares dentro da proposta de “Eugenia positiva”, educando o senso estético de jovens e adultos, direcionando-os à procriação “hígida”.

A beleza e a perfeição são evidenciadas por meio de corpos em movimento; entretanto, sua centralidade é reforçada pela presença da “anormalidade”, estratégia que marginaliza e submete os degenerados. A fealdade é constantemente mencionada como doença, “dysgenia” e decadência, fruto da ignorância e imprevidência de pais e mães.

As cidades são descritas como aglomerados de gentes feias e a “dysgenia”, suscitando o tom de denúncia, revelando indignação e vontade de eugenizar as feridas vivas que habitavam os centros urbanos. Numa tentativa de desumanizar os corpos feios, Kehl os vincula à doença e à anormalidade, colocando-se avesso à imperfeição física (DIWAN, 2002).

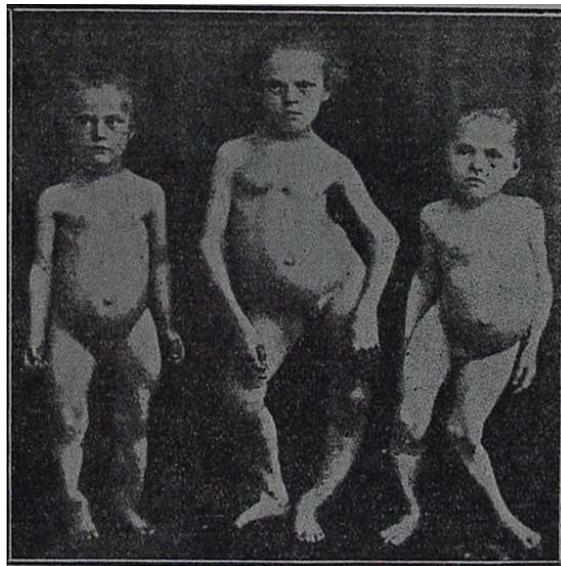


Figura 18: “Tres irmãs rachíticas com deformidades osseas”<sup>175</sup>

Como estratégia persuasiva, chama os leitores a conceberem com ele – médico, farmacêutico, intelectual respeitado – o quadro de pavor que constitui as ruas da cidade.

<sup>175</sup> KEHL, R. *A Cura da Fealdade: Eugenia e Medicina Social*. São Paulo: Monteiro Lobato & CO Editores. 1923a, p. 341.

Fixae bem leitor amigo, a vossa vista na multidão heterogênea que passa pelas ruas de uma grande cidade. Verificareis, então, que não exaggero dizendo que a maioria arrasta os estragos adquiridos ou herdados, através de gerações de connubios dysgenisantes. (KEHL, 1923a, p.16 e 17)

Distinguindo o “leitor” dos degenerados, convidando-o a atestarem a fealdade urbana, Kehl tenta seduzi-lo, conduzindo-o no sentido da aversão à fealdade, do medo da deformidade. A imperfeição física deveria ser marginalizada e, para sua efetivação seria fundamental classificar e disseminar o que é feio e o que é belo, convocando as pessoas, cientes da degeneração, a atuarem em prol do limpo e da normalidade. Assim, conselhos são dados àqueles que desejam contrair núpcias, alertando aos riscos de gerar crianças raquíticas, viciadas, doentes – feias. Segundo Kehl: “Indispensável é (...) demonstrar as conseqüências ruinosas dos casamentos com indivíduos providos de taras mórbidas, com descendentes de (...) leprosos, cancerosos etc.” (KEHL, 1923a, p.210). Pais muito jovens seriam incapazes de fornecer matéria plástica à formação dos bebês. Os casamentos entre os indivíduos com mais de 45 anos também seriam condenáveis, dada a debilidade orgânica que se instala com a velhice. Face a alguns infortúnios evitáveis, Kehl ressalta:

Amigos que somos do belo, não podemos cruzar os braços ante a desfiguração plástica e psychica da humanidade, composta, nos nossos dias, de espectros de gente, genuínas figuras movediças, representados nos quadros da anormalidade (KEHL, 1923a, p.16)

Entendendo que, naquele momento, o Brasil não era o local que acolheria ações de caráter mais “duro<sup>176</sup>”, Renato Kehl evidencia a fealdade como resultado da ignorância hereditária e da subversão das leis naturais. Sentimentos de amor e compaixão levaram a humanidade a acolher o doente, a dar condições de subsistência ao degenerado a ditar leis que caçam do forte o “direito” de submeter o fraco. Para Kehl, isso significa que as leis biológicas foram adulteradas pela filantropia e pela caridade.

Enquanto a seleção natural aguça a luta, os sentimentos humanos protegem os fracos, criando asilos para toda a sorte de degenerados, abafando os desígnios da natureza. Reiteradamente, Kehl fala dos benefícios que a seleção natural traz às espécies animais, sendo um caminho para purificação racial, um caminho que poderia ser seguido pela humanidade caso sua história não a tivesse subvertido. A coletividade se vê exposta a toda sorte de infortúnios, enquanto o individuo é protegido. A espécie é desconsiderada, quando políticas e leis preservam indivíduos inaptos, permitindo a propagação da “dysgenia” e da anormalidade. Entretanto, por mais que a defesa da

---

<sup>176</sup> Expressão utilizada por Souza (2006) para se referir à Eugenia negativa.

seleção natural esteja presente em alguns indícios, Kehl coloca-se, em outros momentos, de acordo com os preceitos morais da época. Vejamos:

Como faz notar Tobias Barreto<sup>177</sup> ‘se é um mal interromper a marcha da eliminação natural dos fracos diante dos sadios, não vejo razão plausível, porque se deve punir o homem robusto e vigoroso que em lucta com o rachitico e invalido, chega a matal-o. Isto também é *eliminar*... Mas ninguém, por certo admitirá tal consequência, que escandalisa pelo absurdo. (...) Entregar os míseros a sua própria miséria, deixar que morram de fome o que não podem conquistar pelo trabalho os meios de subsistência, e deste modo concorrer para o depuramento da sociedade, se isto é selecção, seria mil vezes mais Barbara que a selecção spartana’. (KEHL, 1923a, p. 17)

Conforme os textos desse eugenista, a humanidade havia ‘progredido’ e, portanto, não cabia mais medidas drásticas. Seus dizeres, ao mesmo tempo em que apontam a seleção natural como caminho para o aperfeiçoamento da espécie, indicam o afeto e a caridade, materializados na proteção aos fracos e degenerados, como sentimentos e ações dignas daquela sociedade.

Como médico, procuro sempre fortalecer um rachitico; tento melhorar um tuberculoso; esforço-me por prolongar a vida de um enfermo; a consciência formada e firmada na minha alma dicta esse modo de proceder (...) (KEHL, 1923a, p. 204)

Entretanto, se o progresso humano fez a força ceder lugar aos sentimentos de benevolência, subvertendo a seleção natural, o mesmo não poderia acontecer com as leis do amor. Também considerada um elemento importante no processo de aperfeiçoamento da espécie, a seleção sexual<sup>178</sup> não atuaria na eliminação do mais fraco pelo mais forte, mas, sim, na superação dos mais belos. Relativa à conquista mútua entre homens e mulheres, diz respeito à atração física ou, ainda, como efeito de uma lei natural que guarda os indivíduos mais belos e robustos para o justo matrimônio, dando origem a filhos fortes e bonitos.

Aos olhos de Kehl, a luta travada nos intentos do amor, também, tem sido subvertida em função de interesses sociais e pessoais. O único sentimento digno de “presidir” os casamentos, tem sido submetido à tirania da vida artificial.

<sup>177</sup> Intelectual brasileiro que publicou em 1892 “Estudos Alemães”. (KEHL, 1923a).

<sup>178</sup> Os argumentos de Kehl em prol da seleção sexual encontram referências em Darwin “The descent of man and selection in relation to sex” – 1891 (KEHL, 1923a). Na esteira da seleção sexual, Kehl fala em “Chimiotaxia positiva”, ou ainda, “lei de perpetuidade universal”, entendida como uma vontade instintiva de procriar que abrange toda a humanidade, dos belos aos degenerados. Estas noções são desenvolvidas em, 1923c, 1935a e 1922.

Duas amigas de collegio, de boa família, conversam juntas. Uma suspira:

\_ O que tens? Pergunta a outra.

\_ Um grande pesar.

\_ Qual?

\_ Amo Roberto, e elle me ama.

\_ Maravilhosamente! Elle é bonito, jovem, elegante, é isto o que te afflige?

Sim, mas elle é pobre, não tem nada, não é cousa alguma, e meus paes querem que eu me case com o barão, que é obeso, calvo, e feio, mas poderosamente rico.

\_ Pois bem! Minha tola, casa-te tranquillamente e faz com que elle se relacione com Roberto. (KEHL, 1920a, p. 179 e 180)

Os prazeres, os requintes, a velocidade e o agito constituem alguns fenômenos da vida civilizada que impera nas cidades. O álcool, as doenças e a degeneração se misturam à miséria e à fadiga, resultados de escolhas, efeitos do afastamento da vida natural. Na ânsia pelo conforto e pela opulência, o amor tem sido submetido e a raça deixada em segundo plano. Corpos feios, desajeitados e disformes têm encontrado bons matrimônios por meio do dinheiro. Gordos, velhos e tarados de toda sorte têm encontrado belas esposas, jovens e prendadas, seduzidas pela abastança. “O critério da escolha não é o da electividade instintiva do bello para o bello, é o do interesse” (KEHL, 1923a, p.205). Para Kehl, se o “amor” fosse o elemento central a definir os matrimônios:

Jovens bellas, graciosas, sadias achariam mais probabilidades de se casarem que as feias, desgraciosas ou doentes. Os rapazes fortes bellos, ellegantes encontrariam com maior facilidade esposas, que os em situação contraria (KEHL, 1923a, p. 20).

Traduzido em termos biológicos, o amor se manifestaria por meio de mecanismos naturais; assim, os dotes físicos desencadeariam o processo de seleção sexual. A “electividade instintiva” atribui à biologia as noções de belo e feio, elege dado tipo e corpo e confere causa à natureza, retirando o peso das normas sociais, das marcas do tempo, das diretrizes morais, agregando valores de verdade e universalidade. Ao passo que Kehl aponta a beleza como atributo coerente e universal, essa questão não se apresenta de forma muito clara em seus textos.

Em “A Cura da Fealdade”, Kehl inicia seu terceiro capítulo dizendo: “Não há um critério universal para avaliar da belleza ou da fealdade humanas” (1923a, p.23), uma afirmação que busca sustentar-se na diversidade dos grupos sociais. As mudanças no tempo revelariam diferentes percepções de atributos de beleza; desta forma, a

Inglaterra teria visto, tempos antes de Kehl, a ânsia por formas arredondadas. Sobrancelhas depiladas, uso de “anquinhas<sup>179</sup>”, espartilhos e pequenas barrigas postiças revelam a predileção de um tempo, revelam as múltiplas formas de se conceber o que é belo.

“Seios pendentes”, “mammas enormes”, “craneo quadrado”, “fronte proeminente”, “nariz chato”, “boccas enormes”, “lábios perfurados”, orelhas grandes”, “pés pequenos”, “peito largo”, “nadegas colossaes” – atributos considerados belos por algumas culturas e utilizados como exemplos de diversidade. Ladeando estes predicados, Kehl utiliza termos como: “extravagantemente”, “aberrações”, “exquisitices”, “horrorosamente” e “deformados”; julgamentos de valor que atribuem aos “outros povos” o equívoco e a ignorância. Segundo ele:

Entre os povos há, pois, certa variabilidade de critérios estheticos. Entre os civilizados esse sentido é variável, mas não ultrapassa certo limite.

Em relação aos povos cultos, cada um dos cânones pessoais corresponde a cânones satélites de um cânone único. E este não é outro senão o cânone de Polycleto, o mais popular padrão de beleza dos gregos, transmittido através das gerações, até os tempos actuais. (1923a, p.25)

Em outro trecho, Kehl reitera:

Para um povo educado, como o sueco, não subsistem certamente, opiniões contraditórias quanto à beleza da mulher; sabe-se lá que a proeminência dos seios, a amplidão dos quadris, o volume exaggerado dos glúteos não constituem elementos aformoseadores – firmando-se a predileção para os typos bem conformados, que apresentem músculos (...) (1927a, p. 19)

Ao dizer da variabilidade de concepções de belo, Kehl refere-se a formas equivocadas, confusas e imprecisas de se conceber. O verdadeiro sentido da forma é o sentido da “natureza”, estudado e anunciado pela Eugenia. Louras, morenas, gordas, magras, ou ainda, as falsas magras, constituem algumas preferências entre os múltiplos tipos femininos, resultado da falta de discernimento no julgamento da plástica. As noções de beleza teriam se tornado tão díspares, que uma mesma mulher poderia despertar sentimentos diferentes quanto a sua forma, ignorância que assola, também, alguns artistas desavisados. “Mulheres de pescoço de sysne, ou gordas, com quadris super-lotados ou, ao contrário, magras, com talhe esguio de lagartixa” representam

---

<sup>179</sup> Almofada ou armação que as mulheres usavam sob as saias presas em contato com as nádegas. O objetivo seria estufar a saia, tornando as “ancas” proeminentes.

algumas aberrações consideradas belas (KEHL, 1927a, p. 55). Neste sentido Kehl aponta:

Alguns reparos, porém, devem ser estabelecidos, afim de orientar o critério na apreciação das mulheres, desfazendo-se opiniões contraditórias quanto à verdadeira beleza feminina. (1927a, p. 16)

Para Kehl, urge romper com as distorções sociais e voltar, decididamente, às diretrizes da natureza. Tabelas de proporcionalidades, imagens de belos corpos, exibição da arte grega, assim como as advertências quanto ao sedentarismo, ao alcoolismo, aos artifícios e à obesidade indicariam o retorno às apreciações naturais da beleza. Entretanto a “seleção sexual” e “instinto”, termos que vinculam a perpetuidade da espécie e o amor a questões de ordem biológica e natural, aparecem de forma conflituosa nos textos de Kehl. Ao mesmo tempo em que esse eugenista tenta aproximar os instintos e a seleção sexual das leis da biologia, configurando-os como algo inerente à “natureza humana”; ressalta a possibilidade de educá-los ou melhor, domesticá-los.

Em “A Bíblia da Saúde” (1926a), escreve um capítulo intitulado “Casamentos Condenáveis: Kallipedia”, onde problematiza a seleção sexual em relação à quantidade de gente feia que se avoluma nas grandes cidades. Se a seleção sexual obedece a uma ordem inata que tende para o belo, como seria possível o aglomerar da fealdade? Talvez, para este autor, instinto não diga respeito aos determinismos de impulsos espontâneos, de atividades elementares e automáticas. Seus textos indicam a flexibilidade do termo “instinto” como algo educável, ou, “civilizável”. Para Kehl:

O instinto manifesta-se por atos de finalidade sem caracterizar-se por fenômenos nítidos de inteligência. Como exteriorização fisiológica reflete certos sinais de ordem psicológica. (...)

Sob condições normais, conquanto representem imperativos primordiais, são mais ou menos domesticáveis, isto é, submissos aos apelos da razão (1938<sup>180</sup>, p. 114 e 115)

Assumir o instinto como algo mais ou menos domesticável, além de explicar o aglomerar da fealdade humana, abre portas para mais uma investida eugênica. No sentido de educar a “seleção sexual” e o “instinto de reprodução”, Renato Kehl gesta um projeto de Eugenia positiva, cujos “verdadeiros” atributos de beleza deveriam ser

---

<sup>180</sup> Datada de 1938, esta obra situa-se fora do recorte temporal adotado neste estudo, entretanto, esta definição de instinto auxiliou-me a pensar seus textos do início dos anos 1920.

vulgarizados para influenciarem a escolha de bons maridos e esposas. Pais belos, robustos e saudáveis gerariam crianças belas, e saudáveis, promessa de bons progenitores, atribuindo, assim, boa parte da responsabilidade pela fealdade, doença e mortalidade infantil, à escolha do cônjuge. Segundo esse intelectual:

É verdade que a educação actual, os princípios sociaes em voga, a attenuam (a responsabilidade do casamento), porque ainda não se cogitou de ‘civilizar o instinto de reprodução’. (KEHL, 1920a, p. 64)

Como o foco na educação, Renato Kehl arquiteta em seus textos um programa que evidencia belas mulheres e belos homens em movimentos graciosos ou de força. Segundo ele, estátuas gregas, poemas inspiradores e a beleza expressa nas artes, transmitiriam um senso estético, elementos importantes no seu processo de “educação do instinto de reprodução”. Para mim, a constituição desse programa tenta vincular belos corpos às artes, uma estratégia que eleva ao plano das sensibilidades sublimes as noções eugênicas de belo e feio. Uma estratégia que tenta associar sentimentos de pureza, beleza e inocência, retirando o “peso” da marginalização da fealdade. A escultura de um belo corpo resultaria de sensibilidades superiores, materialização de sentimentos eugênicos - expressão do puro e belo na carne humana. Para Kehl: “São demonstrações eugênicas os versos fulgidos dos poetas que cantam a belleza (...)” (KEHL, 1920a, p. 11)

São exteriorizações de sentimentos eugênicos os traços do pintor que representa na tela deusas da formosura. São eugênicos os contornos que o cinzel esculptor entalha no mármore reproduzindo o ideal plástico da forma. (KEHL, 1920a, p. 12)

Os belos corpos são evidenciados como manifestações artísticas, resultado de um senso estético educado dentro das “verdadeiras” noções de beleza. São artistas os pais que gestam crianças belas, são sentimentos de um artista, aqueles que reconhecem a perfeição plástica. Assim, para que os progenitores comesçassem a esculpir, na carne, filhos belos, seria necessário torná-los artistas da espécie, seria necessário educar o povo para reconhecerem a beleza, instituir em seus corpos a devida noção de belo. A beleza deveria ser cultuada, elevada à condição de idolatria para relegar a fealdade e a doença; uma tentativa de impedir que tais deformidades se manifestassem, sobretudo, que se reproduzissem.

Os povos deveriam ser educados a partir dos cânones gregos, deveriam se inspirar na Grécia antiga e reproduzir seu apreço pela beleza, elemento que, segundo Kehl, resultou na constituição do povo mais belo que a história da humanidade presenciou.

A Grécia foi o berço do bello na arte, foi nesse recanto admirável da terra que se elevou, ao mais alto grao, o culto pela perfeição humana. O homem ou a mulher bellos eram considerados deuses pelos hellenos. O Fetichismo pelo bello levou-os a adorar publicamente os ídolos da perfeição. (KEHL, 1923a, p. 26)

Os Gregos deveriam ser imitados no seu culto ao corpo, no seu culto às práticas físicas, capazes de gerar corpos belos, seja por seus efeitos fisiológicos, seja pela educação do senso estético. Kehl não poupava palavras para dizer que os Gregos se constituíram com base em uma educação perfeita que incide sobre as crianças, incentivando os jogos e o atletismo – práticas físicas executadas em trajes higiênicos. Seus corpos e modos de vida povoam os textos deste eugenista, indicando práticas que devem ser seguidas para a perfeita constituição do processo de educação. Sensíveis à beleza corporal, os gregos promoviam concursos para exposição e contemplação do belo.

Nos concursos de belleza que se realizavam em Lesbos, o triumpho de um candidato valia-lhe a consagração divina. Carregavam-n'o como um deus pelas ruas da cidade. A exhibição era permittida; aos homens bellos dava-se o direito de passear nus pelas ruas a fim de lhes ser admirada a plastica varonil. (KEHL, 1923a, p. 26)

Os concursos de beleza, tão louvados na Grécia, já tinham suas versões norteamericanas, onde os avanços dos meios de comunicação permitiam que os corpos dos vencedores fossem contemplados por meio de revistas ou obras cinematográficas. Segundo Kehl, a diversas regiões do país eram tomadas pela ansiedade de ver seus “typos de formosura” concorrerem em tão importante certame. A América do Norte, em seu desenvolvimento técnico, em seu empenho de melhorias materiais, tem sido exemplo para os diversos países do mundo, exportando conhecimento e toda sorte de “engenho humano”. Para Kehl, suas iniciativas deveriam ser louvadas também, no que diz respeito à própria melhoria, cujo objetivo é ver materializados em carne e osso os deuses e deusas da beleza cultuados na Grécia.

Os concursos de beleza eram importantes estratégias no processo de civilização dos instintos. As provas eliminatórias deveriam obedecer a critérios como a “justa proporção das partes, a harmonia das linhas, a delicadeza dos contornos e a epiderme rosada e fina”, a fim de garantirem justa classificação (1926a, p. 119). Restringir aos mínimos defeitos e evidenciar a harmonia e a perfeição eram os objetivos dos concursos de miss, cujas vencedoras seriam idolatradas e seus contornos, expostos à adoração, como acontecia nos idos tempos helênicos. A popularização desses concursos vulgarizariam noções de beleza, prevenindo a população sobre as “reais” noções de belo. Assim, para Kehl:

Os concursos de beleza com a exibição honesta de corpos bem modelados, constituem, pois, factores indispensáveis de educação esthetica masculina e feminina. É necessário ver e comparar afim de poder fazer juízo do que seja um corpo verdadeiramente perfeito. Dessa educação, enormes benefícios advirão para o progresso da espécies. (1927a, p.57)



Figura 19: Concurso de Miss<sup>181</sup>



Figura 20: Exercícios ginásticos<sup>182</sup>

<sup>181</sup> KEHL, R. A nudez e a plástica. In Revista da Semana. 27 de novembro de 1926b, s/p. (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC). Abaixo da imagem consta o seguinte fragmento: “‘Miss América’ em 1926: miss N. Smallwood de Tulse, Oklahoma, declarada a mais bella no concurso annual de Atlantic City.”. Ressalto que o texto “Nudez e Plástica” também constou como capítulo do livro “Formulário de Belleza”, em 1927a, versão que ocultou as imagens. Em 1929b, Renato Kehl comenta, no “Boletim de Eugenia”, a realização do primeiro concurso de bebê eugênico realizado em São Paulo. Com base nos critérios eugênicos como estudos genealógicos, antropométricos, dentre outros, selecionaram-se bebês brasileiros

Ao lado dos Concursos de Misses, a educação física é exposta como elemento igualmente educador, capaz de sensibilizar para a beleza eugênica. Corpos movimentam-se com poucas roupas, exibindo músculos bem trabalhados, associando exercícios corporais e formosura. Associados à estatuária grega, os corpos que se movimentam carregam os atributos de limpeza, pureza e inocência, expressos na perfeição corporal. As práticas físicas constituintes da educação dos jovens helenos eram enaltecidas como arte, como elemento quase sublime que agregava aos belos corpos valores como disciplina e saúde. Segundo Kehl:

A cultura *physica* tornou-se para elles (os gregos) arte nacional cultuada com amor nos *gymnasios*, onde se reuniam diariamente para palestrar, para se exercitar, para cultivar nos grandes dias de festa as divindades da força e da beleza. (1923a, p.324)

A tentativa desse eugenista combinar beleza física e arte, sobretudo a grega, confere uma aura de inocência à nudez, vista como escândalo por alguns moralistas. Belos corpos, circulando em leves túnicas, torsos nus, pernas e pés à mostra suscitariam a contemplação, uma postura quase religiosa. Corpos são evidenciados quase nus propagando os benefícios dos exercícios físicos, visibilizando a beleza e educando o “instinto de reprodução”.

Allemaes, americanos e suecos já compreenderam o valor do culto a forma do corpo, instituindo esportes ao ar livre, com o corpo nú ou semi-nú, como se vê em revistas e films cinematographicos, sem que isso represente uma offensa à moral cristã (1927a, p. 32)

Para assegurar os exercícios físicos em poucos trajes e a popularização dos concursos de beleza dissociados da moral vulgar, esse eugenista empenha-se na argumentação contra a noção imoral vinculada à nudez de belos corpos. As necessidades do movimento, de acordo com noções higiênicas, exigiam trajes leves,

---

eugenizados. Segundo Kehl os concursos de Eugenia: “têm alta significação para o ‘fomento da paternidade digna’ e como testemunho de que a propaganda do aperfeiçoamento eugênico está dando resultados evidentes e valiosos para a nossa terra e para nossa gente.” (1929b, p.1). Ainda nessa edição do “Boletim de Eugenia”, Kehl autoriza-se a fazer alguns apontamentos sobre as representantes nacionais nos concursos de beleza. Investido pelo conhecimento nessa Área, aborda a beleza e seus critérios de seleção. Os concursos de beleza vinculados ao movimento eugênico, além de estarem presentes nos textos de Kehl, foram bastante divulgados nos EUA (Black, 2003).

<sup>182</sup> KEHL, R. Formulário de Beleza: receitas escolhidas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927a. s/p. Abaixo da imagem consta: “Curvatura central das costas (*Zentralrückbeuerge*, do livro de Dona Menzler – ‘*Die Schoenheit deines Körpers*’)”.

permitindo liberdade das articulações, a transpiração natural, deixando livres a circulação sanguínea e os movimentos respiratórios; legitimidade construída pelas leis da fisiologia e que asseguraria, cientificamente, os objetivos de divulgação e educação da estética<sup>183</sup> biológica.

Com o passar do tempo as vestes foram assumindo um caráter higiênico, relegando velhos costumes originados na Europa. Vestidos balão, coletes e espartilhos saem de moda, assim como, a sobrecasaca, há tempos, usada por homens, no verão. A Higiene, aos poucos, fornece algumas diretrizes para os cortes das roupas modernas, encurtando saias, usando tecidos leves, permitindo assim, que o corpo respire.

Acceitemos, pois, a moda, no que Ella tem de simplicidade, elegância e hygiene, condemnando os excessos justamente considerados immoraes, porque não só expõem a mulher a exames curiosos e libidinosos, provocando concupiscência, como concorrem para que muitas mulheres feias exponham deformidades attentatorias aos sentidos estheticos. (KEHL, 1927a, p. 25)

Numa tentativa de dissociar a imoralidade dos tecidos que cobrem o corpo, esse autor argumenta que, quanto mais coberto, mais desperta no sexo oposto a curiosidade, a imaginação e a volúpia. Descobrir o corpo revela. Não abre brechas às fantasias do sensualismo e ainda concorre para a lógica higiênica, tão importante em seu tempo. Em meio a esse processo, a moda moderna sofreu vários ataques de moralistas que julgaram como indecente os novos costumes.

Se por um lado as primeiras décadas do século XX presenciam a devassidão e o sensualismo, por outro, imprime noções renovadoras e avançadas. Os sentimentos de pudor e timidez são atribuídos por Kehl a um tempo regido pela obscuridade científica, quando os mecanismos de reprodução eram ocultados, um pudor que não deveria se fazer presente no século XX, devido aos avanços de ordem científica. A legitimidade da ciência, seja via desmistificação dos mecanismos sexuais, seja via os imperativos da Higiene seria um elemento fundamental para auxiliar na argumentação em favor da exposição de corpos nus.

A moral que encobre os corpos delega ao rosto toda a responsabilidade dos dotes físicos, impossibilitando a exibição de outras partes do corpo. A moda deve retirar os

---

<sup>183</sup> Utilizo estética biológica para designar sensibilidade e percepção de valores de beleza e arte expressos na biologia dos corpos. Diz respeito às concepções de belo e feio manifestas, por meio da hereditariedade, no corpo humano. Carrega as leis da “natureza”, desvendadas pela Biologia, adquirindo atributos de cientificidade, neutralidade e universalidade.

excessos de tecido que inconvenientemente expõe somente a face, como única referencia plástica.

Não há negar tal influencia durante séculos e que muito prejudicou a selecção da belleza feminina. (...)

Fazia-se a selecção de caras. Entretanto, sob o ponto de vista plástico, a mulher, embora possuidora de uma belleza rara, não poderá ser considerada verdadeiramente formosa si não apresentar um corpo perfeito. (KEHL, 1927a, p.31)

No programa eugênico de Kehl, homens e mulheres deveriam ser avisados sobre as noções de belo e feio, saber identificar tipos eugênicos de beleza, mas para que isso se efetivasse seria fundamental ter acesso à exposição de corpos alheios. Para se escolher um bom marido e uma boa esposa era imprescindível atentar para suas pernas, seu colo, abdômen e braços, ver a conformação dos pés, dos quadris e das costas. Urgia retirar os excessos de tecido para revelar, no cotidiano das cidades, a compleição dos corpos daqueles que pretendiam se casar.

A moda de poucos panos põe à mostra as imperfeições corporais, possibilitando identificar “as bacias estreitas, os peitos retrahidos, os abdomens desmedidos, as espaldas fugidas, os seios inexistentes, as pernas tortas” (1927a, p.31)

Túnicas, saias curtas, camisas de colarinho moles e “*maillot collante*” são algumas das peças indicadas por Kehl como perfeitamente decentes, desde que preenchidas por corpos que lhes são dignos. Para este eugenista, a nudez nada tem de imoral, uma vez que o corpo exposto guarde atributos de beleza e simetria. Imoral seria a feiúra que constringe, que causa asco, sentimentos de desagrado que devem ser evitados, cobrindo, com roupas, as imperfeições físicas. Segundo Kehl: “Obscena é a fealdade, é a deformidade que o nu põe à mostra.” (1927, p.18). Ou ainda: Exibem-se fealdades desnudas que revoltam. O nu em si, nada tem de immoral (...) (KEHL, 1927a, p.18). Em outro trecho, este eugenista reforça:

As nossas praias nada teriam de immoraes se fossem freqüentadas por indivíduos que, apresentando-se nus, não nos mostrassem ventres bojudos, pernas de jaburus, thoraces espremidos e outras deformidades do mesmo jaez. (1927a, p.19)

As indecências da fealdade são expostas por Kehl como emblema da falta de disciplina, do desmazelo com a hereditariedade e com a falta de hábitos morais

elementos esses que deveriam ser ocultados pelas roupas e, se possível, escondidos do contato humano. Os corpos tortos educariam para a diversidade, retirando a ênfase do corpo belo, fazendo-o quase invisível quando posto em meio à multidão de degenerados. A beleza deve ser exposta e ser vista como norma; para tanto deve se sobrepor, ocultar a imperfeição, deve incentivar a vergonha das deformidades e a timidez expressa em muitas roupas. A fealdade, quando revelada, deveria servir somente para conferir centralidade e superioridade ao corpo belo, deveria depor contra a indolência, a indisciplina e a imoralidade.

Não é encompridando calções ou cobrindo os seios que se moralizam as praias, mas cobrindo fealdades indecorosas, impedindo insolências e atitudes licenciosas.

Apollos e Venus podem expor-se nus à luz meridiana, aos olhares da multidão porque sua beleza não offende, não é lúbrica, mas pura e magestosa. (KEHL, 1927a, p.19)



Figura 21: “Salto de agilidade”<sup>184</sup>

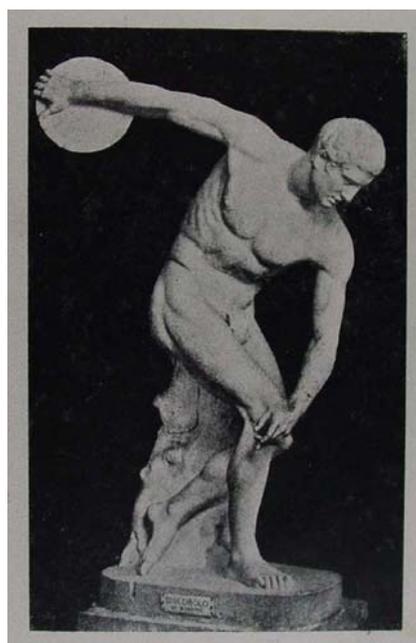


Figura 22: Discóbolo<sup>185</sup>

Belos corpos deveriam ser reverenciados em poucas roupas mostrando as qualidades físicas associadas a uma moral higiênica e eugênica, elementos fundamentais para a educação de um senso estético eleito por Renato Kehl. As roupas que vestem a

<sup>184</sup> KEHL, R. *Formulário de Beleza: receitas escolhidas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927a, s/p.

<sup>185</sup> KEHL, R. *A Cura da Fealdade: Eugenia e Medicina Social*. São Paulo: Monteiro Lobato & CO Editores. 1923a, s/p.

beleza deveriam ser encurtadas na mesma medida em que as deformidades, escondidas; os atributos de disciplina e moral seriam associados aos exercícios físicos e à exposição recatada de belas misses. Segundo Kehl:

A exibição pública da perfeição física masculina e feminina, longe de attentar contra pudicícia actua como elemento moralizador, como factor educativo, combatendo a hypocrisia de pseudo-recato, além de concorrer para o aperfeiçoamento plástico da raça. (1927a, p.55)

Com o objetivo de educar a sensibilidade de seus leitores, o autor arquiteta um movimento de “Eugenia positiva” que incide sobre a educação de jovens e adultos, fator fundamental para assegurar os bons casamentos e as proles superiores. Com o desejo de educar o instinto de reprodução, ou ainda a seleção sexual, de seus leitores, constrói um movimento que institui a beleza e a normalidade como fator fundamental e primeiro na escolha do cônjuge.

“Favoravel à procreação sã ou fomento da paternidade digna”, a “Eugenia positiva” traçada por Kehl promove uma educação que favoreça a procriação dos bem dotados e a formação de qualidades hereditárias ótimas (KHEL, 1926b, p. 158). Referir-se à paternidade digna significa saber distinguir, em meio aos múltiplos degenerados, que se aglomeram nas grandes cidades, os atributos de um ser eugênico. Segundo Kehl:

A *Eugenia Positiva* se applica em educar a mocidade para o matrimonio, se empenha na educação sexual dos jovens dos dois sexos, de modo a combater a ignorância sobre os verdadeiros fins do casamento que são as boas procreações; consiste em civilizar o instinto de reproducção, este instinto que Pinard diz ser ‘o mais poderoso, o mais nobre de todos, porque elle representa a salvação da espécie, pois que elle tem por missão assegurar sua conservação. A Eugenia positiva é a mentora das boas ligações, não permite que o ‘amor se deixe arrastar como um inconsciente, como um louco, como um criminoso’, conforme acontece muitas vezes. (KEHL, 1922, p. 28)

Incorporados a um projeto que evidencia, incita e valoriza corpos belos, os exercícios físicos educam os sentidos dentro das concepções estéticas eugênicas. Visibilizando belos corpos em movimento e, associando-se a valores como disciplina, saúde e normalidade intelectual e moral, auxilia na constituição do movimento eugênico pensado por Renato Kehl. Aos meus olhos, a ginástica em trajes simples, os concursos de miss, assim como os argumentos em favor da nudez e da moda “higiênica”, configuram um programa de educação e seleção matrimonial – elementos base para uma proposta de “Eugenia positiva”. Prevenindo crianças e jovens, auxiliariam numa

educação sexual que vai além dos mecanismos da reprodução, ensinando lhes como escolher, eugenicamente, maridos e esposas. Divulgadora da beleza, evidenciaria a perfeição, atuando como uma das ferramentas destinadas a “proteger a humanidade do cogumelar de gentes feias”.

## *Considerações finais...*

Cinco modelos tiveram sua participação vetada no evento de moda Passarela Cibeles, que começará nesta segunda-feira em Madri, por causa de sua "magreza excessiva". A proibição tem como base uma decisão do governo regional para combater a anorexia. (...)

A autoridade espanhola resolveu proibir as modelos magras demais para evitar o mau exemplo dado às jovens espanholas, que ficam obcecadas com os quilos a mais e podem desenvolver distúrbios alimentares sérios, como a anorexia.<sup>186</sup>

Os Governos de alguns países, embasados pelas noções de saúde e doença que acompanham o nosso tempo, têm tomado medidas que tentam amenizar os “problemas” decorrentes da anorexia. Sem entrar no mérito da discussão sobre o Índice de Massa Corporal (IMC) ou ainda, daquilo que é considerado “magreza excessiva”, coloco-me a pensar o lugar assumido por mulheres magras que simbolizam glamour e requinte. O próprio conceito da palavra “modelo” insere em alguns corpos o emblema daquilo que deve ser seguido, dissemina noções e valores, que dada cultura elege como belo. Para os Governos que vetaram meninas “abaixo do peso”, um dos argumentos que reforçaram suas posturas foi justamente o combate à eleição e manutenção de um dado tipo de corpo, a um modelo que, segundo especialistas, não seria considerado “saudável”.

Depois de ler e reler as obras de Renato Kehl, respirar suas idéias e transcrever seus textos não me furto de pensar as proximidades entre o fragmento acima citado e algumas idéias contidas em suas obras. Ao longo da década de 1920, Kehl já apontava o uso de “modelos” corporais como capazes de educar e disseminar noções beleza. Legitimado biologicamente, dentro de seus critérios de saúde e doença, lançava-se a

---

<sup>186</sup> Publicado em 17/09/2006. Acessado em 19/03/2008. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u64435.shtml>

propagar, com o auxílio dos concursos de miss, das ginásticas e da moda, a beleza esquadrihada dentro das noções eugênicas. Para esse eugenista:

Vários factores concorrem para a relativa educação plástica de hoje. Muita gente há, esperta em assumptos de traços e graça, sabendo já distinguir e classificar os typos femininos, devido às fitas cinematographicas, aos concursos de belleza, às praias de banho e, sobretudo, à moda actual dos poucos pannos! (KEHL, 1927a, p.56)

A popularização da beleza dada pelas películas do cinema, pelas revistas, pelos textos de Kehl, pelos tipos belos que povoam as praias e fazem ginástica, seria fundamental para manter avisada uma população que cresce, que procria e que põe no mundo toda sorte de taras. Kehl, em seus textos, se empenha em povoar a mente dos leitores com belas imagens e recorrentes dizeres do que é doença, feiúra e anormalidade. Propaga noções eugênicas por meio de concursos de miss, da ginástica em trajes simples e da moda de poucos panos.– educa o senso estético para o que seria a “verdadeira”, a “natural” conformação biológica humana.

Operando na mesma lógica desse eugenista, medidas que tentam marginalizar tipos de corpos, elegendo outros, atuam no sentido de educar a população, prevenindo-a sobre como a saúde se manifesta na carne. Enquanto Kehl se baseava no “Índice de Robustez”<sup>187</sup> e na “Média de Quetelet”<sup>188</sup>, hoje se utilizam o IMC e os cálculos de percentual de gordura; ações semelhantes pautadas em mensurações semelhantes, visando, a meu ver, a um objetivo semelhante: a saúde da população. Não me arriscaria a dizer que os objetivos eugênicos, tal qual os que inspiraram Kehl, tornam-se presentes em medidas como as tomadas pelos Governos da França e Espanha, mas a semelhança das estratégias utilizadas servem como indícios a nos fazer pensar...

Distúrbios alimentares como a anorexia, a insatisfação com o corpo e a proliferação de técnicas de embelezamento nos indicam que estratégias como as que Kehl utilizou para disseminar noções de beleza, em alguma medida, educaram as pessoas. A efetiva divulgação de modelos corporais materializa, hoje, alguns dos anseios desse médico eugenista que, em seus textos, deixava transparecer a crença de

---

<sup>187</sup> Equação matemática que, a partir de dados de estatura (E), perímetro torácico (Pt) e peso (P)  $[E - (Pt + P) = X]$  quantificam o estado de saúde da população. Quanto maior o resultado, pior seria a condição de saúde. Estas medidas eram utilizadas, por exemplo, na seleção de recrutas para o exército, além de ter sido utilizadas por Kehl em pesquisas junto aos habitantes de Merety, em fins da década de 1910. (KEHL, 1920b).

<sup>188</sup> Quételet, cientista belga que construiu a noção de “Homem Médio”, a partir de tratamentos estatísticos, especialmente a distribuição normal. (KEHL, 1923a)

que indivíduos, cientes de suas imperfeições, poderiam empenhar-se em corrigi-las, em normatizarem-se, em embelezarem-se. Assim:

Quantas crianças com desvios vertebraes, com más formações do esqueleto, quantas jovens com tendência a se tornarem excessivamente gordas, quantos jovens atrofiados e desengonçados – observando as perfeições e imperfeições alheias – poderão aquilatar dos próprios defeitos, ainda em tempo de os corrigir ou, de impedir que progridam! (KEHL, 1927a, p.57)

A identificação de “imperfeições” anatômicas e o recurso de “ajustá-las” circulam em nosso contexto, assumindo ares de “realização pessoal” e “auto-estima”, argumentos que compõem os “Formulários de beleza” do século XXI. Para Kehl, entretanto, muito mais que dar condições para identificação e retificação de defeitos, a propaganda da beleza atua no sentido de evitar que deformidades se materializem em outros corpos. Incidindo sobre as concepções do belo, educando na tentativa de instaurar a timidez e a vergonha das imperfeições físicas, os desvios vertebrais, os excessos de gordura e membros atrofiados deveriam ser ocultados, deveriam ser escondidos – atitudes e sentimentos que fazem parte do cotidiano de muitas pessoas nos dias de hoje. Para a Eugenia, as pessoas deveriam se conscientizar de suas anormalidades, evitando a geração de rebentos; afinal, segundo Kehl: “Pelo casamento nós revivemos nos nossos filhos, immortalizomo-nos nos nossos decedentes” (1923a, p. 209).

Semelhanças e distanciamentos entre a Eugenia e o contexto que nos circunda moveram meu olhar em direção ao Renato Kehl e à educação física, encaminharam-me ao longo deste texto com questões, receios e surpresas, levaram-me a descobrir mecanismos e estratégias de um médico eugenista, conduziram-me a pensar a Educação Física e os processos de generificação dos corpos e de visibilidade da saúde manifesta no corpo.

Ao longo da escrita dos cinco capítulos fui percebendo que as atividades físicas sistemáticas foram se adentrando no projeto eugênico de Kehl, assumindo posições diferentes. A educação física como educadora de uma sensibilidade eugênica ganha espaço, sobretudo, a partir dos primeiros anos da década de 1920.

Em fins da década de 1910, Renato Kehl ainda não havia conquistado o prestígio intelectual que o permitiria, mais tarde, editar maior número de obras. O início da campanha eugênica deste médico viu em seus livros a divulgação de uma ciência que poucos conheciam, limitava-se, muitas vezes, a falar sobre o que é, quais as finalidades

e os meios propostos pela Eugenia. Anos mais tarde, por volta de 1922, Kehl passa a editar mais livros, a Eugenia e seus conceitos já estavam circulando havia alguns anos e seu prestígio aumentava. Sentindo-se autorizado a falar de outros temas, Kehl aborda a educação física, a beleza, feiúra etc, agregando-as em seu projeto eugênico. Ao longo da década de 1920, o tom no qual Kehl se refere às práticas físicas sistemáticas muda. De textos que abordam a importância fisiológica e higiênica<sup>189</sup> dos exercícios, passa a associar a educação física à beleza e a generificação dos corpos, caminhando para uma estratégia que a vincula à educação do “instinto de reprodução”. Os exercícios físicos associados a esse projeto que visa a “civilizar a seleção sexual”, torna-se mais evidente em “Formulário da Belleza” (1927a).

Em meio aos inúmeros indícios deixados por Kehl fui percebendo que, em seus textos, os corpos em movimento expressam a perfeição. Feiúra, doença, assimetria, indolência e sedentarismo são atributos vinculados à inatividade e aos vícios. Conferindo elementos distintos a homens e mulheres, os exercícios físicos referenciam o corpo masculino como expressão singular de perfeição eugênica; centralidade assumida com o auxílio das obrigações femininas. A beleza, assume o tom imperativo a todas as mulheres, sobretudo porque a perfeição física feminina configura-se, nos textos de Kehl, como algo inalcançável. Diretrizes para o embelezamento se fazem presentes em todo momento ao lado de tabelas e medidas de proporcionalidade; subsídios que avisariam as mulheres sobre suas próprias imperfeições.

Como uma vitrine que expõe corpos belos, a educação física, ao ar livre e em trajes leves, educaria a população para as “verdadeiras” noções de beleza e perfeição, tornando-a apta a identificar o belo em homens e mulheres. Concorrendo assim para o projeto de “Eugenia positiva” traçado por Kehl, a educação física sensibilizaria a estética biológica, tornando as pessoas capazes de escolher bons maridos e esposas para a procriação “hygida”.

A educação física evidencia corpos aos moldes da Grécia Antiga, robustecendo fisiologicamente, educando nos caminhos da disciplina e saúde, enfim, embelezando pelas regras da Higiene. Para além do avigoreamento dos membros, emagrecimento das “ancas”, flexibilidade, agilidade e graça, configura-se como veículo de normas de conduta, generificando e normatizando corpos, delegando obrigações e estabelecendo

---

<sup>189</sup> A saber: *Melhoremos e prolonguemos a Vida* (1922), primeira obra, dentre as que tive acesso, onde Kehl aborda as atividades físicas. Nesse texto, dois capítulos foram destinados à educação física: “Exercícios Physicos” e “Precisamos Andar”.

modelos de beleza a homens e mulheres. A educação física, em meio ao projeto eugênico de Renato Kehl, para mim, apresenta “a perfeição expressa na carne”.

## Referências

ALMEIDA, M. A *Liturgia Olímpica*. In: Carmen Lucia Soares. (Org.). *Corpo e História*. 1 ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2001,

\_\_\_\_\_. *Prefácio*. In: SOARES, C. L. *Imagens da Educação no Corpo*: Campinas: Autores Associados; 1999.

APRECIACÃO DA OBRA “A Cura da Fealdade” - recorte avulso s/d, s/p. Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC

AZEVEDO, F. *O Segredo da Maratona*. In: *Annaes de Eugenia* – Sociedade Eugênica de São Paulo. São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919.

\_\_\_\_\_. *Da Educação Física, o que é, o que tem sido e o que deveria ser*. São Paulo Edições Melhoramentos, 1920a. 2ª. ed.

\_\_\_\_\_. *Antinüos: Estudo de cultura Athletica*. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920b.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. 6ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BIZZO, N.M.V. *Eugenia: quando a biologia faz falta ao cidadão*. Caderno de pesquisa. São Paulo SP. fev. 1995.

BLACK, E. *A guerra contra os fracos*. Editora: A Girafa, 2003.

BOLETIM DE EUGENIA. *Suplemento da “medicamenta”*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Eugenia, 1929 - 1933.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CASTANEDA.L. A. *Eugenia e casamento*. História, Ciência e Saúde: Manguinhos. N.1 Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo cruz, 2003.

CHARTIER, R. *Textos, Impressão, Leitura*. In: HUNT, L. (Org.) *A Nova História Cultural*. 2ª. Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

COSTA, J. F. *Ordem medica e norma familiar*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

COUTO, M. *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia In: Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia - Actas e Trabalhos*: Rio de Janeiro, 1929.

DIWAN, P. S. *Raça Pura: Uma história da Eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. *O espetáculo do feio: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl. 1917-1935*. Dissertação de Mestrado em História – Puc São Paulo.2003

\_\_\_\_\_. *Do feio ao belo: os caminhos da desumanização*. In:Projeto História: Revista do Programa de Pós Graduação em História e do Departamento de História da PUC/São Paulo. N ° 25 Dez 2002. São Paulo: Educ.

DOMINGUES, O. *Hereditariedade e Eugenia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1936

FALCON, F. J. *História Cultural: Uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro. Campos, 2002.

FONSECA, Á. F. da. *Os Grandes problemas da Antropologia*. In: Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro. 1929, pp. 63-86.

FONTENELLE, J. P. *Compendio de Hygiene Elementar*. Rio de Janeiro: Propriedade do autor, 1925. 2ª. Ed.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 24ª. ed. São Paulo: Graal, 2007.

FRAGA, A. B. *Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do séc. XXI*. In: SOARES, C. L.(Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_ e GOELLNER, S. *Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros*. In: Revista Movimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Vol 9, nº 03. Set. /Dez. 2003.

\_\_\_\_\_ *Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa*. Campinas: Autores Associados, 2006.

GALTON, F. *Hereditary Genius: an inquiry into its laws and consequênces*. 2ª. Ed. London: Macmillan and Co. 1892.

\_\_\_\_\_ *Inquiries into human faculty and its development*. 2ª Ed. London: J. M. Dent & Co. 1907.

GAYA, A. *Ciências do Movimento Humano*. Introdução à metodologia da pesquisa. Porto Alegre: ARTMED, 2008.

GINZBURG, C. *O queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_ *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.p. 143 a 179.

GOELLNER, S. e JAEGER A. (Orgs.) *Garimpando Memória*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

\_\_\_\_\_. *Mulheres, Memórias E Histórias: Reflexões Sobre O Fazer Historiográfico* In: GOELLNER, S. e JAEGER A. (Orgs.) *Garimpando Memória*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

\_\_\_\_\_. *Bela, maternal e feminina, imagens da mulher na revista Educação Physica*. Ijuí: Unijuí, 2003.

\_\_\_\_\_. *O método francês e a militarização da Educação Física na escola brasileira*. In: Amarílio Ferreira Neto. (Org.). *Pesquisa Histórica na Educação Física brasileira*. 1 ed. Vitória: Centro de Educação Física e Desportos/UFES, 1996, v. 1, p. 123-143.

GOIS JÚNIOR, E. *O século da Higiene: uma história de intelectuais da saúde (Brasil século XX)*. Tese de Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física – Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2003.

GOMES, A. C. *Escrita de Si, escrita da História: a Título de prólogo*. In: GOMES, A. C. *Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONÇALVES, A. e BASSO, A. C. *Atividade Física*. In: González, F. J. e Fensterseifer, P. E. (Orgs.) *Dicionário Crítico da Educação Física*. Ijuí: Editora da Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. e BASSO, A. C. *Exercício*. In: González, F. J. e Fensterseifer, P. E. (Orgs.) *Dicionário Crítico da Educação Física*. Ijuí: Editora da Unijuí, 2005.

HABIB. P. A. B. B. *“Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou”: raça, Eugenia e nação*. 2003. 175 f. Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Campinas.

JENKINS, K. *A história Repensada*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

KEHL, R. *Tipos vulgares: contribuição á psicologia prática*. 7ª. ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves 1958.

\_\_\_\_\_ *A cura do espírito* 2ª. ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves 1947

\_\_\_\_\_ *Bioperspectivas: Dicionário filosófico*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938.

\_\_\_\_\_ *Por que sou eugenista: 20 anos de campanha eugênica 1917-1937*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1937a

\_\_\_\_\_ *A fada Hygia primeiro livro de Higiene*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1937b.

\_\_\_\_\_ *Como escolher um bom marido: Regras práticas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ariel Editora Ltda 1935a.

\_\_\_\_\_ *Lições de Eugenia*. 2ª. Edição refundida e aumentada. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1935b.

\_\_\_\_\_ *Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1933.

\_\_\_\_\_ *A Eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico*. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, 1929a, pp. 45-62.

\_\_\_\_\_ *Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade*. Rio de Janeiro: *Boletim de Eugenia*, v.1, nº 5, mai. 1929b, pp. 01-02.

\_\_\_\_\_ *O Veneno N° 01*. Revista da Semana. Rio de Janeiro: 07 de janeiro de 1928.

\_\_\_\_\_ *Formulário da Beleza: Fórmulas Escolhidas*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves 1927a.

\_\_\_\_\_ *O Remédio Nº 01*. Revista da Semana. Rio de Janeiro: 19 de novembro de 1927c.

\_\_\_\_\_ *O Remédio Nº 02*. Revista da Semana. Rio de Janeiro: 03 de dezembro de 1927b.

\_\_\_\_\_ *Perguntas a um eugenista*. Rio de Janeiro: Estabelecimento Gráfico Canton, 1927d.

\_\_\_\_\_ *Bíblia da Saúde (hygiene)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926a.

\_\_\_\_\_ *A Nudez e a Plástica*. Revista da Semana. Rio de Janeiro: 27 de novembro de 1926b.

\_\_\_\_\_ *Mulheres Bellas*. Revista da Semana. Rio de Janeiro: 5 de junho de 1926c.

\_\_\_\_\_ *Como escolher uma boa esposa* Rio de Janeiro: Pimenta de Mello e C, 1925.

\_\_\_\_\_ *A cura da fealdade: Eugenia e medicina social*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co-Editores, 1923a.

\_\_\_\_\_ *O Homem Puro-Sangue*. Gazeta de Noticias. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1923b

\_\_\_\_\_ *Como escolher um bom marido?* Correio da manhã. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1923c.

\_\_\_\_\_ *Melhoremos e prolonguemos a vida: a valorização eugênica do homem*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1922.

\_\_\_\_\_ *Eugenia e Medicina Social: Problemas da vida* Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920a.

\_\_\_\_\_. *Povo São e Povo Doente: Algumas considerações e dados anthropométricos*. Rio de Janeiro: Publicações Brasil – Médico. 1920b.

\_\_\_\_\_. *Exercícios Physicos: A propósito do livro do Dr. Fernando de Azevedo*. O Jornal. Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1920c.

\_\_\_\_\_. *Annaes de Eugenia – Sociedade Eugênica de São Paulo*. São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

LOPES, M. M. *Feminismos e construções de culturas científicas: a atuação política de Bertha Lutz nas décadas de 1920 e 30*. In: VI Jornadas latinoamericanas de estudios sociales de la ciencia y la tecnología, 2006, Bogotá. VI Jornadas latinoamericanas de estudios sociales de la ciencia y la tecnología, 2006.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade : o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In:GOELLNER, S. V. FELIPE, J. LOURO, G. L. Corpo, Gênero e sexualidade : um debate contemporâneo na educação. Petrópolis : Vozes, 2003.

MALUF, M. e ROMERO, M. *A Sublime virtude de ser mãe*. In: Projeto História: Revista do Programa de Pós Graduação em História e do Departamento de História da PUC/São Paulo. N ° 25 Dez 2002. São Paulo: Educ.

MARQUES, V.R.B. *A medicalização da raça: médicos, educadores e o discurso eugênico*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

MASTERMAN, M. *A natureza de um paradigma*. In: Lakatos & A. Musgrave (Orgs.), *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1979.

MATOS, M. I. S. *Corpos numa paulicéia desvairada: Mulheres, homens e médicos: São Paulo 1990 – 1930*. In:Projeto História: Revista do Programa de Pós Graduação em

História e do Departamento de História da PUC/São Paulo. N ° 25 Dez 2002. São Paulo: Educ.

MAYR, Ernst. *O Desenvolvimento do Pensamento Biológico: diversidade, evolução e herança*. Tradução de Ivo Martinazzo. Brasília, DF: Editora da UNB, 1998.

MORAES, J. *Da Educação Physica como fator eugênico: sua orientação no Brasil*. In : Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia - Actas e Trabalhos: Rio de Janeiro, 1929.

MORENO, A. *O Rio de Janeiro e o Corpo do homem Fluminense: o não lugar da ginástica sueca*. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas: Autores Associados. Vol25, nº 01. Setembro de 2003.

MORENO, A. *Corpo e ginástica num Rio de Janeiro – mosaico de imagens e textos*. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação – Universidade Federal de Campinas. 2001. 246 f.

NALLI, Marcos. *O gene educado: a antropologia eugênica de Renato Kehl e a educação*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2000.

PAIVA, F. S. L. *Campo da Educação Física*. In: González, F. J. e Fensterseifer, P. E. (Orgs.) *Dicionário Crítico da Educação Física*. Ijuí: Editora da Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. *Sobre o pensamento médico-higienista oitocentista e a escolarização: condições de possibilidade para o engendramento do campo da educação física no Brasil*, Tese de Doutorado em Educação – UFMG. Belo Horizonte 2003.

PENNA, B. *Prefácio*. In: KEHL, R. *Eugenia e Medicina Social: Problemas da vida* Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920a.

PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RAGO, M. *Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. 3ª. Ed. Paz e Terra, 1997.

REIS, J. R. F. *Higiene mental e Eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30)*. 1994. 353 f. Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Campinas, 1994.

REVEL, J. *Foucault: Conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROCHA, H. P. L. *A higienização dos costumes: Educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*. Campinas SP: Mercado das Letras, São Paulo: Fapesp, 2003.

SANT’ANNA, D. B. *Cuidados de Si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil*. In: SANT’ANNA, D. B. (Org.) *Políticas do Corpo: Elementos para uma história das práticas corporais*. 2ª. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SCHPUN, M. R. *Beleza em Jogo: Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Editora Boitempo, 1999.

SCHWARCZ, L. M. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

SILVA, A. L. *Entre Lamarck e Mendel: Olhares eugênicos sobre a Educação Física* In: GOELLNER, S. e JAEGER A. (Orgs.) *Garimpendo Memória*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

\_\_\_\_\_, MORENO, A. e HABIB, P. B. B. “*Saúde, Belleza, Robustez e a Educação Physica*”: A Construção de uma sensibilidade eugênica. In *Anais do X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança. II Congreso Latino Americano de História de La Educación Física*, 2006.

\_\_\_\_\_ & MORENO, A. *Frankenstein e Cyborg: pistas no caminho da ciência indicam o 'novo eugenismo'*. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 8, nº 2, p.125-139 Jul-Dez/2005.

SILVA, T. T. *Documentos de Identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_ *Teoria Cultural e Educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, C. L. *Georges Hébert e o método natural: uma nova sensibilidade, nova educação do corpo*. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas: Autores Associados. Vol25, nº 01. Setembro de 2003.

\_\_\_\_\_ *Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas*. In: SOARES, C. L. (Org.). *Corpo e História*. Campinas – SP: Editora Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_ *Imagens da Educação no Corpo*: Campinas: Autores Associados; 1999.

\_\_\_\_\_ *Educação Física raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOUZA V. S. *A Política Biológica como projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós graduação da COC/Fiocruz, 2006.

STEPAN, N. L. *The hour of eugenics, race, gender and nation in Latin América*. London: Cornell University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. *A hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

WAIZBORT, R.: *Notas para uma aproximação entre o neodarwinismo e as ciências sociais*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12, n. 2, p. 293-318, maio-ago. 2005.